



Memória da Casa de Estudante de Cachoeiro de Itapemirim 1950-1970<sup>i</sup>

## **Entrevista com Abgar Torres Paraíso<sup>1</sup>**

**Paulo Roberto Fabres<sup>2</sup>: Comente como foi seu contato com o movimento estudantil cachoeirense, em especial com a Casa do Estudante.**

**Abgar Torres Paraíso:** Eu comecei atuar no movimento estudantil em Cachoeiro num congresso da UCES (União Cachoeirense de Estudantes Secundaristas) em 1959, quando fui convidado pelo professor Luiz Cláudio Gazir, que era estudante de Direito da PUC do Rio e morava em Cachoeiro. O Gazir nos convidou para participar desse congresso, e a partir a gente começou a participar do movimento estudantil. Depois disso, a gente passou a atuar no Grêmio do Liceu, e mais tarde na Casa do Estudante. Essas eram as três entidades que a gente pertencia, a UCES, a Casa do Estudante e o grêmio do Liceu. A distinção entre a UCES e a CECI, era que a União Cachoeirense de Estudantes era uma entidade que atuava na defesa do estudante e a Casa de Estudante era mais voltada ao movimento mais assistencial, na verdade não só um movimento assistencial, mas também social. Era a CECI que detinha o direito de expedir carteirinhas de estudante, que dava direito ao pagamento de meio ingresso em cinema, e o grosso da renda dela provinha da emissão das carteirinhas. Curiosamente, eu não sei por que, o direito da CECI em emitir as carteiras de estudante era um direito que havia sido homologado pela CCPL, que era uma indústria de laticínios, eu não consegui descobrir o porquê disso até hoje. O fato é que a Casa de Estudante se mantinha durante o ano todo com a renda proveniente da emissão de carteirinhas estudantis. As atividades eram praticamente as reuniões, e a gente dizia com orgulho que a Casa de Estudante era uma escola de parlamentarismo. Interessante isso, escola de parlamentarismo porque todo mundo se tratava por “vossa excelência”, com a maior educação, com muita urbanidade e respeito, não havia essas cenas que a gente vê hoje nas Assembléias,

---

<sup>1</sup> Abgar Torres Paraíso é jurista e trabalhou em várias instituições de ensino de Cachoeiro. Paulo Roberto Fabres, Bacharel em Ciências Sociais (UFES), Mestre em História Social das Relações Políticas (PPGHIS-UFES), coordenador da linha de pesquisa História e Memória do NEI, Editor da Revista Sinais (ISSN 1981-3988)



Senado e Câmara (risos). Nos finais de semanas organizávamos as “domingueiras”, que eram as tardes dançantes, e eventualmente promovíamos os bailes com uma orquestra.

**Paulo Fabres: Quem eram as pessoas que estavam envolvidas com a CECI nesse momento?**

**Abgar Torres Paraíso:** Nesse momento participava o meu irmão Bruno, Antônio Luciano Fuser, o próprio Luis Cláudio Gazir, Maria Estela Campos, Sérgio Bermudes, que chegou um pouco depois, José Augusto Marcos Coutinho, que era de Minas e se mudou para Cachoeiro, o Marcos Coelho, em fim, era um grupo grande. Na verdade, a maior parte dos participantes de diretoria da UCES e da Casa do Estudante era alunos de escola pública, do Liceu, que era tido como o melhor colégio de Cachoeiro e que rivalizava com o Colégio Estadual de Vitória como o melhor colégio do Espírito Santo. Os colégios particulares não tinham essa fama. Havia o Cristo Rei, que na época era um colégio de moças, o Ateneu, que tinha à frente o Revendo Jader, e a Escola de Comércio, que era da família Herkenhoff. O Cristo Rei tinha o ginásio e o curso normal, o Liceu o ginásio e o curso científico, e a Escola de Comércio e o Ateneu tinham ginásio e escola técnica, formavam contabilistas, mas o grosso do pessoal que militava no movimento estudantil era aluno do Liceu. Todo mundo tirava carteira de estudante na CECI. As alunas do Cristo Rei - que era um colégio caro e tido como de elite - que eram filhas das famílias de maior posse, não freqüentavam a Casa do Estudante. Alguns alunos da Escola de Comércio freqüentavam mais do que os do Ateneu, por causa de influência da família Herkenhoff, pois o Pedrinho (Pedro Estelita Herkenhoff) e o Joãozinho (João Batista Herkenhoff) tinham movido todo o processo de criação da Casa do Estudante.

**Paulo Fabres: Havia uma distinção entre a UCES, que era uma entidade de cunho mais reivindicatório, e a Casa de Estudante que tinha um caráter mais assistencialista e social. Essas entidades funcionavam simultaneamente nessa época?**

**Abgar Torres Paraíso:** Elas não só funcionavam ao mesmo tempo como também a UCES, que não tinha sede própria, se reunia na Casa de Estudante, e o relacionamento



entre elas era ótimo. Às vezes as lideranças pertenciam às duas entidades concomitantemente e, as vezes, ao Grêmio do Liceu também.

**Paulo Fabres: Qual era a pauta do movimento estudantil nessa virada da década de 1950 para 1960, havia uma discussão política além das preocupações culturais e sociais?**

**Abgar Torres Paraíso:** Não, na Casa de Estudante não havia um pensamento político, de certa forma a gente até dizia que a Casa de Estudante era apartidária, não se envolvia no debate político. Na época, o grosso do movimento reivindicatório se limitava, através da UCES, a brigar contra o aumento das mensalidades nas escolas particulares e contra o aumento de passagens dos ônibus urbanos, essas eram as grandes pautas da UESES (União Estudantil do Espírito Santo), uma entidade de abrangência estadual, da UNE (União Nacional de Estudantes) e da UME, que era a União Metropolitana de Estudantes, do Rio de Janeiro. A UME inclusive chegou a ser presidida por um cachoeirense, que era o Osíris Lopes Filho, que faleceu recentemente. De vez em quando o Osíris, para desgosto do pai dele, aparecia convocando uma greve contra coletivos urbanos no Rio de Janeiro, onde ele foi estudar direito. A pauta era isso aí. Às vezes nós participávamos de algumas reuniões do Sindicato dos Ferroviários, que tinha o Batistinha à frente e naquela época, pré-revolução de 1964, era um movimento forte. Até o golpe de 1964, essas entidades faziam basicamente isso, que era assistencialismo, e até mesmo algumas tentativas de greve, como a do Liceu, quando uma aluna teria sido suspensa ou expulsa. Houve ainda outra tentativa de greve contra a Escola de Comércio, por conta de aumento de mensalidade, e dessa greve eu me arrependo até hoje (risos).

**Paulo Fabres: Porque o Senhor se arrepende de ter participado desse movimento de greve contra a Escola de Comércio?**

**Abgar Torres Paraíso:** A gente era totalmente contra o ensino particular, pois a gente achava que o ensino deveria ser público, que o ensino particular cobrava mensalidades caras, então a gente era radicalmente contra o ensino particular.



**Paulo Fabres: Qual é a lembrança que o Senhor tem dos eventos promovidos pela CECI, como concursos literários, maratona de matemáticas, retórica, concurso de eloqüência, entre outros?**

**Abgar Torres Paraíso:** Esses eventos foram anteriores a nossa passagem pela diretoria da Casa do Estudante. A única Faculdade de Direito que existia no Espírito Santo era a Faculdade de Direito de Vitória, que posteriormente passou a integrar a UFES, onde eu estudei. Então, os estudantes de Cachoeiro, volta e meia, faziam um júri simulado, com o apoio da Casa do Estudante, como um que teve com José Aldino Theodoro e José Barlei Xavier, que era dono da Papelaria Vieira. Sei que antes de nossa passagem pela CECI havia também alguns concursos de oratória, com prêmio em dinheiro, mas nunca assisti a nenhum desses concursos.

**Paulo Fabres: Havia alguma ligação entre o movimento estudantil e os setores da política local, com os partidos ou com as lideranças políticas?**

**Abgar Torres Paraíso:** Não, nem mesmo da UCES. A gente tinha um jornalzinho da UCES chamado Reação, era um panfleto do tamanho de uma folha A4 dobrada, que a gente imprimia com uma falta de dinheiro terrível. A gente sempre se colocava contra o prefeito Raymundo de Andrade, e a UCES sempre criticava o prefeito dizendo que ele não parava na prefeitura, que era muito político, etc. Mas era engraçado, porque Raymundo Andrade era uma figura interessante e sempre levou isso na brincadeira. Um dia eu, Bruno e Fuser estávamos passando em frente da prefeitura, ele apareceu na sacada acenando para gente e disse: “hei, o perfeito está na prefeitura” (risos)

**Paulo Fabres: O movimento integralista de Cachoeiro tem uma história marcante, assim como PC do B e o PSB. Pessoas ligadas a estes grupos entravam na disputa por espaços no movimento estudantil?**

**Abgar Torres Paraíso:** O movimento integralista entrou em declínio depois do problema que houve na estação ferroviária de Cachoeiro, quando houve troca de tiros e duas pessoas foram mortas, uma história que inclusive foi publicada em uma revista de memória. A partir daí o movimento integralista diminui muito, praticamente acabou. Quando a gente estava participando do movimento estudantil havia duas ou três pessoas bem conhecidas na comunidade, que eram ideologicamente integralistas, mas não



participavam de um movimento em partidos. Eles eram ideologicamente integralistas, mas eram pessoas muito discretas. Agora, em relação ao PC do B e o PCB em Cachoeiro, havia entre os dois uma rivalidade muito grande, essas cisões que eles tiveram em Cachoeiro era bem marcada, mas essa turma se concentrava no Sindicato dos Ferroviários, onde eles eram atuantes. Que eu me lembre dessa disputa só se dava no Sindicato dos Ferroviários.

**Paulo Fabres: Segundo relatos que obtive o movimento nacionalista dividiu ideologicamente a cidade, qual a lembrança que o Senhor tem desse movimento?**

**Abgar Torres Paraíso:** As lembranças que tenho sobre esse movimento nacionalista são lembranças jocosas, porque a gente dizia que esse movimento nacionalista em Cachoeiro era de revolucionários de mesa de bar, de mesa de botequim. Discutia-se muito política e nacionalismo em um bar que ficava na praça em frente ao Cine Broadway, que ficou conhecida na cidade como Praça Vermelha, porque os esquerdistas da cidade se reuniam lá, no bar do Ramon. Todas as noites esta turma estava sentada lá, e às vezes aparecia o Dr. Mancini que era Monarquista, para discutir com o pessoal. Tudo era uma muito divertido, monarquista no meio de esquerdistas, mas, na verdade, nunca ninguém fez qualquer movimento, nem falou em pegar em armas. Havia o Clube dos Onze em Cachoeiro, que eu participei junto com outras pessoas. Era um movimento do Brizolismo que formava grupo de onze pessoas para discutir problemas do Brasil, e que era também formado por gente que não tinha nada a ver com o esquerdismo. Lembro que na época participei de um debate com Edna Lott, que era deputada pelo Distrito Federal, sobre nacionalismo que foi realizado no auditório do Jardim de Infância. Houve também a ida de Roland Corbisier, um filósofo que fez uma palestra extraordinária sobre filosofia e nacionalismo, que foi de se ajoelhar. Houve também um médico de Colatina que era Deputado Federal e tinha como bandeira a reforma agrária, eu não lembro o nome dele agora, que também participou desse debate em Cachoeiro. Um movimento interessante, que depois foi imitado em Vitória, foi a manifestação que nós fizemos contra a Central Brasileira de Força e Luz, por conta do aumento do preço do quilowatt da energia elétrica. A empresa era uma subsidiária de uma multinacional canadense, e essa foi uma manifestação que eu classifico como típica de um movimento civil, de rebeldia civil. Na época, as contas de energia eram pagas na agência da



empresa, não havia cobrança bancária. Nós então fizemos piquetes e pedimos à população para não pagar a conta de luz, e a população ficou três meses sem pagar energia. O resultado foi que eles reduziram o preço do quilowatt. Não houve corte de energia e nem uso de força policial. Na época eu era estudante de direito em Vitória, e houve um movimento na Praça Costa Pereira, idêntico ao que fizemos em Cachoeiro. Nós participamos também de um movimento contra a concessão de isenção para a Itabira Agro-Industrial. Eu me lembro de que a coisa estava sendo debatida na Câmara Municipal, e o Diretor do Liceu, o professor Athayr Cagnin, suspendeu as aulas com medo de haver um tiroteio ou qualquer coisa desse tipo. O Athayr pegou nós três, eu Bruno e Fuser, e nos levou em casa pessoalmente, entregou aos pais e falou “está havendo um risco de problemas entre participantes do movimento e a polícia militar, e os filhos de vocês estão entregues em casa”. Logo em seguida nós fugimos de casa e fomos para lá. Havia policiais em cima de camionete com armas em mãos, metralhadoras, e a coisa esquentando lá na Câmara contra a isenção à Itabira Agro-Industrial. Depois com a revolução de 1964 isso tudo veio a tona, mas, na época, o único do time que foi preso foi o Fuser, isso porque ele ficou se dizendo comunista. Os outros foram envolvidos em um inquérito policial militar, fomos intimados e ouvidos no Tiro de Guerra, não chegamos a ser denunciados, mas fomos ouvidos.

**Paulo Fabres: Em termos culturais, como era Cachoeiro de Itapemirim naquele momento?**

**Abgar Torres Paraíso:** Cachoeiro sempre foi chamada de Atenas Capixaba. O movimento cultural naquele momento era muito bom, e desse pessoal que participou do movimento estudantil havia poetas como Nei Santos Vianna, que está escrevendo poesias até hoje, Maria Aparecida Depes Estalone, que é casada com Dilton Lírio, entre tantas outras pessoas. O movimento estudantil se prestou a também despertar esse lado de busca intelectual de algumas pessoas. Outra coisa interessante é que na época não existia televisão, e a gente tinha sempre um grupinho que sentava na Praça Jerônimo Monteiro para discutir literatura, para conversar sobre o que cada um tinha lido, sobre as notícias, etc. Isso tudo em decorrência do movimento estudantil. Chegou a ser fundado o Cenáculo, que era um movimento só de estudantes, tendo o Miguel Depes Tallon à frente. Mais tarde o Miguel veio a ser professor de história da UFES, e atuou no



Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Havia um bom movimento nesse sentido, mas que acabou depois da revolução de 1964, porque todos ficavam com medo pois Polícia Federal vivia vigiando. Durante esse período da revolução eu fui diretor de uma faculdade em Cachoeiro, e todo o ano a Polícia Federal mandava um ofício solicitando a relação dos membros do Diretório Acadêmico. Os colégios, os grêmios, os diretórios acadêmicos, todos os anos enviavam uma relação dos membros das entidades para à Polícia Federal, eles fiscalizavam, vigiavam. Eles sabiam o que cada um fazia, isso para impedir a participação dos estudantes, depois de 1964 aconteceu muito pouca coisa em termos de movimentação estudantil. Outro fator que também contribuiu para diminuir a participação do estudante foi transformar os cursos, que eram seriados, em períodos acadêmicos. No curso seriado, o aluno fica um ano na mesma sala com os colegas, isso possibilita criar amizades, laços de afinidades, solidariedade, o que faz com que o grupo se una e se defenda, mas quando você tem um sistema de período, ninguém conhece ninguém. Você tem alunos de várias turmas diferentes em um período, e isso ajudou a dissolver, a enfraquecer o momento estudantil.

**Paulo Fabres: Houve algum rebatimento da representação estudantil da CECI dentro da comunidade cachoeirense?**

**Abgar Torres Paraíso:** Com a comunidade não, só mesmo com os estudantes e restrito a sede da CECI. Nunca houve a participação da comunidade, e acho até que foi erro que a gente cometeu, o de não ter feito esse tipo de trabalho, de não ter criado novas lideranças, e isso também deve ter ajudado a enfraquecer esse movimento.

**Paulo Fabres: Existem algumas pessoas que são freqüentemente citadas quando se fala do movimento estudantil cachoeirense, um deles é o Fuser, fale um pouco sobre ele, sobre seus traços mais marcantes.**

**Abgar Torres Paraíso:** O Fuser era uma figura carismática, tinha uma voz muito boa, inclusive era locutor de rádio. Ele começou como locutor da Rádio Cachoeiro e depois foi para o Rio de Janeiro e onde trabalhou como locutor da Rádio Relógio. Fuser participou do movimento sindicalista no Rio, tanto ele quanto a mulher sempre participaram do movimento sindicalista, ela na área de publicidade e ele como radialista. Então, ele tinha uma voz excelente, falava muito bem, e tinha uma excelente



cultura, era sempre um prazer ouvir um discurso do Fuser. Os grandes ídolos da gente nessa época eram os políticos que tinham habilidade de discursar. O Brasil teve excelentes oradores, o Carlos Lacerda, Brizola, no Espírito Santo tinha o Dirceu Cardoso, o Eurico Rezende, o padre Clóvis Estenzel. A gente freqüentava comício para ver o pessoal falar, o Fuser principalmente, ele não perdia um, gostava esse tipo de coisa, e depois sempre comentava: “ele citou isso aí, fui achar essa citação no livro tal”. Todas as influências do Fuser no movimento estudantil foram positivas. Uma vez ele fez uma campanha contra o diretor do Liceu, o Athayr Cagnin. Ele subia no muro do Liceu com um megafone na mão, isso na hora da formação dos alunos para entrar em sala de aula, o que era uma prática da época, e fazia uma pregação contra o diretor. Ele foi realmente uma influência muito boa e positiva.

**Paulo Fabres: E o Miguel Depes, como ele se posicionava dentro do grupo?**

**Abgar Torres Paraíso:** O Miguel Depes já era bem mais novo, ele não era desse lado de oratória, ele sempre foi um intelectual. Quando eu estava em Cachoeiro e ele ainda era estudante, a gente sempre se encontrava e conversava, mas ele sempre teve esse viés intelectual. Ele participou do Cenáculo em Cachoeiro, e depois em Vitória, fez parte do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo por muito tempo.

**Paulo Fabres: Fale sobre os jornais de Cachoeiro, eles tinham penetração na comunidade? Os estudantes que atuavam na CECI dessa época escreviam para essas publicações?**

**Abgar Torres Paraíso:** Havia dois jornais na cidade, que era o Arauto, que pertencia ao grupo João Santos, e o Correio do Sul, que era do Waldemar Mendes de Andrade, e que depois foi dirigido muito tempo pelo genro dele, o Paulo Mattos. O Arauto era de pequena circulação, e não era um jornal de grande penetração. O Correio de Sul era um jornal de notícias em geral e que também publicava crônicas. No ano passado, a Secretaria Municipal de Cultura de Vitória lançou três livros, sendo um com as crônicas de Waldemar Mendes de Andrade, outro da poetisa cachoeirense Marli Oliveira, que foi casada com João Cabral de Melo Neto, e um livro sobre a história do rádio no Espírito Santo desde a fundação da Rádio Capixaba. Nesse livro de Waldemar Mendes, os textos





são de um português incrível, e todos eles voltados para a política, para a política partidária tanto estadual quanto municipal, mas ele tece comentários sem qualquer tipo de crítica, de ataques. Até onde eu me lembro, não havia também rivalidade entre os dois jornais com relação a tiragem.

**Paulo Fabres: Cachoeiro tinha algumas figuras como Newton Braga, Solimar Soares da Silva, Nei Santos Vianna, Solimar Oliveira, entre tantos outros. Quais as influências que esses intelectuais exerceram sobre a juventude cachoeirense, em especial sobre os estudantes envolvidos com as atividades da Casa do Estudante?**

**Abgar Torres Paraíso:** O Solimar tinha uma poesia que ia mais para o parnasianismo, e o Newton para o modernismo, mas o Newton foi embora muito cedo para o Rio de Janeiro, o que ficou foram os livros que ele publicou. O Solimar de Oliveira, apesar de ser um excelente poeta, um poeta quase perfeito, a poesia dele era muito restrita a grupos intelectuais, a Academia Cachoeirense de Letras, como outros poetas, como Nordeste Filho, Trófolis Ramos, que foi tipógrafo do Correio do Sul. Esse pessoal todo, Newton, Rubem, Trófolis, Nei Vianna, começou no Correio do Sul, que era o veículo através do qual se tinha conhecimento dessas pessoas.

**Paulo Fabres: Uma figura recorrentemente citada quando se fala da CECI é o Luiz Cláudio Gazir, fale um pouco sobre ele.**

**Abgar Torres Paraíso:** Até onde sei o pai do Gazir era funcionário da Coletoria Estadual, e a família dele se mudou para a Cachoeiro, estudou lá e deu aula no Liceu, onde fui aluno dele de história. Ele se relacionou muito bem com o meio estudantil, foi presidente da CECI, passou a vida dele inteira lecionando em Cachoeiro, aposentou e foi embora para Niterói, e agora eu soube que ele está em Vitória. Ele era uma figura muito boa, uma figura muito interessante e era mais articulador, ele era realmente muito político, um hábil articulador.

**Paulo Fabres: Outro educador sempre lembrado como um incentivador da juventude à participação nas atividades estudantis é o professor Deusdedit Baptista. Qual era o perfil do professor Deusdedit e como foi sua relação com ele?**



**Abgar Torres Paraíso:** O Deusdedit me considerava como filho. Fui aluno dele no Liceu, depois trabalhamos juntos na prefeitura de Cachoeiro na gestão do Helio Carlos Manhães, Roberto Valadão e do Gilson Carone, que eram os prefeitos do MDB e depois PMDB. Eu havia sido aluno dele e depois passamos a ser secretários municipais, eu secretário de assuntos jurídicos e ele de planejamento. Nós sempre tivemos um relacionamento muito bom, muito bom mesmo. Quando fui fazer o concurso para juiz ele cobria minhas ausências na prefeitura e ainda ficava me incentivando a estudar, mandava livros, dava dicas. Ele foi professor de todo mundo em Cachoeiro, porque ele foi professor do Liceu a vida inteira, se aposentou como professor do Liceu. Ele também lecionou muito tempo no Cristo Rei, foi professor da faculdade de filosofia, que era mantida pelo Cristo Rei, e foi professor na faculdade de direito. Então todo mundo em Cachoeiro foi aluno dele em algum momento. Como ele era uma pessoa extremamente inteligente, extremamente capaz e acessível, ele deixou marcas profundas naqueles que foram seus alunos, assim como João Madureira, que é outra pessoa inesquecível de Cachoeiro de Itapemirim. Foram professores que deixaram marcas, professores que eram monstros sagrados, eram catedráticos de ensino médio. No Liceu havia cinco catedráticos, professores que realmente fizeram concurso para cátedra. Interessante, tem um aí que não podemos deixar de mencionar, que é o Alan Monteiro, que era outra figura maravilhosa. O Alan era escrivão de polícia e professor de contabilidade, dava aula na Escola de Comércio e no Ateneu Cachoeirense. Certa vez nós criamos em Cachoeiro um curso de contabilidade, isso dentro da campanha nacional do educandário gratuito. Um dia encontrei com Alan e ele disse: “que negócio é esse, eu dei aula de contabilidade para todo mundo em Cachoeiro e vocês não me chamaram para dar aula aqui?”. Então arranjamos um lugar para ele dar aula. O Alan ajudava a gente na Casa do Estudante, ele também era diretor da Casa do Estudante, e como escrivão de polícia, ele mandava policial para dar segurança em bailes, pois volta e meia tinha uma briga, e tinha uns policiais para colocar ordem. Uma coisa inesquecível dele foi quando passei no concurso de juiz e fui tomar posse. Ele encontrou com alguém de Cachoeiro e ficou sabendo da minha posse, então ele entrou numa loja comprou um terno e foi para lá assistir. Outra figura interessante também era o Eraldo Xavier Peixoto, hoje falecido. O Eraldo era casado, uma pessoa muita ponderada, e que participou muito tempo do movimento estudantil. Ele era natural de Santo Eduardo, no



Estado do Rio, e era aluno da Escola de Comércio. Esse time de pessoas que se dedicou ao movimento estudantil e participou da Casa do Estudante.

**Paulo Fabres: O Senhor Se lembra das publicações estudantis, dos jornais publicados pelos estudantes nessa época?**

**Abgar Torres Paraíso:** O único jornal que me lembro que nós publicamos foi pela UCES, o jornal Reação, não que o jornal fosse reacionário (risos), era reação ao estado de coisas.

**Paulo Fabres: Em sua opinião o que sobressai dessa sua experiência no movimento estudantil em Cachoeiro?**

**Abgar Torres Paraíso:** Eu acho que houve momentos excelentes, marcantes, mas o que nos levou para o movimento estudantil, o que foi mais marcante nisso foi ter sido aluno do Liceu. Ser aluno do Liceu é um estado de espírito, você nunca mais esquece. O que a gente aprendia no Liceu era o que nós colocávamos em prática no movimento estudantil. Mas no movimento estudantil, não me recordo de algo que tenha deixado marcas profundas, porque a gente fez algumas ações que não foram vitoriosas para a gente. Na verdade, a gente fazia um movimento, mas não tinha como ganhar do sistema. A gente fez o movimento, tentou fazer o que pode, mas os resultados não foram os que desejávamos.

**Paulo Fabres: E no movimento cultural desse período que o Senhor participou, houve alguma coisa que pudesse ser destacada?**

**Abgar Torres Paraíso:** Não, nem mesmo concurso literário a gente promoveu. Nós debatíamos muito, mas entre a gente. O que a gente participou mais foi olimpíada, dos jogos Raimundo Andrade, mas através do Liceu, não era pela Casa do Estudante nem mesmo da UCES. Nessa época o movimento era muito restrito, o estudante não tinha muito espírito de combatividade.

**Paulo Fabres: Até que ponto a CECI ajudou na formação intelectual, política e de cidadania dessas pessoas que estavam na liderança do movimento?**



**Abgar Torres Paraíso:** A Casa de Estudante ajudou, porque como eu disse, ela era considerada uma escola de parlamentarismo, ajudou nesse sentido, mesmo porque essas pessoas também tinham uma boa base cultural e queriam participar desse movimento. Na verdade, dessas pessoas que falamos aqui são poucos o que não produziram alguma coisa intelectualmente, praticamente todo mundo aí tinha um tipo de produção intelectual.

**Paulo Fabres: O Senhor gostaria de fazer mais algum registro sobre a CECI e o movimento estudantil de Cachoeiro?**

**Abgar Torres Paraíso:** Hoje eu acho que esses movimentos são imprescindíveis para a formação dos estudantes, me parece que eles só vão realmente desenvolver um espírito público se eles passarem por esses movimentos estudantis. O que a Revolução de 1964 fez foi tirar esse espírito de reunião dos estudantes, tanto é que até hoje a UNE não conseguiu retomar o pique e a importância que ela tinha antes. Se você observar, boa parte dos políticos de hoje participaram da UNE antes da Revolução, como o José Serra, e muitos outros. Hoje não, você mal ouve falar e muito poucos sabem quem o presidente da UNE. Não sei hoje em Cachoeiro ainda existe a UCES, o que sei é que algum tempo que depois que nós saímos entrou um pessoal com Roberto Valadão, mas aí o movimento já estava estroçado. Eu acho que sem participar desse movimento, a cidadania fica um tanto imperfeita, a participação neste tipo de movimento contribui decisivamente na formação da cidadania.

**Obrigado**

---

---

**Depoimento de Bruno Torres Paraíso<sup>3</sup>**

**Paulo Fabres<sup>4</sup>:** *Como foi o seu contato com a Casa do Estudante de Cachoeiro de*

---

<sup>3</sup> Bruno Torres Paraíso é jornalista, com atuação, primordialmente, no Rio de Janeiro, com passagem pelo *Correio da Manhã* e o *Jornal do Commercio*, além de haver dirigido por 20 anos a revista *Rumos*, de desenvolvimento econômico. Foi presidente do Grêmio do Liceu Muniz Freire, da Casa do Estudante de Cachoeiro de Itapemirim (CECI) e da União Cachoeirense de Estudantes Secundários (UCES), e um dos membros fundadores da Academia Cachoeirense de Letras (ACL).



### ***Itapemirim (CECI) e quem eram as pessoas envolvidas com o movimento estudantil cachoeirense naquele momento?***

**Bruno Paraiso:** Eu chequei em Cachoeiro no ano de 1953, vindo de Afonso Cláudio, onde morei, com minha família, durante quatro anos, e concluí o primário. Nessa época, meu pai, que era coletor estadual, funcionário da secretaria da Fazenda do estado, aposentou-se, num gesto magnânimo, típico dele, para que os filhos, eu e meu irmão Abgar, pudessem cursar o secundário. Ele tinha duas saídas: mandar-nos para o internato ou morar num lugar onde houvesse o secundário, coisa ainda difícil no Espírito Santo, nos anos de 1950. Depois de muito meditar, ele escolheu Cachoeiro para morar por causa do Liceu, colégio do qual colheu referências fantásticas, que muito impressionaram. Em Cachoeiro, preparei-me para o exame de admissão ao Liceu, que era pesado, com o professor José Xavier do Valle, um maranhense baixinho, mas de postura muito elegante, altiva, que sabia português como poucos, assim como também era bom em matemática. Passei no exame de admissão do Liceu e, nos meus primeiros anos de estudos, fui bastante alienado em termos de política estudantil. Ainda que de longe, no entanto, já via a Casa do Estudante como uma referência de entidade atuante. Ela foi criada pelos Herkenhoff, Pedro e João, que eram católicos, e sem nenhum demérito ou crítica, eles tinham uma visão excessivamente purista do catolicismo. Os não católicos praticantes eram vistos como pessoas diferentes, suspeitas. Eu havia feito a primeira comunhão, mas estava longe de ser um católico praticante, desses que vão à missa todos os domingos. O Joãozinho [João Batista Herkenhoff] reconheceu mais tarde e fez um *mea culpa* em relação a isso. Certamente, é dos capixabas mais íntegros que conheço. Hoje, ele continua católico, mas é um humanista da maior respeitabilidade, com uma visão muito aberta da vida e do mundo, um baluarte da justiça capixaba e muito respeitado na defesa que faz dos direitos humanos. O Liceu tinha enormes vantagens comparativas em relação a outros colégios: era público, portanto, de graça, e a qualidade do ensino era excepcional. Cachoeiro não era Vitória, a capital, mas tinha

---

<sup>4</sup> Sociólogo e historiador social, editor da revista Sinais (ISSN 1981-3988), membro do conselho deliberativo e coordenador da linha de pesquisa de história e memória do NEI (Núcleo de Estudos e pesquisas Indiciárias), órgão vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo.



enorme importância econômica, educacional e cultural, especialmente no sul do estado. Eu me lembro que o grande nome pioneiro da Casa do Estudante foi o Pedro Estelita Herkenhoff, uma pessoa de trato finíssimo. Além de fundador, ficou à frente da CECI por muitos anos, mesmo depois que deixou de ser estudante e foi ser professor e dirigente do estabelecimento educacional fundado por seus pais. Era um príncipe, no melhor sentido do título. Os Herkenhoff são gente admirável. Faziam educação privada de alto nível em Cachoeiro, e não visavam a lucro. Distribuía bolsas de estudos em grande quantidade, sem qualquer cobertura governamental. O Pedrinho foi o grande criador e impulsionador da Casa do Estudante e ficou à frente da CECI. Nesse primeiro momento, a entidade não tinha uma conotação de órgão reivindicativo. Era na verdade uma instituição de benemerência, voltada para a promoção do estudante, para ajudar a abrir a mente dos mesmos sobre temas culturais relevantes e sobre o real significado da educação. Enfim, promovia debates, estimulava a expressão via oratória, concursos literários, e outras atividades importantíssimas, além de abrigar o estudante de fora, dando-lhe hospedagem, fora outras formas de apoio no caso dos mais carentes. Não fazia, porém, caridade, coisa de que os Herkenhoff seriam incapazes: eles ajudavam, apoiavam, davam suporte, com grande dose de generosidade, mas sem pieguice. A CECI tinha um dormitório destinado aos estudantes que não tinham onde morar. Portanto, a entidade tinha esse caráter assistencial, no bom sentido; não era nenhum demérito. Pelo contrário, constituía um valor. Repetia o modelo da Casa do Estudante do Brasil, com sede no Rio, fundada pela poetisa Anna Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça e o embaixador Paschoal Carlos Magno. O Espírito Santo, naquela época, tinha poucos estabelecimentos de ensino secundário e, nesse campo, Cachoeiro constituía uma referência, um polo educacional de primeira linha, com estabelecimentos do padrão do Liceu, do Cristo Rei, da Escola de Dona Aurora e seu Alfredo Herkenhoff, e do Ateneu Cachoeirense, de Dona Azenath de Moraes Coelho e do reverendo Jade Coelho. Todos eles faziam, dentro de suas possibilidades, um ensino de qualidade excepcional para os padrões dos anos de 1950 e 1960. Com essa linha de atuação, a Casa do Estudante permaneceu muito tempo tendo à frente o Pedrinho Herkenhoff, e ele, em determinado momento, alçou-se ao cargo prestigioso de Secretário de Educação e Cultura do Espírito Santo, e foi no exercício dessa atividade que morreu tragicamente num acidente de carro que chocou profundamente o estado e sua Cachoeiro natal. Quem



sucedeu na presidência da Casa do Estudante foi o Joãzinho Herkenhoff, que também permaneceu lá bastante tempo. Eu não tive qualquer participação na CECI nesse período, a não na forma de concursos literários. Até ganhei um prêmio, um livro do poeta Solimar de Oliveira, o *Ânfora Azul*. Solimar, que depois se tornou meu amigo. Solimar era um grande poeta, dos maiores já produzidos no Espírito Santo. Eu só entro na Casa do Estudante mais tarde, quando estava à frente da instituição o Luis Cláudio de Freitas Gazir, que era uma liderança incontestável e uma pessoa brilhantíssima, muito culta. Ele tinha berço, em se tratando de aptidões culturais. Afinal, era neto de Afonso Cláudio de Freitas Rosa, uma das inteligências mais luminares que o Espírito Santo produziu. O papel do Luiz Cláudio como estudante, líder estudantil e como professor, tenho eu a impressão de que ainda não foi devidamente reconhecido. Ele exerceu uma influência enorme, e altamente salutar, nos jovens que com ele conviveram, naqueles anos, que eram anos de formação. Ele não podia ser classificado como uma pessoa de esquerda, pelo menos não é essa a impressão que me ficou dele, mas tinha uma mente muito aberta, capaz de estabelecer com os jovens um diálogo maravilhoso e muito tolerante. Afinal, ele estudou na PUC, do Rio, uma universidade católica, mas muito conceituada pela qualidade do ensino que oferecia e ainda oferece. O Gazir convivia com estudantes que pensavam de diversas maneiras, e se dava muito bem com eles, estimulando o debate, a reflexão, despertando interesses por assuntos que às vezes eram inteiramente desconhecidos por esses jovens. E foi com Gazir que eu cheguei na Casa do Estudante, lá nos final dos anos cinquenta, onde permaneci até início dos anos sessenta. Ocupei uma diretoria e começamos a trabalhar, e eu pude ver que a Casa do Estudante passou por uma grande transição. Ela deixou de ter aquele caráter meramente assistencial e passou a ser também a ser um cenáculo de grandes debates sobre questões estudantis e sobre a política que se fazia no Brasil, não só ligada à educação, mas também aos temas do desenvolvimento nacional, incluindo o confronto da direita e a esquerda. Todos esses temas eram permanentemente debatidos, dentro e fora das reuniões, porque a CECI também se tornou um centro de encontros, de convivência, onde os jovens, a qualquer hora, eram bem chegados. Era um cenáculo aberto às mais diversas manifestações, onde não se via qualquer atitude de restrição ao pensamento. Pelo contrário, o ambiente era realmente democrático. Penso na CECI desse tempo como uma escola de democracia, na qual as diferenças nunca se



transformavam em inimizades, animosidades. Jamais vi ocorrer ali qualquer atitude voltada para restringir liberdade, manifestação de pontos de vista. O Gazir, penso eu, era um homem de centro, de muito boa formação, uma pessoa cultíssima, um historiador, e também versado em algumas línguas estrangeiras, o que não costumeiro para a época. Depois, ele foi também meu professor de Espanhol e de História, no Liceu. Não há como negar que, na sua longa permanência na CECI, ele foi um formador de líderes, um estimulador do desenvolvimento cultural de uma enorme quantidade de jovens, um grande praticante do difícil exercício da democracia, pois convivia com pessoas que pensavam diferente dele, mas isso jamais impedia que pudessem estar juntos e, de modo especial, trabalhar juntos na luta pela sobrevivência da CECI e no sentido de que ela cumprisse, realmente, o papel que lhe cabia como entidade não governamental: a de apoiar o aprimoramento do estudante, a de colocá-lo em contato com ideias, com novos horizontes culturais, de estimulá-lo a exercitar a sua criatividade. Era fantasticamente estimulante o ambiente da CECI nesse período. O Gazir era um mediador: deixava os debates esquentarem, dava as suas ideias, mas nunca impunha este ou aquele caminho. A lembrança que me ficou foi de uma pessoa tensa, corajosa, e também muito inquieta, irônica, quase sarcástica, mas capaz de compreender as limitações do outro. Na verdade, eu descobri os encantos da política estudantil ainda no Liceu, quando, num gesto inopinado, eu e companheiros muito queridos, como Antonio Luciano Fuzer, resolvemos concorrer à direção do grêmio do colégio, contra uma chapa muito poderosa, que tinha o apoio de um dos filhos de Raimundo Andrade, prefeito da cidade e homem de grande prestígio entre os professores e alunos. Tudo parecia estar contra nós, mas vencemos, e fizemos um belo trabalho, havendo o colégio se sagrado campeão olímpico em jogos havidos no Colégio da Fundação Getulio Vargas, em Nova Friburgo, e nas olimpíadas estaduais. Além disso, conseguimos realizar excelentes horas sociais no auditório do Liceu, com grande afluência de público, estimulando o teatro amador; tudo isso, além de outras iniciativas que marcaram época na vida do colégio. Ficou aí o gosto pela militância estudantil e, para chegar à diretoria da CECI, foi um pulo, porque a direção do grêmio estreitou nossa relação com a entidade. Também devo me referir, aqui, ao papel importante que teve a realização de um congresso de estudantes que resultou na criação da UCES, a União Cachoeirense de Estudantes, igualmente uma iniciativa do Gazir. Tenho a impressão de que esta foi, na verdade, a





minha porta de entrada para uma participação mais efetiva na luta estudantil. A UCES se inspirou na UNE e em entidades estudantis congêneres de âmbito estadual, como a UMES, no Rio de Janeiro.

**Paulo Fabres:** *Havia algum vínculo ou ligação com a UNE ou outras entidades estudantis?*

**Bruno Paraíso:** No âmbito da Casa do Estudante, não creio que isso tenha ocorrido. Acho que esse contato, essa identificação, somente aconteceu com a criação da União Cachoeirense de Estudantes, UCES, no início dos anos sessenta. Um dos presidentes da UNE foi o Benvides Aristeu Nunes, que também era um jovem de formação política moderada, e mais tarde se tornou Juiz de Direito no Rio de Janeiro e hoje acho está aposentado. A UCES, sim, era uma entidade de caráter reivindicatório, que realizou as primeiras manifestações políticas e greves estudantis, em Cachoeiro de Itapemirim. Ela também tinha diálogo com sindicatos das classes trabalhadoras, sendo o discurso prevalente a defesa dos interesses nacionais, a justiça social, a condenação da submissão do Brasil à supremacia econômica dos EUA. Ou seja, os velhos resmungos de acusação ao imperialismo yanque, uma postura típica daqueles anos de Guerra Fria muito aguda, nos quais o Brasil também se debatia em busca do fortalecimento da sua democracia, sempre ameaçada pelos militares, e de reformas sociais de base que pudessem inverter o cenário de profunda injustiça social que se descortinava no país. Dentro da UCES também havia confronto entre moderados e esquerdistas, comumente tachados de “comunistas”. Era uma época em que, como no resto do mundo, Cachoeiro tinha os comunistas rachados entre os stalinistas, ou seja, da linha russa, e os da linha chinesa, ou maoístas. A UCES nunca se filiou a um ou outro, mas havia diálogo com as lideranças dessas linhas. A UCES estava mais próxima dos nacionalistas, dos reformistas, com João Goulart, Leonel Brizola, e tal. Cachoeiro tinha, na época, um comitê nacionalista atuante, e os estudantes engajados faziam coro a essa orientação. A UCES trabalhou, de início, com muita abertura, reunindo conservadores e estudantes mais afinados com os ideais de justiça social. As decisões eram tomadas por majorias, de modo que não prevalecia o dissenso. Somente depois de 31 de março de 1964, a entidade foi desmantelada e o confronto se instaurou, não no seu seio propriamente dito,



porque ela não mais existia, mas na vida da cidade. Foi um período muito duro, muito difícil de ser suportado pelos estudantes que integrava a UCES e por suas famílias. Cachoeiro, como de resto o Brasil, endureceu e a tolerância foi para o brejo.

**Paulo Fabres:** *Quem mais participava da Diretoria da CECI nesse momento, no início dos anos sessenta?*

**Bruno Paraiso:** Alan Monteiro, que era professor de matemática e também escrivão de polícia, um homem muito respeitado. Vejam que o fato de Alan ser membro da polícia não impedia que ele atuasse na CECI e o fizesse com muita dignidade. Não sei de qualquer atitude que ele jamais tenha tomado no sentido de formular denúncias contra quem quer que seja. Era um espírito altamente tolerante, dotado de bom senso. Havia uma quantidade enorme de pessoas que participavam da CECI. A memória hoje não me permitiria relacionar todos os nomes, porque foram muitas pessoas, ao longo dos anos que lá atuei. Alguns ficaram muito firmes, na minha Memória, com Antonio Luciano Fuzer, Abgar Torres Paraiso, Alan Monteiro, Paulo Domingues, Ivan Santos Vianna, Carlos Eduardo Baptista, Ruth Jaques, Maria Estela de Campos – que, depois, casou-se com João Cândido dos Santos, médico admirável e um dos líderes nacionalistas da cidade –, Elizabeth Rudeck, Everaldo Ramos de Moraes, Solimar Soares da Silva, Evandro Moreira, Ney Santos Vianna, Ruth Jacques, Everaldo Xavier Peixoto, Marco Antônio Coelho, o Vasconcellos Felipe dos Santos, que dava aulas de inglês, e muito outros companheiros dos quais sou forçado a omitir os nomes, por que me fogem da memória. Afinal, lá se vão mais de 50 anos, repito. Maria Stella e Elizabeth foram diretoras sociais. O Vasconcellos era um lorde, pessoa elegantíssima, mas firme nas suas atitudes; um negro muito corajoso e orgulhoso das suas origens. O Everaldo Xavier Peixoto já era mais maduro, casado e com filhos, na época, e trouxe muita contribuição ponderada à nossa luta. Muitos outros nomes, todos bastante atuantes, agora me escapam, o que lamento, porque prestaram relevantes serviços à entidade e à causa estudantil. Além de uma diretoria social, a cargo da qual ficavam os eventos recreativos, tínhamos uma que cuidava da cultura e da biblioteca. Esta, por sinal, contava com ótimo acervo, resultante de muitas doações, e foram os Herkenhoff aqueles que deram a partida na sua formação. Já adotávamos, além da consulta no local, o sistema de



empréstimos de livros, que dava muito trabalho, porque não se respeitavam muito os prazos de devolução. Outra coisa excelente de que a CECI dispunha era a uma discoteca bastante recheada de boa música popular brasileira. Todos esses segmentos, herdados dos Herkenhoff, foram fortalecidos sob a presidência do Gazir, do Alan Monteiro, e ao longo da minha, que tinha como vice-presidente o Antônio Luciano Fuzer, locutor e programador da Rádio Cachoeiro, a ótima ZYL-9. O Fuzer tinha excelente gosto musical, especialmente para a MPB. Estávamos ainda na era do acetato. Vivíamos, então, os tempos dos discos de 78 rotações, dos compactos simples ou dos *long-playing*, que chegavam quase sempre em duplicata à Rádio Cachoeiro, e eram doados à Casa do Estudante, que também tinha um programa na emissora. Os discos eram muito usados para animar as domingueiras dançantes. Também era comum a contratação de conjuntos musicais e orquestras para animar os bailes, que aconteciam com bastante frequência, especialmente nas grandes datas, a exemplo do Dia do Estudante, feriados importantes e o Dia de Cachoeiro, em 29 de junho. O público desses acontecimentos eram pessoas mais simples, uma vez que a alta sociedade local não comparecia, pois tinha lugar cativo no Caçadores Carnavalescos Clube.

**Paulo Fabres:** *Quais eram as atividades que mais agregavam os estudantes?*

**Bruno Paraiso:** Havia os concursos literários, de redação, de fotografia, além de outra atividade muito prestigiada, ligada à eloquência: os concursos de oratória. Vivíamos uma época de grandes oradores políticos no país, que brilhavam na Câmara e no Senado, nos Tribunais do Júri, e todos nós vibrávamos com a performance deles, que escutávamos pelo rádio, o grande veículo de comunicação de massa, na época. As vesperais dançantes e os bailes eram muito concorridos, principalmente quando animados por conjuntos musicais e orquestras. O grande evento social, a cada ano, entanto, era a eleição e a coroação da Rainha dos Estudantes, com candidatas de todos os colégios locais. Esse concurso mobilizava muito os estudantes e toda a sociedade de Cachoeiro. Para se ter uma idéia, as eleitas até desfilavam de carro aberto na Praça Jerônimo Monteiro. O desfile e a eleição em geral aconteciam no Cine Teatro Broadway. A CECI também dispunha de um jornal, que dava notícias sobre a entidade, a programação mensal de eventos, publicava crônicas e poesias de estudantes. Enfim,



todo o movimento estudantil da cidade era retratado no jornal. Embora não tivesse times próprios integrados por estudantes, a CECI apoiava todos os eventos esportivos que aconteciam nos colégios e as olimpíadas estudantis, assim como os lembrados Jogos Raymundo Andrade, assim chamados em homenagem ao prefeito municipal da época, grande incentivador do esporte estudantil. Eram eventos que reuniam estudantes de todo o Espírito Santo e também de estados vizinhos. Esses acontecimentos aglutinavam não apenas estudantes, mas toda a família cachoeirense, já que ninguém resistia ao encanto das disputas, envolvendo, sobretudo, as equipes do Liceu e da Escola, esta dos Herkenhoff, já que havia entre elas uma rivalidade intensa, mas saudável. No caso das olimpíadas, os alunos de fora da cidade eram hospedados pelas famílias cachoeirenses, o que contribuía grandemente para fortalecer o espírito comunitário e para ampliar a participação dos pais na vida escolar de seus filhos, que era muito forte na época, pois os principais colégios, como o Liceu e a Escola tinham associações de pais de alunos. Os professores, e não apenas os de educação física, tinham presença marcante nesses eventos esportivos, o que contribuía para formar uma comunidade acadêmica muito interessada no desenvolvimento global dos alunos. É impressionante o grau de participação dos professores na vida dos colégios. Isso, na época, jamais se limitava às salas de aula. Professores e alunos mantinham uma interação excepcional, pois o ensino não era meramente escolar, mas envolvia outro tipo de formação, como educação cívica, conhecimentos sobre política nacional e mundial, cultura, esporte etc. Outra coisa a ser lembrada eram os desfiles escolares por ocasião do Sete de Setembro e do Dia de Cachoeiro, em 29 de junho, quando os colégios disputavam em criatividade. Nessa época, a cidade tinha um grande número de salas de cinema e os filmes eram discutidos até durante as aulas, compondo um projeto de formação bem abrangente dos jovens. A CECI tinha também uma interação muito grande com os poderes públicos municipais, como a prefeitura, câmara dos vereadores, sendo sempre muito ouvida, inclusive na escolha dos Cachoeirenses Ausentes nº 1, que aconteciam com vistas à festa de Cachoeiro, em 29 de junho, homenagem criada por Newton Braga. O programa da entidade, na Rádio Cachoeiro, apresentado por Luciano Fuzer, tinha audiência expressiva, com muitas cartas de leitores, e a participação de toda a diretoria da CECI, além de outras personalidades ligadas à vida estudantil, à política e à cultura do estado e do município. Promovia até mesmo mesas redondas para a



discussão de temas relevantes, locais e nacionais. Esse gosto pelo cinema, aliás, desaguou na criação do cineclube Glauber Rocha, já anos depois, estando eu na universidade, no Rio. A iniciativa foi de Michel Misse, hoje renomado sociólogo, e que também presidiu a CECI em anos posteriores a 1964. A sessão inaugural do cineclube exibiu o filme *Vidas Secas*, de Leon Hirzman, baseado na obra de Graciliano Ramos, e foi mais um momento, já em plena ditadura, no qual a esquerda e a direita, principalmente a católica, defrontaram-se numa Cachoeiro já bastante dividida.

**Paulo Fabres:** *Em Cachoeiro, havia um tradicional embate entre grupos de esquerda e direita?*

**Bruno Paraíso:** Sim, havia as agremiações de esquerda que eram muito atuantes, como o PC do B e PCB, este muito ligado os ferroviários da Leopoldina Railway, a estrada de ferro que ligava o Espírito Santo ao Rio. Cachoeiro era um dos centros mais fortes de reivindicação dos ferroviários, haja vista que saiu do município o maior líder que a categoria já teve, Demistóclides Baptista, o Baptistinha. Este, por sinal, foi o deputado federal mais votado, no Rio de Janeiro, na eleição que antecedeu o golpe militar de 1964. Baptistinha era uma entidade e despertava nos estudantes grande admiração por sua história de vida e sua notável coragem pessoal e cívica. Havia, também, uma elite participativa, constituídas por intelectuais locais, que se reuniram num comitê nacionalista, defensor de reformas sociais capazes de corrigir as desigualdades entre pobres e ricos. Não tinham conotação comunista, mas idealista, pois pugnavam por justiça social, num país prenhe de desigualdade. Essas pessoas, muitas católica ou de outras religiões cristãs, tinham uma postura de esquerda moderada, pois eram reformadores e não revolucionários, acabam sendo rotulados de comunistas. À direita estavam os remanescentes do partido integralista, ainda fortes em suas posições conservadoras, contrários a qualquer mudança que fosse. No passado cachoeirense, o confronto entre comunistas e integralistas havia sido muito forte, inclusive com a ocorrência de mortes. Isso deixara um sulco entre direita e esquerda muito significativo, embora coberto, durante anos, por uma camada de pó. Havia evidente hostilidade de lado a lado, muito embora a convivência cotidiana fosse possível: o que não era possível era um acordo político entre essas facções ideológicas. Os integralistas ou



neointegralistas, herdeiros de Plínio Salgado, tinham muita importância política no Espírito Santo, e sua base estava sobretudo no campo, nos proprietários rurais. Em 1964, com o golpe militar, essa contenda, por muito tempo mitigada, veio à tona, com muitas denúncias da parte dos herdeiros do integralismo contra os que se posicionavam à esquerda. Vale destacar que muitos colegas nossos do movimento estudantil se mostraram surpreendentemente rancorosos nas denúncias que difundiram, muitas delas sem o menor fundamento, mas acatadas, no calor da animosidade, em função da caça às bruxas que o poder militar fomentou. Durante longo período, essa animosidade esteve em banho-maria, e foi possível uma convivência civilizada, mediante a qual não afloravam as diferenças ideológicas. Tanto é que um comunista histórico como Kleber Massena, de cunho stalinista, integrava a sociedade, como comerciante, de forma bastante normal. O mesmo acontecia com Guilherme Tavares, um dissidente do partidão que aderiu à linha chinesa, e vivia em paz. Os nacionalistas eram bastante tolerados e promoviam eventos em defesa de seus pontos de vista que tinham grande afluência popular. Um desses líderes era o médico Gilson Carone, figura humana extraordinária, médico humanitário que, mesmo depois do golpe militar, foi prefeito de Cachoeiro e duas vezes deputado federal. O próprio Roberto Valadão, líder estudantil e vinculado a esses núcleos nacionalistas, sobreviveu ao golpe, tornando-se prefeito de Cachoeiro e também deputado federal em algumas legislaturas. A Casa do Estudante, na época em que a presidi, tinha um vínculo não direto, mas estreito com esse movimento nacionalista, que pugnava contra o imperialismo norte-americano e a injustiça social. Em determinado momento pré-64, estiveram na cidade dois líderes exponenciais desse nacionalismo, a deputada estadual pelo Rio de Janeiro, Edna Lott, filha do Marechal Teixeira Lott, e o filósofo Roland Corbisier, intelectual notável. Eles fizeram um comício-conferência na sede do Jardim da Infância, e o sucesso foi retumbante. Corbisier integrava o Instituto Superior de Estudos brasileiros (ISEB) e era um orador notável. Todos esses movimentos eram a favor de João Goulart, que também mobilizara a sociedade cachoeirense, pela voz de Leonel Brizola, a favor do vice-presidente, que estava na China, quando Jânio Quadros renunciou, e durante toda a luta contra o parlamentarismo imposto para que ele tomasse posse, até que se restaurasse o presidencialismo. Os estudantes ajudaram a esquentar essa luta, participando de reuniões do comitê, do sindicato dos ferroviários, das pugnas eleitorais. Menos do que a



Casa do Estudante, a instituição mais presente era a UCES, mas não havia, na verdade, uma grande divergência entre as duas, haja vista que tinham até dirigentes comuns. A voz política dos estudantes, porém, era a da UCES, preservando-se, pelo menos em parte, uma certa neutralidade que sempre marcara a trajetória da CECI. O problema é que a UCES não tinha sede própria e se reunia na CECI. Daí a identificação entre as duas ficar mais evidente. Em todo o país, nesses primeiros anos da década de 1960, a voz dos estudantes era firme e muito identificada com a esquerda. Na verdade, isso veio da democratização que marcara os anos de Juscelino Kubitschek, cheios de liberdade, esperança e muito desejo de construir um Brasil melhor para todos os brasileiros e não apenas para uma meia dúzia deles. Com a eleição de Quadros, isso se arrefeceu um pouco, mas logo se reacendeu quando este renunciou à Presidência da República, e o nome de Jango voltou ao centro dos acontecimentos, com Brizola advogando uma postura reformista por parte do governo. Cachoeiro viu, nesse ínterim, o movimento estudantil sair de uma postura neutra, assistencialista, e assumir uma posição de reivindicações de direitos, melhor qualidade de ensino, colégios mais bem aparelhados, professores mais competentes, programas de ensino mais voltados para a realidade, menos acadêmicos e mais práticos. Foi nessa época que houve a primeira greve de estudantes do Liceu, um fato absolutamente novo, que provocou perplexidade entre os próprios alunos e mais ainda na direção e no corpo docente. Muito dessa luta tinha equívocos, apontando para alvos errados, mas tem o seu valor histórico de pioneirismo e ruptura com uma postura de aceitação das coisas como eram servidas, ajudando a colocar o estudante no centro dos acontecimentos. Tenho a impressão de que a decadência posterior da CECI começou após o golpe de 1964, coincidindo com a derrocada da UCES, que esvaziara o movimento estudantil, produzira uma reforma do ensino absurda, com o único objetivo de enfraquecer os estudantes como força política, colocando-os à margem dos acontecimentos políticos locais e nacionais. Embora a CECI tenha sobrevivido ainda por um certo período, e realizada um trabalho ainda valioso, seu significado se perdera. Ela se voltou ao assistencialismo estudantil, pura e simplesmente, mas não resistiu. O próprio estudante não via mais sentido no papel que ela desempenhava. A UCES já havia sucumbido. O Ato Institucional nº 1, ao qual eu respondi, sendo inquirido pelo comandante do Tiro de Guerra de Cachoeiro, decretou morte da UCES, pelo menos daquela entidade que havíamos fundado e dirigido com a



perspectiva de colocar os estudantes no centro dos acontecimentos sociais, culturais, educacionais e políticos. A partir daí, a aglutinação se perdeu. A ruptura entre estudantes à esquerda e à direita foi total, provocando confrontos e traições. Alguns professores passaram a ver seus antigos alunos como perigosos e lhes negaram mesmo acolhida, enquanto outros, insuspeitos, por sempre terem estado no udenismo, portanto mais à direita, mostraram-se muitas vezes solidários. A sociedade cachoeirense, com 1964, cindiu-se. Abriu-se ali um fosso e acredito que ele, apesar do fim da guerra fria, do desencanto de muitos esquerdistas, que se descobriram logrados por tanto picaretas que os usaram, na sua inocência, acabou por jogar um balde de água fria em seus sentimentos esquerdistas mais radicais. Aliás, o radicalismo nunca prosperou profundamente em Cachoeiro, mesmo no auge do confronto dos que se assumiram como terroristas, no plano nacional, em face dos militares. Hoje, tudo isso são águas passadas. Com a maturidade, chegou o tempo da conciliação, mas não há como esquecer o quanto aquela cidade relativamente bastante amável, embora convivesse com muito preconceito social, afundou, com o golpe militar, na ruptura entre muitos cidadãos que, antes, davam-se as mãos, olhavam com uma certa harmonia, exatamente porque as dissensões ideológicas que os separavam, apesar das diferenças, com alguma tolerância. O mundo mudou. Chegou a televisão. Os cinemas fecharam suas portas. A reforma do ensino enfraqueceu a educação que era uma das forças de Cachoeiro. Colégios foram fechados, vendidos ou perderam o antigo esplendor. Surgiram as primeiras faculdades, com a de Direito, a de Administração e da Filosofia, mas o movimento estudantil jamais retomou o encanto de outrora, mantendo-se insípido, inodoro e incolor. O consumo explodiu com tudo, inclusive com aquela utopia outrora cultivada por nossa geração. A CECI foi, porém, uma das entidades mais atuantes, mais presentes, mais afirmativas da história de Cachoeiro, em meados do século XX. Sua história merece ser restaurada. É um absurdo que a lenda de luminosidade por ela espalhada, em toda a sua existência, desfaça-se no ar.

**Paulo Fabres:** *O Sérgio Bermudes foi da sua diretoria?*

**Bruno Paraiso:** Sim. Quando o Gazir saiu, ficou o Alan Monteiro e, depois, eu assumi a presidência da CECI. Já tinha uma experiência como presidente do Grêmio do Liceu,





1959 a 1960, e então, com mais alguns companheiros, especialmente Luciano Fuzer, formamos uma chapa para concorrer à Diretoria da Casa do Estudante em 1961. O Sérgio Bermudes era o secretário da chapa e, esta eleita, ele assumiu. Filho do grande mestre Aylton Rocha Bermudes, que depois foi secretária de Justiça do Espírito Santo, um genial professor de português e francês, além de notável latinista – tinha sido seminarista –, o Sérgio era influenciado, coisa natural, pelo udenismo de seu pai. Era muito, muito jovem, mas já estava ali um gênio, o que iria se comprovar, dentro de relativamente pouco tempo, e de fato ele se tornou um notabilíssimo advogado, um jurista extraordinário, revisor da obra Pontes de Miranda, revisor do Código de Processo Civil, professor de direito da PUC-RJ e membro de sociedades de arbitragem internacional, além de autor de obras jurídicas relevantes, fora um livro de crônicas, intitulado *As Uvas da Raiva*. Ele ficou pouco tempo conosco. Logo depois, foi fazer um programa de intercâmbio para estudantes brasileiros nos EUA, o *American Fields*, e nunca mais voltou a Cachoeiro, pois, ao voltar do intercâmbio, ficou estudando no Rio. Guardo até hoje, nos meus arquivos, sua carinhosa carta de despedida da Casa do Estudante. Uma coisa maravilhosa nesse período da Casa do Estudante, tanto com Gazir e Alan Monteiro quanto no meu tempo, era o espírito democrático. A Casa do Estudante era uma escola de democracia. Tinha lugar para gente com todo o tipo de pensamento, de ideologia, que podia se externar ali com inteira liberdade. O confronto era de ideias, jamais pessoal. Respeitavam-se as diferenças, sem racismo, sem preconceito de qualquer ordem. Feita a votação, a maioria de votos de determinado ponto de vista punha fim à disputa e imediatamente todos os integrantes estavam a postos para levar a cabo a missão, sem rancores, sem mágoas. Nunca mais convivi num ambiente tão saudável politicamente falando, tão dotado de tolerância para com as diferenças, inclusive de classe social, de cor, já que isso jamais impediu que alguém lá tivesse acesso e pudesse se expressar ante o respeito de todos. A CECI era de fato, e vale acentuar, uma democracia racial, tanto na diretoria quanto nos eventos que realizava, coisa que sempre me emocionou. Também jamais houve espaço lá para outros tipos de racismo: discriminações por sexo, por postura existencial etc. Nunca vi lá sequer resquícios de segregação e, mesmo diante do esnobismo da elite endinheirada local, que torcia o nariz para o povo simples que frequentava a CECI, isso nunca suscitou da entidade qualquer cobrança ou qualquer discriminação. Tanto que, quando Mara



Resende, moça que era representante da mais fina sociedade local, filha do mestre Wilson Resende, um homem que conduziu o Liceu por muitos anos com o maior respeito pelas diferenças sociais e raciais, ela foi coroada e festejada como se fosse uma frequentadora assídua da casa, o que nunca foi. Tanto que na festa da sua coroação, seu pai, um homem aberto a todos, que era uma espécie de pai para todos os estudantes, lá esteve como não poderia deixar de ser diferente, mas os socialites locais nem botaram o pé na CECI, para não se vincularem a uma instituição freqüentada por gente modesta, na sua maioria, o que poderia comprometer a postura de cavaleiros e damas que só admitiam como seu ambiente natural o clube mais chique local, o Caçadores. Cachoeiro era uma grande terra, mas nunca foi um paraíso social. Tanto que, nos passeios de sábado, na Praça Jerônimo Monteiro, os ricos ficavam na calçada fronteira ao então Cine Central, e o populacho embaixo dos ficus da praça cheios de “lacerdinhas”, uns insetos que eram verdadeira praga e davam uma coceira horrível no corpo. Acho importante acentuar esse contexto no qual se situava a CECI e as diversas dificuldades que ele precisou encarar para sobreviver. Além disso, os governos estaduais e municipais eram omissos: pouca ou nenhuma ajuda ofereciam para que os trabalhos seguissem o seu rumo e os projetos executados. E mais: Cachoeiro ainda não tinha empresários com aguda consciência social. A função social da empresa somente apareceria no Brasil algumas décadas depois. A entidade não tinha um guru estranho a seus quadros. Eram os próprios estudantes que davam à CECI a melhor direção ao seu alcance. Embora gente de boa vontade, como Deusdedit Baptista E João de Deus Madureira Filho, ainda que não identificados com nossas posições, e outros intelectuais e líderes comunitários, não se negassem a contribuir com suas ideias para a boa gestão da CECI, a verdade é que nós estudantes éramos bastante autônomos, cientes das nossas possibilidades, e queríamos fazer o nosso trabalho com as ideias ao nosso alcance. Éramos orgulhosos e avessos a conselhos; coisas da juventude. Uma das grandes virtudes de Casa do Estudante está em que ela jamais se assumiu como um gueto, embora uma certa facção da vida social de Cachoeiro tentasse que assim fosse. Pelo contrário, éramos extremamente jovens, mas perfeitamente consciente de que naquele caudal de classes e raças que frequentava os salões da entidade estava o melhor do futuro da sociedade cachoeirense. Dali saíram alguns picaretas – todo grupamento social produz esse tipo de gente –, mas a maioria, no fundo, era gente de primeira linha, que



aprendeu quanto a vida é dura e competitiva, e conseguiram chegar lá: alçaram-se a postos importantes, construíram uma vida profissional, cultural e acadêmica da maior grandeza. São, hoje, na sua maior parte, vitoriosos, e tiveram ali, naquela Casa extraordinária as primeiras lições de vida, os primeiros confrontos, as primeiras dúvidas, mas também as certezas que iriam embasar o espaço de cada um no futuro, como cidadãos úteis, respeitáveis, que enriqueceram sua vida e a dos outros com a riqueza de suas trajetórias baseadas na construção, na soma de esforços, na solidariedade. Insisto, e sempre insistirei, sem medo de parecer repetitivo, mas para fixar um sentimento que para mim é verdadeiro: a CECI foi uma das instituições lapidares da vida cachoeirense no século XX. Deixou marcas profundamente positivas na herança que Cachoeiro conseguiu amearhar para o seu futuro. Pouca coisa, antes e depois dela, teve tanta importância na vida do município e do estado, e isso precisa ser ressaltado, valorizado, para que se conheça o valor desse esforço, e ele sirva de estímulo para o futuro.

**Paulo Fabres:** *Havia uma consciência do que estava acontecendo no país naquela época?*

**Bruno Paraiso:** Ainda estávamos longe do computador e da internet. Sequer televisão havia em Cachoeiro. O rádio era a antena para o resto do país e do mundo, assim como os jornais do Rio, que chegavam com grande dificuldade. Todos éramos ávidos consumidores do *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *Última Hora*, *Diário de Notícias*, *O Cruzeiro*. Cachoeiro era uma cidade muito antenada. Os jovens mais participantes ficavam ligados no rádio e entravam pela madrugada ouvindo os grandes debates que se travavam no Congresso Nacional, onde pontificavam Pedro Aleixo, Almino Afonso, Miguel Arraes, Tancredo Neves, Leonel Brizola, Carlos Lacerda e toda uma plêiade de monstros sagrados da política e grandes oradores, ainda com aquela retórica um tanto antiquada, mas muito convincente. Além de Carlos Lacerda, ex-comunista, a direita também tinha a seu serviço gente admirável, que todos nós líamos sofregamente, para conhecer seu pensamento, como Eugênio Gudín, Roberto Campos, Plínio Salgado, líder integralista etc. Vivíamos na província, uma província que um crítico literário e professor de literatura disse que estava submetida a um estado de



mediocridade periférica, ou seja, bastante à margem dos grandes acontecimentos culturais e políticos nacionais, mas tínhamos garra para buscar atualização, para saber para onde estava indo o país no qual começávamos a construir nossas vidas. Vivíamos uma época muito rica da vida nacional. O país tinha políticos muito interessantes e respeitados. Além disso, havia advogados admiráveis, conhecidos nacionalmente, como Francisco Clementino de San Tiago Dantas, Hermes Lima, Evaristo de Moraes Filho, Evandro Lins e Silva, Roberto Lira, Sobral Pinto, Serrano Neves, entre outros, que eram verdadeiras universidades, e participavam da política nacional. Naquela época, os advogados ainda não tinham virado homens de negócios. Quase todos possuíam o dom de uma oratória extraordinária, uma retórica ainda antiga, talvez carregada demais de enfeites, mas fascinantes. E nós, em Cachoeiro, acompanhávamos deslumbrados todas essas trajetórias. Constituía modelos para nós, modelos de cultura, de patriotismo, de vida. Eram patriotas e não havia a segmentação profissional de hoje. Sabiam de tudo. Eram quase filósofos-juristas. Mais tarde, na Universidade, fui aluno de alguns. E, vale destacar, líamos muito, muito. O livro era uma das nossas riquezas. E o cinema, embora chegasse à terra com grande atraso, era para nós o espelho do mundo, ainda que esse espelho fosse majoritariamente norte-americano. O bom é que os EUA sempre fizeram um cinema que, por mais melodramático que fosse, sempre tinha uma enorme capacidade de nos revelar as mazelas do país e o que acontecia mundo a fora. Cachoeiro era tão antenada, que o poeta Newton Braga teve a coragem de se tornar crítico literário do *Diário de Notícias*, um dos jornais mais fortes do Rio de Janeiro e do país, no qual resenha livros de autores nacionais e internacionais com raro talento. Essas críticas foram reunidas em livro por sua filha, a artista gráfica Rachel Braga, e brevemente será publicado pela editora Booklink, do Rio, cujo proprietário é o cachoeirense Glauco de Oliveira, filho do nosso grande poeta Solimar de Oliveira. Apesar das antenas ligadas, também fomos ingênuos, como pode acontecer com todo jovem, qualquer que seja o tempo em que viva, e caímos em ciladas como os grupos dos onze de Leonel Brizola, que prometia o céu, sem qualquer base na terra. Pusemos a nossa cabeça a prêmio, embora movidos por um ideal que supúnhamos superior: a felicidade do país, um país socialmente menos injusto. No entanto, apesar de muito sofrimento, valeu a pena. Amadurecemos em busca de uma utopia e hoje os jovens não têm a utopia que nos mobilizou. Só lhes restou mesmo a utopia falaciosa do consumo, que aniquila



esperança, porque não produz verdadeira satisfação. Muitas das palavras de ordem que nos embalaram, contextualizadas em discursos de retórica sedutora, bem construídos, cultos, careciam de substância, mas nos faltava maturidade para enxergar isso. Embarcamos nessa luta com muita pureza, e pagamos caro, porque muitos ficaram para trás e outros não conseguiram andar tanto para frente como era de se esperar pelo potencial que então apresentavam. Fomos freados por uma esquerda sem substância e massacrados por uma direita cruel. A UCES, mais do que a casa de Estudante, viveu isso intensamente. Já estudante de direito, no Rio, paguei muito caro por minha participação na vida estudantil de Cachoeiro. Fiquei anos à deriva, sem poder me colocar profissionalmente à altura da minha formação, bastante perseguido por cartas anônimas que sempre me antecediam em todo e qualquer emprego que tentava obter. Fui muito bem colocado num concurso para o Banco Nacional de Habitação, mas a segurança da instituição não me deixou tomar posse, porque havia denúncias contra mim e atestados obtidos no DOPS que me apontavam como “comunista”. Perdi um emprego que tinha no IBGE, obtido por concurso antes do golpe militar, porque não havia como ir trabalhar sem correr o risco de ser preso, porque os militares estavam à postos à minha espera. Fui homenageado como Estudante Ausente nº 1, já em 1967, mas não pude receber a medalha e a placa alusiva à homenagem, porque os militares não permitiram, e ainda prendera, levando para Vitória, os estudantes que me havia eleito. Ficou claro para mim que a Cachoeiro que embalou a minha adolescência e juventude não era mais a mesma. Nunca mais foi.

**Paulo Fabres:** *Como era o ambiente cultural de Cachoeiro na virada da década de 1950 para a de 1960?*

**Bruno Paraíso:** Cachoeiro tinha sete cinemas enormes, com sessões todas as noites, cheias. Era preciso chegar cedo para garantir um lugar. Havia até festivais de cinema, de filmes de determinadas companhias, como a Fox, e era um delírio. A cidade dispunha de um conservatório de música, da professor Elaine Manhães, que ainda está na ativa, que promovia audições anuais de seus alunos. Saiu desse conservatório uma grande pianista brasileira, Miriam Mendes, de grande carreira e muitos discos. Saiu de Cachoeiro também o grande cantor popular Roberto Carlos e tantos outros astros que



brilharam na MPB. Da nossa geração, destaca-se Sérgio Sampaio. A poesia era onipresente, com Newton Braga, já morando no Rio, Solimar de Oliveira, Evandro Moreira, Alma Selva, Nei Santos Vianna, Athayr Cagnin, para citar apenas alguns nomes. Havia teatrólogos como Elias Aoni Filho e Hercília Surrage Cardoso. E professores iluministas como Wilson Lopes de Resende, Aylton Rocha Bermudes, Waldemar Mendes de Andrade, José Xavier do Valle, Deusdedit Baptista, Eliezer Santos, Mário Serrano, Elias Moysés, Ertha Athayde, Eda Zipinotti, Ávila Júnior, Dirceu Machado, Donato Falci, João de Deus Madureira Filho, um filósofo, Athayr Cagnin, os Herkenhoff, Azenath de Moraes Coelho, e tantos e tantos outros. O Liceu era uma universidade. A Escola dos Herkenhoff, uma prévia do ensino profissionalizante, assim como Ateneu do reverendo Jader. Os jornais, sobretudo o Correio do Sul e o Arauto gozavam de credibilidade e importância. Cronistas notáveis despontavam e havia exercícios de teatro amador. No Liceu, aconteciam as horas sociais, no espaço que havia lá, que era um verdadeiro teatro. No Bernardino Monteiro, já no primário, os alunos já tinham uma ligação intensa com atividades culturais. O futebol tinha inúmeros times. Além dos Caçadores, havia outros clubes recreativos com o Ita, o Yole, o Cruzador, e mais. A economia era florescente. Além de centro comercial importante, Cachoeiro tinha empresas industriais de porte, que iam ficar ainda maiores, como a hoje Fábrica de Cimento Nassau, a maior empresa de transporte de passageiros do país, a Itapemirim, de Camilo Cola, a Cooperativa de Leite, a Seita, e outras. Cachoeiro também tinha um banco, que era o Banco Hipotecário e Agrícola de Cachoeiro de Itapemirim, que depois virou Banco de Cachoeiro de Itapemirim, e o proprietário era o Gil Moreira, um comerciante destacado da cidade. Enfim, Cachoeiro primava pela qualidade da educação e por uma tradição cultural notável. A Rádio Cachoeiro tinha seu próprio *cast*, com cantores da terra que eram muito apreciados, e até contavam com fãs clubes, e conjuntos musical de primeira ordem, com Mozart Cerqueira, Zé Nogueira. Havia duas grandes bandas de música: a Lira de Ouro e a 26 de Julho. E ainda tinha o Caxambu, na Ilha da Luz, uma manifestação. Era, enfim, uma cidade cheia de brios, muito ciosa das coisas boas que tinha.

**Paulo Fabres: *Pode descrever a relação dos estudantes daquela época com a geração mais velha, com aqueles que os antecederam?***



**Bruno Paraíso:** A relação era de respeito, de uma certa reverência e gratidão, mas nunca de subserviência. Havia mestres que pensavam diferente, mas que respeitavam o modo de ser dos alunos, e entre eles destacavam-se João de Deus Madureira Filho e Deusdedit Baptista. O primeiro era udenista, mas muito amigo de seus alunos, dos jovens, e um grande conselheiro, que sabia respeitar as diferenças. O professor Deusdedit sempre foi uma espécie de socialista utópico, fundador do PSB, aquele partido ainda prenhe daquela filosofia de defesa da igualdade, da fraternidade e da liberdade. Falava-se, na surdina que ele era comunista, e na verdade por isso nunca conseguiu se eleger prefeito do município, um de seus grandes sonhos, mas era uma mentira. Tal visão que dele se fazia foi muito fortalecida pelo fato de ele ser irmão de Baptistinha, o grande líder ferroviário, o homem que tinha o poder, então, de parar o Brasil. Isso porque, quando os ferroviários entravam em greve, o Brasil realmente parava. A ferrovia ainda era um grande caminho para transporte de pessoas e de produtos. Depois é que ela foi esvaziada. A Viação Itapemirim ainda engatinhava. Estava longe de ser a potência nacional que é hoje. O avião, então, era um sonho, pois a NAB, empresa de navegação aérea que na época ligava Cachoeiro ao Rio, constituía uma possibilidade de que poucos, muito poucos, podiam desfrutar, por ser muito caro para a modesta bolsa da maioria dos cachoeirenses. O município tinha seus ricos, mas se formos considerá-los com os padrões hoje vigentes para caracterizar a riqueza, não passavam de remediados. O fato, porém, é que a cidade, apesar dessa fragilidade de se comunicar com o exterior, tinha uma grande efervescência educacional e cultural. Os jovens não eram alienados. Os colégios estavam atualizados com as novas tendências, com os progressos que se impunham, vindos de fora, e isso transparecia na atitude dos jovens. Os jornais locais, embora modestos, com poucas páginas, e ainda submissos a uma tecnologia precária, como o Correio do Sul, O Arauto e outros, cumpriam o seu papel de informar e divulgar a cultura local. Uma coisa importante é que todos os colaboradores desses jornais eram da cidade mesmo. Neles, discutiam-se as questões da cidade e as nacionais. Cachoeiro era uma cidade que tinha essa vocação para educação, com ensino de boa qualidade. Havia um interesse cultural evidente, tanto que o herói da cidade era o Newton Braga, um poeta, um símbolo, uma referência, o homem que não apenas criou uma poesia superior, enquanto gênero literário. Fez isso também na vida



prática, fortalecendo o bairrismo saudável de que a cidade se impregnou e ainda hoje se impregna, motivando o cachoeirense a amar a sua terra, os seus antepassados, a sua história, tudo isso a ponto de a cidade ser apelidada de a Princesa do Sul, de a “capital secreta do mundo”. Esse amor do cachoeirense por seu berço foi grandemente incentivado pelo poeta, por seu irmão, o grande cronista Rubem Braga, e outras figuras da vida local, sobretudo nos anos de 1940 a 1960.

**Paulo Fabres:** *O que acontece após sua gestão na CECI, qual o desdobramento que se verifica logo em seguida à passagem do seu grupo?*

**Bruno Paraíso:** Acho que o golpe militar de 1964 foi o divisor de águas. Com ele, começa a morrer o movimento estudantil, nos planos nacional, regional e municipal. Quando eu saí da CECI, para fazer o meu curso de direito, no Rio, na velha Faculdade da Rua do Catete, então integrante da Universidade do Estado da Guanabara, hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a velha flama já estava se apagando, perdendo a força que tivera no passado. Cachoeiro, apesar do seu apreço pela educação e pela cultura, um fato histórico, não tinha economia para segurar os jovens. Eles iam embora, primeiro em busca de formação universitária de qualidade – a cidade não tinha ainda instituições de ensino superior. Os jovens que saíam para estudar acabavam não voltando, porque não teria em sua terra mercado de trabalho. Ficavam no Rio, ou iam para outros lugares. A cidade era um centro produtor de grandes talentos, mas não tinha como segurá-los. Vejam-se quantos nomes ela deu à vida artística nacional, por exemplo, e também à vida acadêmica: grandes advogados, grandes médicos, grandes jornalistas, grandes pesquisadores e cientistas políticos e sociais etc. As pessoas iam estudar em Vitória, ou no Rio, ou na Universidade Rural de Viçosa, em Minas, ou no Km 47 (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). Naquela época, como o poder aquisitivo das pessoas era muito pequeno, houve uma grande debandada de gente que vinha para Km 47 estudar engenharia florestal, agronomia e economia doméstica, porque lá havia lugar para morar, comida e curso de graça de alta qualidade. Cachoeiro foi se esvaziando. Com isso, o movimento estudantil, enfraquecido pelo golpe militar, pela asfixia que ele introduziu na vida nacional, também foi murchando, chegando a um estado de ruína, apesar de esforços esparsos, dignos de louvor, por parte de uma plêiade





de jovens que nos sucederam nesse mister. Uma coisa interessante é que, mesmo quando a cidade entrou na era do ensino superior, o movimento estudantil não retomou o espaço, não mais marcou presença na vida municipal, que não fosse do ponto de vista político, mas pelo menos no tocante à difusão da cultura, do fortalecimento do espírito comunitário, da defesa dos interesses sociais e econômicos cachoeirenses, pois a o município sempre foi um centro de importância no sul do estado. Infelizmente, aqueles que como nós lutamos por dias melhores, naqueles anos áureos aos quais aqui me refiro, não podemos dizer que tenhamos feito escola. Não deixamos que nos sucedesse de maneira mais permanente.

**Paulo Fabres:** *O Senhor comentou alguns nomes que participaram da CECI como o Paulo Domingues, o Abgar, o Sérgio Bermudes...*

**Bruno Paraíso:** O Paulo Domingues era de uma geração mais jovem, mas trabalhou comigo na Casa do Estudante. Era ainda um garoto, mas de um incrível inteligência e sagacidade, além de uma grande coragem e força para superar desafios. Ele os superou, embora negro e pobre, marcando o seu espaço na vida da cidade e fora dela. Infelizmente, viveu pouco. Foi embora no auge da sua potencialidade. Quero aqui louvar o quanto admirava aquele garoto precoce nas suas atitudes, dotado de grande poder de sedução, que sabia amealhar amigos, embora também despertasse invejas por suas invulgares qualidades. Tenho imensa saudade dele e acho que é uma pessoa que faz falta a Cachoeiro, por causa da determinação, da firmeza, do brilho e da alegria que imprimia a suas iniciativas. Foi um grande jornalista, que marcou, de forma aguda, essa profissão em Cachoeiro. Acho que foi o primeiro negro consciente da sua negritude que fez parte da diretoria da Casa do Estudante. Depois, vieram outros. A CECI, repito, porque é importante repetir, tinha esse aspecto: era um espaço muito democrático porque era frequentada por brancos, negros, ricos e pobres, sem preconceito. Paulo, além de pioneiro nessa abertura de espaço para o negro, no jornalismo, na Rádio Cachoeiro, era uma pessoa de fina convivência, que sabia receber com muita educação e foi um grande diretor social que a Casa do Estudante teve. Luiz Cláudio de Freitas Gazir, Antonio Luciano Fuzer, Abgar Paraíso, Sergio Bermudes, Ivan Santos Vianna, Benvindes Aristeu Luns, Alan Monteiro, Miguel Depes Tallon, Maria Aparecida Depes



Tallon, Ruth Jacques, Marco Antônio Coelho, Maria Stella de Campos e tantos outros nomes que me escapam, todos mais ou menos da nossa geração, deixaram marcas profundas, assim como os Herkenhoff haviam feito no passado.

**Paulo Fabres:** *Na sua gestão da sua diretoria a CECI já fazia emissão da carteirinha de estudante?*

**Bruno Paraíso:** Sim, eu acho que quem introduziu a carteirinha de estudante foi o próprio Pedro Herkenhoff. Na gestão em que fui presidente, esse trabalho era feito dentro do mesmo padrão de dignidade, de respeito, que herdei de meus antecessores. As Casas do Estudante, em todo o país, tinham essa função, sendo que no Rio, ela cabia à UNE. A Casa do Estudante *mater*, a que foi fundada no Rio por Ana Amélia Queiroz Carreira de Mendonça e pelo embaixador Paschoal Carlos Magno, no Rio, e ficava no Castelo, perto da Santa Casa de Misericórdia, abriu, como já disse, o caminho para que florescessem, em todo o país, similares. Guardadas as devidas proporções, tinham as mesmas funções da grande matriz concebida com o propósito de apoiar o estudante pobre. A Casa de Estudante do Rio, que ficava no Castelo, abrigava estudantes carentes em condições bastante razoáveis e também dava outros tipos de assistência. Ela era, sobretudo, abrigo para estudantes carentes, como é o caso daquele foi morto no auge de violência da ditadura, o Edson Luiz, que morava lá. A carteira de estudante era uma espécie de primeira identidade do jovem daquela época.

**Paulo Fabres:** *Comente um pouco mais sobre as lideranças estudantis do seu tempo, fale um pouco sobre o traço da personalidade delas.*

**Bruno Paraíso:** O Sérgio Bermudes foi secretário da minha gestão, era um jovem muito inteligente, e cuidava das atas das nossas reuniões. A gente olhava para o Sérgio e ficava assustado com aquele olho acesso, captando o mundo, aquele menino que sabia de tudo, informado sobre tudo, que já falava outras línguas, o que era novidade em Cachoeiro, pois a maioria era monoglota. A gente estudava inglês e francês no Liceu, mas não dava para manter uma conversação. Os nossos professores de línguas eram pioneiros, que havia aprendido de forma praticamente autodidata. O forte era a



gramática, mas a conversavam e a escrita eram precários. Quando chegaram à cidade os primeiros cursos de inglês é que esse panorama foi mudando, pois logo vieram os intercâmbios, com o *American Fields*, que viabilizou a ida de estudantes locais para os EUA, onde concluíam, muitas vezes, o secundário e se aperfeiçoavam, *in loco*, na fala e na escrita da língua, dentro do padrão norte-americano. A UCES e a Casa dos Estudantes deram filhotes literários, a exemplo do Neocenáculo de Letras e Artes, obra de um punhado de jovens, entre os quais se destacava o Miguel Depes Tallon, além do Heraldo Lisboa. Eles se reuniam, de início, na Casa do Estudante, que sempre esteve aberta para todas as iniciativas válidas da categoria. Já me referi, aqui, aos nomes de lideranças estudantis daquela época, que me ocorrem. Devo estar sendo injusto, porque há muitos outros nomes a serem lembrados e só o recurso de pesquisar os livros de atas da CECI, na época, pode elucidar, superar as dúvidas da minha memória. Em essência, eram grande líderes, grandes jovens, todos mobilizados por um sentimento nobre de lutar por dias melhores, por uma vida e um mundo mais solidário. Faziam isso a partir do espaço em que existiam: Cachoeiro de Itapemirim. Deixaram um legado importante. Se não se cuidou, adequadamente, desse legado, aí é uma outra história.

**Paulo Fabres: *O Senhor ouviu falar da existência de um Clube de Correspondência Internacional no Liceu nos anos cinquenta?***

**Bruno Paraíso:** Ouvi, sim. Ele foi incentivado pelo professor Deusdedit Baptista para estimular o intercâmbio entre estudantes do Liceu com de outros países. O objetivo era complementar o trabalho de sala de aula, estimulando o jovem a escrever em inglês e buscar na correspondência com estudante ingleses, norte-americanos ou de outros países, o aprimoramento nesse mister. Nada como a troca de informações para gerar conhecimento, da língua e do costumes de outras terras. Deusdedit era um sábio. O estudante recebia uma carta de um outro país, como da Austrália ou do Reino Unido, e trazia para a sala de aula. A carta era lida e tudo que ela continha, a gramática e as informações, destriçadas, tornando o aprendizado mais dinâmico e até mesmo enriquecendo o vocabulário como termos correntes na língua viva de cada país que não constavam dos dicionários cultos. O hoje professor Michel Misse, grande sociólogo, que leciona o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFICS) da UFRJ, pode falar



desse projeto muito melhor do que eu, porque foi ele quem o tocou, por estímulo do mestre Deusdedit, um homem de visão, que conhecia o inglês como autodidata. Aprendeu sozinho e ensinou a língua a milhares de jovens, introduzindo-os num novo universo. Uma de suas continuadoras foi a professora Eda Zipinotti, essa formada pela UFES.

No ensino da língua francesa, os grandes mestres do Liceu foram Ertha Athayde e Aylton Rocha Bermudês, incansáveis e admiráveis. Como também o eram os de Latim, com Virgílio Milanez e William Bermudes Barbosa. Era possível sair do Liceu, como eu saí, e fazer vestibular de Direito na Antiga Universidade do Estado da Guanabara, que tinha sido a Universidade do Distrito Federal, e hoje é a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e passar no vestibular sem precisar fazer cursinho, e tirar nota dez em latim, em português e em francês. O Liceu fazia bonito.

**Paulo Fabres:** *O que mais sobressai para você desse movimento secundarista na Casa do Estudante?*

**Bruno Paraíso:** O fato da Casa de Estudante ter sido o núcleo fomentador da União Cachoeirense dos Estudantes Secundários (UCES), que era a instituição que ia para a rua fazer protestos e que ligada à UEE (União Estadual dos Estudantes) e à UNE (União Nacional dos Estudantes). Lembro que quem liderava a UCES por um tempo era o Luis Cláudio Gazir, o Benvides Lunz e depois fui eu. A entidade tomava posição, lutava contra injustiças na vida estudantil e na vida social da cidade. As reuniões debatiam o que ocorria de positivo e negativo em Cachoeiro, no estado e no país. Queríamos que a educação fosse vista e tratada com investimento de primeira necessidade e não com coisa secundária. Nossa luta era por políticas adequadas, currículos competentes, professores qualificados, diretores interessados no que faziam, no aprimoramento da vida estudantil. Queríamos diálogo, participação, na vida dos colégios. Não desejávamos ser apenas recipientes, mas partícipes de decisões que afetavam o nosso presente e iriam ser determinantes do nosso futuro. Éramos sérios, antenados, corajosos, firmes, dotados de pontos de vista muito pensados. Havia também outras atividades menos agressivas, como maratona de matemática, concurso de eloquência etc. Incentivávamos a leitura e buscávamos o debate em todos os sentidos, a respeito de tudo que fosse determinante da felicidade da categoria e da cidade. Até na área esportiva,



tínhamos gente qualificada que palpitava. A Casa de Estudante estava sempre ligada aos Jogos Raimundo Andrade, que eram sediados em Cachoeiro e reuniam estudantes do Espírito Santo inteiro, com uma abertura maravilhosa no Campo do Estrela, e também às olimpíadas estudantis que Cachoeiro sediava, com jovens de todo o estado, de Minas Gerais e inclusive, de um colégio considerado modelo na época, que pertencia à Fundação Getulio Vargas e ficava sediado em Nova Friburgo, interior do Estado do Rio. Também fomos participar de jogos estudantis nesse colégio de Nova Friburgo e o Liceu se sagrou campeão. Nessa época, eu era presidente do grêmio do colégio. Cachoeiro também exportou alguns professores para esse grande educandário, todos eles ligados à Educação Física, como Jaider Coelho e Heraldo Sá. Havia também um de Castelo que foi para lá, o Jorge Abib. A Casa de Estudante fomentou muito o aspecto cultural, o aspecto associativo, a democracia centrado no melhor diálogo possível entre as pessoas e instituições. Foi ela que abriu caminho para o surgimento da UCES, com sua plataforma reivindicatória. A Casa do Estudante e a UCES foram escolas de democracia, de diálogo e luta honrada por princípio, nunca por interesses subalternos, pois o único interesse que contava era a qualidade do ensino e sua difusão. Nunca mais Cachoeiro teve uma escola de formação de líderes da qualidade da CECI e da UCES.

**Paulo Fabres:** *Havia repressão e perseguições políticas nesse seu período frente à CECI?*

**Bruno Paraíso:** Já me referi ao fato de que, no momento em que eu entro no cenário da CECI e no auge da minha participação há UCES, o país estava pegando fogo, com um movimento sindical palpitante. O Brasil era um caldeirão de idéias. Por todo lado, havia debates, busca de soluções, de saídas para nossas mazelas nacionais e regionais. O país estava muito dividido entre conservadores e reformadores. Como imperava a Guerra Fria, entre a então URSS e o USA, aqui o confronto acabava se dividindo entre direita e esquerda, como se fosse somente isso. Era mais. Tinha meias tintas entre esses extremos. A tendência era considerar a esquerda correta e a direita nefasta. Coisa absurda que brota da paixão entre facções. Havia, na verdade, gente boa e boas intenções nos dois lados, mas também estavam a postos os golpistas de plantão, aqueles que queriam tirar proveito do grande caldeirão que estava a ferver. E isso acontecia à



direita e à esquerda. Quando a Casa do Estudante precisava de algum patrocínio às vezes batíamos em algumas portas que nos negavam apoio pelo fato da CECI estar muito mais ligada à esquerda do que à direita. Nós percebíamos que estávamos caminhando para um processo muito difícil, e a instituição em si começou a degradingolar, começou a perder gás. Quando eu deixei a CECI, o declínio já estava começando. E 1964 seria a pá de cal. Ainda houve uma sobrevida, que permitiu algumas realizações e o surgimento de algumas lideranças, mas isso durou muito pouco. A ditadura militar era muito forte e sabia usar seu tacão para calar a boca de quem protestasse, ainda que o protesto fosse sem viés ideológico. O simples fato de ser protesto levava as forças de segurança a brecá-lo. Eu me lembro que, no dia 1º de abril de 1964, quando eu não mais militava no movimento estudantil cachoeirense, mas estando na cidade, fui comprar um remédio para minha mãe na farmácia e passei em frente à ótica de um integralista que havia, e ele chegou do seu estabelecimento e gritou a plenos pulmões: "Esse pessoal ainda está vivo?". Foi naquele momento que eu vi que realmente o negócio ia pegar fogo, que uma era havia acabada e outra iria começar, com duração imprevisível. O horror durou 21 anos. Foi muito duro. Paguei caro pelo meu idealismo.

**Paulo Fabres:** *As atividades da Casa do Estudante tinham repercussão só entre os estudantes ou mexia de alguma forma com a vida da cidade?*

**Bruno Paraíso:** A CECI, já ressaltai, não era qualquer coisa, mas uma instituição bem estruturada, fundamentada, com sede própria, construída pelos Herkenhoff. Tinha uma história, uma luta de conquistas, de vitória, em prol dos estudantes e da educação. Naquela época, a vida escolar tomava conta da cidade. Todo mundo se envolvia com o que acontecia nos colégios, com as olimpíadas de matemática, com as horas sociais no Liceu, com as disputas esportivas, com a eleição da rainha dos estudantes, com os eventos promovidos na CECI. Com o advento da UCES, a luta estudantil foi para a rua. O estudante se fez ouvir, incomodava, resistiva, insistia, marcava presença, enfrentava tudo sem medo, com respeito, mas com coragem. Cachoeiro era uma cidade muito mobilizada para e pela educação, e sobretudo o Liceu e os Herkenhoffs tinham uma força e uma versus e Escola do comércio era uma coisa permanente, tanto nos esportes



quanto na questão da qualidade da educação. É evidente que o Liceu fornecia o melhor ensino público que se poderia oferecer no Espírito Santo. Só tinha igual no Colégio Estadual de Vitória. Tínhamos orgulho de ser estudantes, dos nossos uniformes. Éramos ativos, audaciosos, capazes de opinar sobre assuntos diversos com competência. Encarávamos os professores de igual para igual. Marcávamos o nosso espaço. Falávamos com os prefeitos e os vereadores de peito aberto. Dávamos aula de competência e bom sendo na rádio local. Escrevíamos nos jornais com muito conhecimento de causa. Marcamos uma era em termos de pensamento positivo, de valorização da ética, de respeito mútuo, de dignidade pessoa, de firmeza de pontos de vista, de seriedade na tomada de decisões, no debate franco e sem medo diante de quem quer que fosse, sem perder o respeito, mas com firmeza, com autoridade. Existíamos. Éramos ouvidos. Marcávamos presença forte na vida colegial, social, esportiva, política e comunitária. Nunca houve uma geração como a nossa, tão desafiadora, tão abertamente participante. A cidade nos deve isso: o ter ajudado a clarear a mente de muita gente, de havermos encarado o desafio de pensar grande sobre um país em construção, sobre a nossa terra.

**Glauco Oliveira:** *Ocorre que a didática do Liceu era mais voltada à universalidade, enquanto a Escola de Comércio e o Ateneu eram escolas voltadas mais para a profissionalização.*

**Bruno Paraiso:** Acho isso muito positivo, especialmente para a época a que nos referimos. Mas mesmo assim, o Liceu, há que ressaltar, embora praticasse um ensino universalista, era um colégio público e laico admirável. Lá não tinha aulas de religião, porque o Estado Brasileiro era laico e a escola pública tinha que seguir essa orientação. Isso era revolucionário para a época e se deve ao diretor que mais tempo conduziu o Liceu, Wilson Lopes de Resende, e ao corpo docente. Embora majoritariamente católicos apostólicos romanos esses mestres honraram a tradição laica republicana. Aliás, eles eram verdadeiros republicanos. Já a Escola de Comércio, embora não fosse um colégio religioso, o perfil profundamente católico dos Herkenhoff, no sentido mais tradicional, imprimia forte visão religiosa ao ensino que oferecia, pioneiro na profissionalização de nível médio no sul do Estado do Espírito Santo.



**Glauco Oliveira:** *Mas diferente do Cristo Rei, que era um colégio só de moças...*

Bruno Paraíso: O Cristo Rei era um colégio religioso, e havia internato também. Os Herkenhoff precisam ser recuperados em Cachoeiro, pois fizeram um trabalho pioneiro nisso que o Glauco destacou que é educação voltada para a profissionalização, que é a escola técnica de contabilidade, o que também fazia o Ateneu do reverendo Jader Gomes Coelho. Os dois formaram grandes profissionais que muito contribuíram para o progresso econômico e social da cidade. O Cristo Rei, católico por formação, tinha a virtude de confiar suas alunas, em geral moças das famílias tradicionais locais, a um socialista como Deusdedit Baptiststa. As irmãs tinham por ele admiração incondicional e nele confiavam plenamente, a ponto de também lhe confiarem o planejamento da futura Faculdade de Filosofia que vieram a fundar. Uma última palavra sobre o Liceu: não era um colégio, mas uma universidade e nisso residia a sua grandeza, o seu pioneirismo. Tinha professores catedráticos que defendiam tese para chegarem lá.

**Paulo Fabres:** *Qual outra liderança que o Senhor destacaria como de relevância especial no movimento estudantil cachoeirense de sua época?*

**Bruno Paraíso:** Acho difícil eleger uma apenas. Rendo aqui minhas homenagens ao Luiz Cláudio de Freitas Gazir, e ao Antônio Luciano Fuser, pessoas muito diferentes, mas que marcaram sua época com uma grande firmeza de propósitos, uma imensa capacidade de luta. Foram exemplos. Uma outra pessoa que gostaria de destacar aqui é o Antônio Luciano Fuser, um grande líder do movimento estudantil de Cachoeiro. Eu acho que entre aqueles que tinham uma postura revolucionária, reivindicativa, que iam para rua e mostravam a cara e abriam o peito. Luciano foi realmente o mais importante e o mais corajoso.

**Paulo Fabres:** *Há algum outro registro que o Senhor gostaria de fazer sobre a CECI ou sobre o movimento estudantil cachoeirense em geral?*

**Bruno Paraíso:** A CECI era como uma praça ateniense, onde se debatiam idéias e se as





colocavam em prática, desde que por decisão da maioria. Só isso bastaria para afirmar a grandeza do seu legado. A UCES foi um prolongamento dela, uma saída do salão para a rua. Esses cenáculos tão fundamentais para a formação de um jovem foram destruídos pelo golpe militar de 1964, que entronizou o ódio na vida cachoeirense. E deixou os estudantes órfãos de debate, com confronto. Com a chegada da televisão, os cinemas foram todos fechando rapidamente. A vida comunitária deixou de existir. As pessoas se enclausuraram, diante das novelas e outros programas de TV, muitas vezes alienantes. A cidade cresceu desmesura e desordenadamente, sem que as comunidades pudessem ter acesso ao debate, a uma vida mais participante, solidária. Com a criação da Faculdade de Direito, de Filosofia, com a Faculdade de Ciências Contábeis e de Administração, essa parte de educação em Cachoeiro melhorou, mas no meu ponto de vista não chegou ao nível que era no passado. A educação pública entrou em absoluto declínio. O que resta hoje do Liceu é lamentável. Estão fazendo uma reforma física, mas a grande reforma que precisa ser feita no ensino público brasileiro é a da qualidade, e isso tem que partir do Governo Federal. Eu queria destacar isso: o Espírito Santo perdeu várias oportunidades de ter uma educação de alto nível. Atílio Vivácqua tinha um grande projeto de educação para o Espírito Santo, a Escola Viva, que foi abortado pela revolução de 30. Atílio Vivácqua, que talvez tenha sido o maior e mais importante político do Espírito Santo, o único Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil saído do Espírito Santo, o grande disciplinador de lei do subsolo brasileiro, o grande senador, um político extraordinário. Saiu de uma das famílias mais cultas de Cachoeiro, que teve a ousadia de, nos anos de 1920 se trasladar para Belo Horizonte e criar um dos mais importantes salões literários de Minas Gerais nos anos vinte, o Salão Vivacqua. Li um livro que narra essa epopeia, uma coisa linda. Então, Cachoeiro conseguiu mais tarde recuperar um pouco dessa vocação para a educação com o Liceu. O Brasil naquela época tinha um ensino público de alto nível, e o Liceu levou isso às últimas consequências, um feito realmente fantástico.

**Paulo Fabres:** *O Senhor deseja fazer alguma consideração final, acrescentar mais alguma coisa na sua fala?*

**Bruno Paraíso:** Eu acho importante essa contribuição que você está dando, que é trazer



a tona de novo esse período da vida de Cachoeiro e o papel que a Casa do Estudante e, por decorrência, a UCES desempenharam na vida da cidade tem valor excepcional. Traz à tona, após anos de esquecimento, um capítulo primoroso da vida cachoeirense e capixaba, que se deve, fundamentalmente, aos Herkenhoff, esses pioneiros fantásticos. Eles conduziram a Casa do Estudante durante longo tempo e muito democraticamente saíram de lá, deixaram que o trabalhado continuasse por gente que tinha outras visões. É preciso honrar a memória dessa família que, embora conservadora, soube dar asas à liberdade, provando que não é apenas a esquerda que é capaz de voar. Quero ainda destacar que a cidade também deu ao movimento estudantil do Rio de Janeiro e nacional nomes de destaque. Exemplo disso é que dois presidentes da União Metropolitana de Estudantes do Rio (UME) eram cachoeirenses e ex-alunos do Liceu: Osiris de Azevedo Lopes Filho e Deusdedit Baptista Junior. E o foram exatamente nesse momento crucial da vida brasileira que antecedeu o golpe militar de 1964.

**Paulo Fabres: Obrigado pelo seu depoimento**

Rio de Janeiro, 15 de Junho de 2009.



### **Depoimento Evandro Moreira<sup>5</sup>**

Paulo Fabres o senhor participou ativamente da Casa do Estudante. Fale como foi o seu primeiro contato com a CECI?

EM: Eu me envolvi com a CECI quando eu estudava no Bernardino Monteiro, eu atrasei muito meus estudos face a mudança de minha família. Em 1958 eu comecei a estudar na Escola de Comércio, e como dirigente do Mensageiro Escolar, que era o jornal oficial do nosso grêmio colegial, eu fui para a Casa do estudante, fui lá diretor social, diretor de imprensa e propaganda. Na época nós formávamos um grupo que contava com Bruno Torres Paraíso, Abgar Torres Paraíso, Deolindo Tavares Costa, Hélio Rufino e várias outras pessoas que escapam da memória. Era uma turma ativa, a Casa do Estudante fazia concursos de oratória, concursos literários, jures simulados, eleição de rainha dos estudantes. Era muito organizado, tínhamos zelador, tínhamos uma biblioteca muito boa, que hoje acabou.

PF: Quais eram as preocupações e os interesses maiores das lideranças do movimento estudantil secundarista da época?

EM: Nós cuidávamos muito de cultura, estudávamos por conta o espanhol, francês, literatura, filosofia, e não descartávamos aquela atuação política. Nós fizemos aqui movimento contra o preço cobrado pela energia elétrica, contra o preço do leite, e outras atividades, chegamos a fundar um partido político, eu era o secretário, Solimar Soares

---

<sup>5</sup> Evandro Moreira é historiador, escritor membro da Academia Cachoeirense de Letras e da Ademica Espírito Santense de Letras, do his



da Silva foi o primeiro presidente, Nei Viana também participava, mas o partido não foi adiante, um não queria se candidatar e outro também não, porque nós gostamos, eu gosto de política, lecionei Ciência Política na faculdade, mas gosto de política e não essa politicagem que se vê hoje, isso aí realmente é depreciativo da pessoa.

PF: A Casa do Estudante na época conseguia mobilizar os estudantes?

EM: Muito, o estudante fazia questão de ter a carteirinha de estudante porque eles tinham participação direta na Casa do Estudante, ainda que fossem aos bailes semanais, as tardes dançantes que a gente fazia ao som de um “Hi-Fi”, disco de Valdir Azeredo Ray Conific, era muito gostoso. Hoje em dia o pessoal se preocupa muito com outras coisas menos nobres e nada com o estudo.

PF: Naquele momento havia um jornal para divulgar as atividades da CECI?

EM: A Cassa do Estudante tinha um jornal que no meu tempo chamava O Eco, e em Cachoeiro nós tínhamos o jornal Folha da Cidade, que foi criado por Joãozinho Herkenhoff, onde eu tinha uma coluna de notícias estudantis, literárias e rurais, não só da região, mas de tudo que me chegasse ao conhecimento. Havia outro jornal também, que era a Folha do Dia, que foi o segundo jornal diário de Cachoeiro onde também havia uma coluna onde nós publicávamos nossas coisas, inclusive um dos diretores da Folha do dia era o Roberto Lenghuber, que depois foi para o Rio e se tornou um messias, um milagreiro. Aqui o milagre que conseguia fazer era infernizar a vida de Raimundo Andrade, que era o prefeito da época. Ah sim, eu tinha também um programa na ZYL9, a Rádio Cachoeiro, que chamava Momento Literário, que dava todas as notícias estudantis, toda a movimentação que nós fazíamos e mais aquele intercâmbio literário que eu tinha com várias pessoas, inclusive com Luiz Otávio, J.G. de Araújo Jorge e vários outros escritores do Rio e de São Paulo, que mantinham um contato muito Grande. Tanto que quando eu fundei a Academia (Cachoeirense de Letras), em 1962, vieram escritores de Campos, do Rio de Janeiro, São Paulo e de vários outros lugares que vieram e fizeram palestras.



PF: Há alguma pessoa deste grupo que você fez parte e que se destacou na vida pública do Estado, o professor e jurista João Batista Herkenhoff, que vocês chamam carinhosamente de Joãozinho. Fale um pouco sobre ele.

EM: O Joãozinho era o que é até hoje, uma pessoa finíssima, uma figura humana muito grande, que sempre se preocupou mais com as pessoas do que consigo mesmo. Era um homem atirado, muito religioso, muito retinho, certinho, com toda família Herkenhoff, e tinha um dinamismo muito grande, participava de tudo, e depois que fui embora eles ainda ficaram aqui, e eu soube depois que ele se tornou juiz de direito, um juiz muito bom e estimado, que sabia realmente fazer justiça, não estava preso, preado pela nossa legislação caduca e as vezes até injusta. Ele era uma pessoa muito boa, de uma convivência pacífica, aquele jovem que não participava de estripulias que nós estudantes fazíamos, fizemos parede contra a Light, que era a companhia de energia elétrica, contra a cooperativa de laticínios, contra a presença de Jânio Quadros, Lott, e até entrevistamos o Lott e a filha dele. O Joãozinho era um jovem muito interessante, era um líder que foi quem fundou o Jornal Folha da Cidade que circulou entre 1957 até mais ou menos 1963, quando ele vendeu a maquinaria para Roberto Viváqua.

PF: Outra figura que em Cachoeiro foi muito ativo, o Deolindo Tavares Costa, o Dodô, um intelectual tido como de direita, qual era o perfil dele naquela época.?

EM: O Deolindo já mais extrovertido, mais buliçoso, mas muito animado também. Era um jovem dinâmico, inteligente, ele foi diretor de jornais de Cachoeiro, foi diretor do jornal da Casa do Estudante, nós saíamos para arranjar propaganda para o jornal e se a gente não conseguia ele esculachava e ele mesmo fazia. Era uma pessoa de muito peso, e acho que ele foi o único dessa nossa “plêiade”, falando imodestamente, o único que traçou uma carreira política, que se elegeu como vereador e pelo que me consta fez um belo trabalho. Eu me refiro a ele algumas vezes no meu livro sobre a história de Cachoeiro.

PF: Qual outro companheiro dessa época que o senhor destacaria?



EM: Eu comentei isso ontem com uma pessoa de que desse nosso grupo eu destaco a figura do Bruno Torres Paraíso, que eu considero a maior mente da nossa geração, o mais inteligente daquele nosso grupo que cuidava de literatura, filosofia, sociologia, é um sujeito inteligentíssimo, e provou isso porque ele dirige Rumos da Economia, uma revista do Rio de Janeiro, e obteve várias vezes o prêmio nacional de jornalismo. O Bruno, como sempre, era circunspecto, um gentleman, educado, mas uma pessoa austera, de pouco riso, um tanto ciso, já nós éramos mais palhafatosos, o Deolindo, o Luiz Cláudio Gazir, nós saíamos e íamos para o Alasca, Um restaurante que havia no centro de Cachoeiro, para tomar cervejada, e o Bruno não, o Abgar também não, ele eram mais comedidos, mas eram companheiros tão bons que hoje, quase cinquenta anos depois, ainda somos amigos, como o Paulo Medeiros, Milton Gimenes Lima, que também foram nossos parceiros e são companheiros até hoje para toda ocasião.

PF: Qual o registro gostaria que você poderia fazer como o mais marcante não só sobre a Casa do Estudante mas também sobre a vida da comunidade, na política, o que sobressai desse período?

Esse grupo que nós comentamos era um grupo heterogêneo, eu e o Dodô éramos mais liberais, tinha o Joãozinho Herkenhoff que era muito centrado, O Abgar que era brincalhão também, mas um pouco mais compenetrado, o Benvindo e o Bruno que eram mais fechadões, mas a preocupação era uma só, era a cultura, a literatura. Nós éramos amigos dos “veteranos” Atrair Caim, Willian Bernudes, Solimar de oliveira, Deusdept Baptista, nós éramos uma turminha que admirava esses conterrâneos e também éramos admirados e incentivados por eles, tanto que quando eu fundei a Academia Cachoeirense de Letras em 1962 eles acorreram, forma participar da Academia e me elegeram presidente. O nosso objetivo determinou a fundação dos jornaizinhos, a Academia Estudantil tinha um jornal, o Letras Acadêmicas. Nessa época, em 1960 comecei a pesquisar para publicar o livro Poetas Cachoeirenses, que muita gente não conhecia, daí juntei alguns dados que culminaram depois com a complementação para fazer escrever depois a história de Cachoeiro. Nós tínhamos esse objetivo, Nossas farras, os nossos bailes, tínhamos nossas namoradas, fazíamos serestas e quantas vezes a gente



amanhecia na Praça Jerônimo Monteiro, e não abríamos mão de nada. Não existia esse negócio de drogas ou bebida em excesso, essas curtuições idotas que hoje nós vemos dos jovens de hoje, alguns falta : "Ah, são jovens", nós fomos jovens também mas nós construímos alguma coisa e acho que a história se digna de preservar. Fomos nós jovens que criamos a Casa do Estudante em 1947 com Pedrinho Herkenhoff e Lauro Depes e outros líderes, depois em 1955 a Academia Cachoeirense, que foi uma iniciativa da Casa do Estudante, em 1959 eu criei a Academia e como havia o problema dos estudantes ao término do curso (científico) eu convidei a turma toda para fazer uma academia permanente onde entravam pessoas novas, velhas, estudantes e não estudantes, a Academia Cachoeirense de Letras, e trouxemos aqui vários palestrantes de outras cidades, publicamos vários livros de nossos autores que nunca haviam publicado nada e nós publicamos, Dorival Serrano Atahir Cain, Solimar de Oliveira, um objetivo, uma coisa interessante que acho que vigora até hoje porque todo esse grupo, como o Benvindes Nunes é juiz Federal, o Abgar é Juiz, o Bruno um jornalista renomado, Paulo de Tarso Medeiros, que foi gerente do Banco do Brasil nos Estados Unidos por um tempo, o uns dois ou três, como eu, foram funcionários do Banco do Brasil concursados, porque naquela época nós sabíamos ler e escrever, não é como hoje que muita gente sai da escola sem saber escrever uma carta. Nós já fazíamos crônicas, colaborávamos nos jornais correio do Sul, **Arauto**, Folha da Cidade e Folha do Dia que foi o segundo jornal diário de Cachoeiro. Eu acho que nós tínhamos objetivos, nós tínhamos sonhos, coisa que hoje, eu digo em várias crônicas, acho que acabou. São poucos os jovens hoje que se valorizam, acham que a vida é curtuição, "tô bombando", "to curtindo", "arrebentando". Nós fazíamos coisas válidas, coisas de interesse comunitário.

PF: O senhor gostaria de fazer um registro a mais,

EM: Gostaria. Hoje nós estamos aí às voltas com um problema, nos primeiros números desta revista (Cachoeiro Cult) falou-se do resgate cultural de Cachoeiro e alguns "críticos", alguns mais pessimistas, disseram que é bobagem, que Cachoeiro não tem cultura e que é bobagem ficar lembrando o passado. Eu acho que não, o passado é o alicerce do futuro, se não conhecermos nossas raízes não teremos condições de



determinar um rumo certo. O que estamos fazendo com Cachoeiro Cult, uma revista fundamentalmente cultural, e nós pretendemos não ficar naquele bairrismo inócuo, Muita gente diz que o bairrismo em Cachoeiro é uma bobagem, que é uma coisa que não existe, mas nós somos bairristas sim, o que é ser bairrista? É amar o seu pedaço de terra. Eu que estive em Minas por um tempo, poderia estar lá até hoje, tive propostas boas para quando aposentasse no Banco, mas eu resolvi voltar para Cachoeiro para cuidar disso, nós temos que preservar nossa história. Não importa se não tivemos dez Rubem Braga, dez Newton Braga, não importa que não tivemos isso tudo, foram poucos, os outros são os pequenos, como nós mesmos, mas que tem aquele objetivo, que tem aquele ideal e aquela vontade de não deixar acabar o que fizeram, porque até os políticos antigamente eram mais interessados, Fernando de Abreu era escritor, teve livros publicados, Atílio Vivácqua e muitos outros, depois dos anos 1960 é que entrou a mediocridade e nos últimos vinte anos nós vimos a derrocada total da cultura em Cachoeiro, a secretaria de cultura parou de funcionar e tornou-se apenas uma repartição decorativa e moeda de troca política. Nós hoje estamos com esta revista, que é a Cachoeiro Cult, que estamos transformando em editora também para publicar os novos, já estamos com cinco autores novos, são muito bons, estamos revelando cronistas de alto nível. É esse trabalho que estamos fazendo. Há vários anos faço visitas todas as escolas batendo papo com os alunos e professores, divulgando a história de Cachoeiro e incentivando a leitura. E a leitura pé a base da educação que está bem ruiziunha. Agora que começou o interesse por parte do pode público falar comigo sobre a biblioteca, mas mesmo assim não funciona bem não, nossas escolas às vezes tem uma biblioteca mas não tem bibliotecária, e a biblioteca fica lá se deteriorando. Infelizmente, lamentavelmente. É essa nossa bandeira agora, produzir uma revista apolítica, sem nenhum interesse no trabalho que nós fazemos, houveram dois números que nós tivemos que tirar dinheiro do bolso para pagar a edição, mas que fizemos com todo prazer e todo amor.

PF: Muito obrigado

EM: Obrigado você por nos ajudar a divulgar e partilhar isso aí também, como todo bom Cachoeiro deve fazer.

Cachoeiro de Itapemirim, 10 de Maio de 2009.





Depoimento de Glauco Oliveira <sup>6</sup>

**Paulo Fabres<sup>7</sup>: Como foi seu primeiro contato com o movimento estudantil secundarista de Cachoeiro e em especial com a CECI?**

**Glauco Oliveira:** O início do meu trabalho no movimento estudantil começou em primeiro de março de 1964. Eu estava estudando para prestar concurso na escola naval quando arrebentou a revolução e exatamente neste dia eu parei de estudar para o concurso, parece até que estava antecipando o que viria depois. Eu estava com quatorze anos. O curioso é que uma cidade como Cachoeiro, que forjou gente, como todos nós, mostra que vivíamos em determinado tempo de formação de cidadão, e esse tempo não existe mais. Pode-se dizer que nós estávamos dando continuidade a um movimento que passava de geração em geração. Quando tempo depois entrei no primeiro ano científico no Liceu, eu tive contato com prof. Gazir, que foi um ponto de união que eu tive entre a família e a sociedade, isso é nítido. Foi primeira vez que eu comecei a perceber que havia um mundo fora a família foi com as aulas de história do Gazir, e isso foi para mim um marco. O Gazir deu aula para a gente em 1964, isso no terceiro ano ginásial. Agora,

---

<sup>6</sup> É jornalista com passagem em vários jornais da grande imprensa no Rio de Janeiro e atualmente é editor da Booklink.

<sup>7</sup> Sociólogo e historiador social, editor da revista Sinais (ISSN 1981-3988), membro do conselho deliberativo e coordenador da linha de pesquisa de História e Memória do NEI (Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias), órgão de pesquisas vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo.



isso é muito curioso, porque o Gazir tinha uma maneira que influenciou muito nosso amigo Nilson Roberti, que é o sacarmos, o cinismo. Mas já nessa época, com quatorze anos de idade, eu estava lendo todos os existencialistas e já estava duvidando das verdades, e isso para mim foi outro marco, nós estávamos mantendo contato com os existencialistas franceses, em traduções que chegavam da vasta biblioteca do meu pai. Eu tinha esse luxo de ter uma biblioteca em casa, coisa que poucos tinham em Cachoeiro. Agora, o contato com Gazir foi importante porque ao mesmo tempo em que ele nos instigava à reflexão, ele mostrava outros mundos, fora do mundo entre as montanhas de Cachoeiro. Mas já no ano seguinte, quando abandonei a trajetória de entrar no colégio naval e vim cursar o Liceu, eu já comecei a trabalhar, já comecei a me profissionalizar, coisa que poucos da minha idade faziam, a não ser os “carcamanos” do Amarelo, onde eu vivia, isso é muito interessante. Eu comecei a trabalhar juntamente com meu pai no jornal O Momento, que foi fundado no tempo do prefeito Abel Santana. Junto com as aulas do professor Gazir, e junto com a entrada no O Momento, foi que eu fui fazendo a passagem da família para a cidade, para a polis, para o mundo. Você vai desvendando, retirando os véus que nos encobre, e você vai despertando para o amanhã, isso é muito bonito que aconteceu. Já iniciando as aulas no Liceu, no primeiro ano científico, e já fazendo jornal, que começou uma situação muito curiosa, por que tudo que acontecia comigo no jornal era totalmente diferente do que ocorria na escola. Tanto assim que as únicas matérias que eu me envolvia eram as de português e de geografia, mais de português, que era com o professor Alicia Franco. As outras matérias técnicas e tecnológicas, eu não tinha uma participação. Então ocorreu algo muito fantástico, eu estava envolvido com jornalismo, com edição de jornal, e tinha uma relação com o professor Joacir Pinto, que dava aula de física e química, o que salvou os meus três anos do curso científico. Simplesmente, um belo dia, vendo o esforço do professor Joacir Pinto, que tinha preparado umas apostilas rodadas em mimeógrafo, eu sugeri a ele editar todas as apostilas para todos os companheiros de sala de aula, e ele topou essa empreitada. A partir disso, comecei a editar as apostilas e esse foi mais um marco da minha trajetória profissional. Bom, já no Liceu, eu tomei contato com o grêmio estudantil, e como eu já havia me profissionalizado, eu não me envolvia com a questão de agremiação estudantil, não havia tempo, já que eu tinha que estudar pela manhã e à tarde trabalhar no jornal. Mas um ano depois, em 1967, começou a trabalhar no jornal



O Momento o Paulo Domingues e um jornalista cachoeirense famoso que tinha retornado à Cachoeiro, que é o Ito Coelho. Tanto o Paulo Domingues quanto o Ito Coelho formam os meus dois orientadores e até hoje são pessoas que fazem parte da minha história. Um belo dia, o Paulo Domingues me chamou: “vamos à Casa do Estudante”, e lá fui. Foi o meu primeiro contato com a instituição. Nessa época, a Casa do Estudante estava num processo de revigoração, porque em 1964 ela havia sido fechada, e toda a vida estudantil em Cachoeiro estava paralisada, estagnada. O mais curioso que hoje me recordo que tudo que estava ocorrendo no país na época não era comentada dentro do colégio, nas salas de aula, nas famílias. É muito curioso isso, porque não se falava nada? Havia no ar um silêncio perverso, para encobrir determinadas verdades que estavam ocorrendo no país. Aliás, para ser um pouco sincero, vivendo em Cachoeiro para mim naquela época, nem o país existia, porque Cachoeiro era o meu país. Mesmo lendo os livros franceses ou os jornais do Rio, principalmente o Última Hora e o Correio da Manhã, a minha vida era Cachoeiro, não havia outro espaço geográfico, era outro mundo o Rio de Janeiro, e outros mundos os outros continentes, é curioso. Mas a partir do contato com a Casa do Estudante, começou a se delinear outra trajetória como, assim, procurar a sua gangue. É interessante, você observando, parece até que havia também uma sintonia, sem nenhuma racionalidade, com que ocorria no mundo todo, a formação de gangues, também no Amarelo nós tínhamos a nossa gangue. Recordo-me que no Amarelo tomava-se banho no córrego, que hoje é o esgoto do Amarelo, mas nós tínhamos nossas rixas de rua e formávamos nossas gangues. Não eram gangues de antagonismos, mas de algumas rivalidades, como tribos diferentes, e ao chegar à Casa do Estudante se formava uma nova gangue. Interessante, porque a vida do Amarelo era uma vida assim meio rural. O Amarelo era quase um bairro rural de Cachoeiro na época, em 1960 Cachoeiro tinha vinte mil habitantes. E a Casa do Estudante era numa rua calçada, a Rua Jerônimo Ribeiro no Amarelo não era calçada, a gente tinha que jogar água quase diariamente para a poeira baixar. Eu era um habitante rural, pisando no paralelepípedo da cidade, é muito interessante isso, como a gente que sai do campo e chega à cidade. Bom, foi no contato com a Casa do Estudante que comecei a perceber que havia mais um mundo a ser desvendado, que eu não sabia qual. Como a gente não tinha consciência do que estava ocorrendo, porque a vida no interior em Cachoeiro ocorria na maior



naturalidade, não havia os embates ideológicos, mesmo sendo as ideologias que dominavam. O contato que nós tínhamos na Casa de Estudantes era de reunir as pessoas e se procurar situações de assistencialismo para o estudante que nós considerávamos como mais desprovido de recursos, uma visão assistencialista da Casa de Estudantes. Como nós sabemos hoje, nós desconhecíamos todos os embates ideológicos que ocorreram em Cachoeiro desde a década de 1930. Hoje eu me pergunto: porque que a história da cidade não era transmitida para as gerações? O que ocorria nas histórias das famílias? Havia um silêncio, consentido. Hoje nós fazemos essas perguntas, mas porque que ocorria isso? Se na época nós tivéssemos condições lógicas e racionais para fazer essas perguntas, nossas vidas talvez fossem diferentes. É interessante que essa visão assistencialista que nós tínhamos na Casa do Estudante. Em 1968 nós não sabíamos também das grandes manifestações que estavam ocorrendo no mundo inteiro, sinceramente eu estava totalmente alienado, uma alienação perversa, mas mesmo assim estávamos sintonizados. Isso é curioso, como é que se faz uma sintonia sem a lógica? Que caminho levava a gente, por exemplo, em Cachoeiro, quando a UNE no Rio, hoje nós sabemos, fazia todas as manifestações com as bandeiras de luta contra o acordo MEC- Usaid, e as bandeiras de lutas de meia entrada e passes escolares nos ônibus. Como se chegava isso em Cachoeiro? Eu não me recordo. Em 1968 nós fizemos manifestações pela cobrança de cinquenta por cento das passagens de ônibus em Cachoeiro, e nós fizemos várias manifestações sobre isso. É muito interessante depois de tanto tempo relembrar esses fatos que fazem parte da nossa formação. Me parece que isso quer dizer que além de todas as palavras que nós ouvíamos na época, uma delas chamada conscientização, que nós devemos forjar um ao outro, eram palavras ocas, mas que havia algo se manifestando que unia um jovem ao outro ocorrendo em todo o mundo. Eu acho que a grandeza do movimento estudantil que explodiu em 1968 foi isso, que é uma mudança de pensamento, de posturas e de condutas que marcam a nossas vidas até esse momento. Agora, um fato curioso que ocorreu em 1968 e que marcou a nossa participação na Casa do Estudante, que é interessante a gente relembrar, é que quando nos retomamos a Cassa do Estudante e começamos a dar continuidade aos projetos da gestão anterior, que foi de 1967 se não me engano, nós percebemos que havia um mural no salão da Casa do Estudante com o símbolo da Casa do Estudante, mas não tinha bandeira, a bandeira da Casa do Estudante. Então eu falei, “vamos fazer



uma bandeira”. Essa bandeira foi feita na minha casa pelas minhas irmãs. Quinze dias depois, quando nós inauguramos a bandeira, falece um dos nossos companheiros de chapa que foi o Lauro Apolinário. Essa bandeira foi junto com Lauro, em cima do caixão dele. É interessante é que eu percebi na época que fazer ou participar de uma agremiação era também trabalhar com as pessoas e os sentimentos daqueles que estão envolvidos naquela história. Mesmo assim, com a morte do Lauro, nós demos continuidade ao projeto de revitalização da Casa do Estudante em dois segmentos, sendo um de apoio aos estudantes mais necessitados que vinham de outras cidades estudar em Cachoeiro, mas ao mesmo tempo, começamos a ficar mais antenados com o movimento que ocorria no Rio de Janeiro. E começamos a pensar politicamente o movimento estudantil na Casa do Estudante, já com outros companheiros que formavam a diretoria. Um deles que teve um papel muito importante no fortalecimento do pensamento da gente, o Francisco Borges. O Chico era um tipo que me lembrava na época, eu nem sei da onde era o Chico, porque eu não me ligava da onde eram as pessoas, minha vida era de muita naturalidade, eu só sei que o Chico me lembrava do Valder Costa. O Chico me lembrava também, pela cabeleira toda revolta, me lembrava muito a figura do Castro Alves, mas o Chico não era cineasta nem poeta, era um agitador nato. Ele mobiliza a gente em todas as situações, juntamente com Paulo Domingues, porque instigava a todos nós ao pensar, ao pensamento. Eu percebi que com o pensamento a gente vai se educando aos poucos, e não precisa fazer a cabeça de ninguém, a gente vai se forjando na luta do dia a dia, nos embates, com o que está ocorrendo. Acho que isso teve um papel decisivo para minha formação até hoje. Agora, em 1968 houve um fato relevante que marcou a nossa trajetória como membro da diretoria na Casa do Estudante, porque nós fizemos uma Semana do Estudante, em 21 de agosto e escolhemos o Bruno Paraíso como o Estudante Ausente nº 1. Eu nem sabia quem era Bruno Paraíso, eu conhecia o Abgar Torres Paraíso, que tinha sido meu professor, juntamente com Solimar Soares da Silva, e que tinha um escritório de advocacia, onde eu religiosamente comparecia a esse escritório, passava por lá. Eles eram profissionais, eu trabalhava no O Momento e fazia movimento estudantil e fazendo o Tiro de Guerra. Eu estava vivendo uma contradição curiosa, fazia movimentação estudantil na Casa do Estudante, estava tentando me profissionalizar e fazendo “ordem unida” diariamente, e pior, eu tinha que aturar um integralista



diariamente do meu lado no tiro de Guerra. Mas deixa-me contar a história do Abgar. Como na época eu continuava a lendo os existencialistas ... Tempo depois o próprio meritíssimo Abgar me lembrou que certo dia eu passei no escritório dele ele me perguntou: “E aí Glauco, como você vai?”, e eu dizia, “tá uma merda”, eu não recordava disso. Mas tava uma merda porque a situação do país de fato estava uma merda, e eu recebia isso corporalmente, osmoticamente as coisas chegavam para mim, quer dizer, era uma situação basicamente que eu não estava me transformando um ser político pela cabeça, mas pelo corpo, não a sua totalidade, e isso para mim é muito forte. Mesmo sabendo que a formação ideológica nos traz até hoje muito sofrimento, porque muitas das verdades vendidas para nós na década de 1960 nós verificamos que eram um embuste. Isso porque as verdades não existem, hoje nós podemos dizer isso com toda a segurança, na época não. Hoje nós temos essa percepção nem aguçada nem verdadeira, mas a gente percebe que a grandeza da vida é a mudança da vida.

PF: Há uma grande mudança qualitativa no movimento estudantil da CECI na época de Michel Misse para a gestão do Roberto Valadão, de uma visão assistencialista para uma maior politização do movimento. Pode-se atribuir essa mudança à repressão que se tornou mais aguda sobre as lideranças estudantis da época?

Glauco oliveira: Acho que não, até porque foi um amadurecimento, a Casa do Estudante até então tinha uma visão assistencialista e nós continuamos com essa postura. Isso porque existe uma situação prática, como eu já trabalhava, pra fazer jornal tem que ter papel, tem que escrever, tem que compor, tem que imprimir e tem que distribuir. Eu tinha essa visão, e eu comecei a levar essa visão para a Casa do Estudante. Na época da gestão de Valadão nós levamos duas ações concretas para a Casa do Estudante na visão assistencialista, uma a construção do restaurante e outra o dormitório, eram ações práticas. Isso que me parece que foi um avanço na organização, e não ficar somente no trabalho ideológico.

**Bruno Paraíso:** Essa tradição assistencialista vem desde o nascedouro, e vocês retomaram, mas eu acho que o na gestão do Roberto, essa questão da participação



política, esse viés ideológico, ficou muito mais importante. Foi o primeiro momento depois do golpe de 1964 em que isso se manifestou. Acho que é importante você falar um pouco de que tipo de contribuição, nesse espaço de tempo, o Roberto deu nesse processo.

**Glauco Oliveira:** Parece-me que não foi só do Roberto Valadão essa postura. O que ocorre é que o Roberto Valadão, como era uma pessoa mais velha de todos nós, que tinha uma vivência no Rio de Janeiro, ele trouxe uma postura mais agressiva no relacionamento com as autoridades constituídas. Ele era uma pessoa destemida ao falar, era uma pessoa vivida, com traquejo, tinha mais de vinte e cinco anos e nós estávamos com 17, 18 anos de idade. Nós até então não conhecíamos Roberto Valadão. Quando Roberto chegou em Cachoeiro nós no princípio achávamos que ele era um indivíduo ligado à repressão.

**Bruno Paraíso:** É, houve uma boataria que ele era agente duplo.

**Glauco Oliveira:** Nós pensávamos que fosse isso, como também chegou o professor de educação física, de natação, que pensávamos fosse homem da repressão, e parece que sim. Houve uma época também que chegou um rapaz em Cachoeiro que também achávamos o mesmo.

**Bruno Paraíso:** Esse clima de paranoia...

**Glauco Oliveira:** Havia um clima no ar. Mas a questão da ideologização do movimento estudantil não havia.

**Michel Misse:** Em 1968 o pessoal estava organizado.

**Glauco Oliveira:** Não em Cachoeiro.

**Michel Misse:** Já estava, eu sei por que o Chico veio para o Rio em 1968 ...



**Glauco Oliveira:** Exatamente o que ia comentar, o Chico, de todas as pessoas da Casa do Estudante era quem estava mais avançado...

**Bruno Paraíso:** Quem tinha uma posição ideológica mais nítida lá?

**Glauco Oliveira:** Era o Chico...

**Michel Misse:** O Jorge Luiz de Souza também já tinha, o Nilson Roberti, O Paulo Domingues...

**Glauco Oliveira:** Tinha, mas era vanguarda, era muito incipiente...

**Bruno Paraíso:** O Paulo Domingues nunca teve uma ideologia digamos de esquerda. Ele tinha um compromisso muito grande com essa questão dos direitos humanos, com a questão do negro. Ele tinha um diálogo com o pessoal de esquerda mas não acredito que ele tivesse filiação...

**Glauco Oliveira:** Observe o seguinte, tempos depois nós começamos a procurar, a fazer contato com o Rio de Janeiro, tanto assim que nós fizemos na Casa do Estudante vários encontros com o pessoal do km 47 (UERRJ) , para começar a fazer a correia de transmissão do movimento estudantil em Cachoeiro. Nós chegamos a participar de reuniões em Vitória com o pessoal da UNE. Na época quem estava em Vitória foi o Luiz Travasso, para começar arregimentar os estudantes, para fazer a rede, a correia de transmissão, um trabalho efetivo...

**Michel Misse:** O movimento estudantil de 1968 estava todo organizado entre PCB, PC do B, POLOP, AP, estava todo mundo organizado e em Cachoeiro também.

**Bruno Paraíso:** Agora, vocês chegaram a ser presos?

**Glauco Oliveira:** Exatamente. Observe, a Semana do Estudante em 1968, quando Bruno Paraíso foi escolhido como Estudante Ausente nº 1, baixou a repressão. E até





hoje eu uso um jargão da repressão de uma maneira jocosa, pois na intimação que recebemos estava lá, ironicamente, “convite ou intimação”, a gente tinha que escolher (risos). Eu não concordo que havia um trabalho de organização em Cachoeiro. Eu fui ouvido, nós não chegamos a ser presos, fomos intimados a prestar depoimento pura e simplesmente.

**Bruno Paraíso:** em Cachoeiro ou em Vitória?

**Glauco Oliveira:** Em Cachoeiro e em Vitória.

**Bruno Paraíso;** Porque aqui no Rio eu recebi em comunicado de que eu não baixasse em Cachoeiro, senão eu seria preso, eu fiquei um ano sem ir lá.

**Glauco Oliveira:** No interrogatório que foi feito dentro da prefeitura, a relação que eles estavam procurando era o vínculo com Brizola, com o “Grupo dos Onze”.

**Bruno Paraíso:** Era uma das acusações. Depois eu peguei meu dossiê aqui, e havia também a questão das vinculações com Cuba.

**Glauco Oliveira:** Então observe, se de fato houvesse as organizações em Cachoeiro ia ocorrer também o que ocorreu no Rio de Janeiro, como nós ficamos sabendo depois, que foram as prisões e as torturas.

**Michel Misse:** Sim, mas ocorreram em Vitória, com o pessoal de Cachoeiro que foi para Vitória.

**Glauco Oliveira:** sim, mas não houve tortura do pessoal de Cachoeiro em Vitória.

**Michel Misse:** Até acho que você pode ter até razão quanto a 1968, mas em 1969 não. Em 1969 eu estava em contato com Chico aqui no Rio e sabia que as coisas estavam caminhando lá em Cachoeiro de uma forma organizada. Eu mesmo me liguei ao PC do B no final de 1968 e princípio de 1969.



**Bruno Paraíso:** Essas localizações já tinham seus vínculos com o Espírito Santo e se espalhavam com o movimento estudantil

**Glauco Oliveira:** em Vitória sim, mas localizado e organizado em Cachoeiro não.

**Michel Misse:** A começar pelo Chico, ele já era organizado.

**Glauco Oliveira:** Mas só o Chico.

**Michel Misse:** Não penso isso, só o Chico?

**Glauco Oliveira:** Só o Chico.

**Michel Misse:** O Chico foi um cara que me ajudou e me trouxe para o partido.

**Glauco Oliveira:** Tanto assim Michel, que eu só tive contato com o PC do B no Rio de Janeiro.

**Paulo Fabres:** Glauco, quais eram as atividades da CECI neste momento além da Semana do Estudante?

**Glauco Oliveira:** Basicamente foi a questão do jornal que era Impacto, que era editado regularmente, e nós trabalhávamos na questão do passe escolar para os ônibus e na questão do acordo MEC-USAID, que era uma bandeira de luta estudantil. E nós continuávamos o trabalho que Michel coordenava na época dele que era promover os bailes, as atividades sociais, que era um movimento que reunia os companheiros estudantes. Mas é muito interessante isso, porque como Bruno frisou a CECI sempre foi vista como um ambiente de pessoas de origem mais humildes e não de pessoas com mais posse da cidade, pessoas que viviam um pouco na margem. Algumas pessoas inclusive falavam que nossa administração na CECI foi à última geração crítica que teve em Cachoeiro. É muito curioso isso porque em 1969 eu me afastei de Cachoeiro de uma



maneira tão assim, sem pensar, sem imaginar, sem consciência nenhuma e vim me instalar no rio de janeiro.

**Bruno Paraíso:** eu acho que depois do AI-5 a Casa do Estudante entrou novamente em declínio, eu não sei o que aconteceu.

**Michel Misse:** Não porque em 1970 eu fui escolhido Estudante Ausente, tem até aquela foto que te mostrei onde aparece o Valadão...

**Bruno Paraíso:** Tem que se identificar quem são as figuras que vieram na sequencia. Acho que era importante ouvir o pessoal que veio depois disso até o momento que houve a decadência.

**Glauco Oliveira:** José Carlos de Carvalho foi presidente em 1969...

**Michel Misse:** A gente mantinha contato ainda com a Casa do Estudante.

**Glauco Oliveira:** Eu não, eu me afastei.

**Michel Misse:** Nós só vamos cair, eu caí em 1972 e Jorge Luiz (de Souza) em 1973, quer dizer, até aí a gente tinha contato continuado.

**Glauco Oliveira:** eu não caí porque pulei fora.

**Michel Misse:** Eu acho que é a partir de 1972 e 1973 que vem a decadência, com a prisão de muita gente.

**Glauco Oliveira:** Quando eu vim para o Rio de Janeiro em 1969 que comecei junto ao PC do B, e foi uma luta que vai até 1972. Aí, em 1972 eu já fazendo imprensa no Rio, eu estava me preparando junto ao PC do B para ir para o Araguaia através de São Paulo. Quando a gente começou a ouvir a notícia de que Araguaia estava caindo nós recebemos uma autorização de não seguir. Eu acho que o movimento estudantil para aí.



Curiosamente, voltando aos tempos atuais, há alguns anos atrás eu tento retomar o contato com o movimento estudantil, como profissional editorial, e convido Poerner (Arthur José Proener) para relançar o livro O Poder Jovem. Na época, em 2004 quando o livro foi relançado, fiz contato com os diretores da UNE apresentando a proposta, já que a UNE estava retomando suas atividades, porque depois do movimento das eleições diretas a UNE não conseguiu se articular nacionalmente como entidade de luta do movimento estudantil, porque hoje as bandeiras de lutas são outras também. Mas eu relancei este livro para me reaproximar do movimento estudantil, onde eu tive uma surpresa curiosa. Isso que nós estamos fazendo aqui hoje, de retomar a história da Casa do Estudante, eu percebi que na própria UNE o resgate da história da entidade não está presente, e todos os anos de luta desde a sua formação, e da formação do Estado brasileiro, eu percebi que parece até que estamos vivendo um processo “a histórico”, que o valor da história está mudando, e parece que o que está ocorrendo é quase um momento de que o que vale é o aqui e agora. Resgatar a história da Casa do Estudante de Cachoeiro pode ser uma situação de nós olharmos para o passado mas com o pragmatismo de olhar para o presente hoje, e de rearticular os movimentos e associações civis que estão tão necessitadas no país hoje.

**Paulo Fabres: O Senhor gostaria de acrescentar algo mais ao seu depoimento?**

Glauco: Eu tenho um filho que hoje tem dezessete anos de idade, o curioso é que eu como pai hoje, tento e volta e meia eu comento com meu filho, para participar do movimento do grêmio da escola dele. Mas parece que como o tempo é outro e a história é outra. Está ocorrendo certa dificuldade para o jovem se inteirar da necessidade de participar de uma associação estudantil. Minha passagem, por ter iniciado com uma trajetória profissional muito cedo, de ter participado da Casa do Estudante de Cachoeiro de Itapemirim, isso me fortaleceu e me fortalece ainda hoje, porque foram experiências que se acumularam . Se todo o jovem, da maneira que puder, for participar de uma associação estudantil isso fará parte do futuro dele, porque o futuro a gente começa hoje. Eu acho que é isso.

Obrigado



Rio de Janeiro 11 de Março de 2009

Depoimento de João Batista Herkenhoff<sup>8</sup>

**Paulo Fabres<sup>9</sup>:** A Casa do Estudante foi fundada em 1947 por Pedro Herkenhoff e mais alguns companheiros. Comente sobre essa iniciativa.

**João Herkenhoff:** A Casa do Estudante foi criada pelo eu irmão Pedro com mais dois companheiros, o Iran Rodrigues e Lauro Depes. O Lauro morreu tragicamente afogado no Rio Itapemirim, na Ilha da Luz, e criou-se logo aquela lacuna, e então o Pedro e Iran lideraram a criação da Casa de Estudante com apoio de muitos estudantes da época.

**Paulo Fabres: Qual foi a maior motivação deles para tomarem essa iniciativa?**

**João Herkenhoff:** Pedro era um líder realmente carismático, qualquer pessoa contemporânea dele pode dizer o que ele era como pessoa. Pedrinho inspirava a mais

---

<sup>8</sup> Professor e jurista, graduado em direito pela Faculdade de Direito do Espírito, com mestrado pela PUC-Rio, doutorado pela University of Wisconsin e pós doutorado pela Universidade de Rouen.

<sup>9</sup> Sociólogo e historiador social, editor da revista Sinais (ISSN 1981-3988), membro do conselho deliberativo e coordenador da linha de pesquisa de História e Memória do NEI (Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias), órgão de pesquisas vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo.



completa confiança, era uma pessoa de extraordinária simplicidade e humildade, e que arrastava as pessoas para os ideais que ele queria compartilhar com o outro. Na verdade a sua motivação era contribuir para a criação de um espírito de luta dos estudantes, de idealismo, quer dizer, voltar-se para o próximo, para o outro. A Casa do Estudante tinha muito esse sentido de solidariedade. Havia uma instituição que era o modelo, a Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro, que foi muito importante na vida brasileira. A Casa do Estudante seria uma instituição que se propunha a congregar estudantes e despertar para valores mais altos, de servir ao outro, contra o egoísmo, contra o individualismo, contra o comodismo. Então, em sentido oposto, a idéia era promover o estímulo para o serviço em favor do outro, para a solidariedade, para a união, e também uma função muito educativa, que era despertar para o debate. A Casa de Estudante era um centro de debates, essa era a sua principal característica. E a juventude, ali naquele espaço, de certa maneira, teve a idéia de que estava resolvendo os problemas do mundo, são os sonhos da juventude. Eu lembro, por exemplo, de uma moção de aplausos pela criação do Estado de Israel, dentro da idéia de que todo povo tem o direito a se constituir Estado. Hoje a gente fica triste de pensar que a gente aplaudiu a criação do Estado de Israel, achando que os judeus tinham direito a uma pátria, e ver os judeus se opondo a criação do Estado da Palestina, porque o princípio é o mesmo, tanto os judeus tem o direito a um pedaço de chão, como os palestinos também. A gente fica pensando, poxa vida, Cachoeiro de Itapemirim, uma cidade do interior, o que significava aquilo, o aplauso dos estudantes à criação do Estado de Israel? Mas a gente achava que estávamos ali resolvendo os problemas. Agora, que discutíamos os problemas do mundo e do Brasil, isso realmente nós discutíamos. Eu acho que talvez o papel mais importante da Casa do Estudante foi ser um centro de debates, dentro de uma cidade que tinha uma tradição de cultura. O pessoal diz que o cachoeirense é muito bairrista, mas é verdade, Cachoeiro era um centro de cultura.

**Paulo Fabres: Fale um pouco desse momento cultural, político e econômico de Cachoeiro quando a Casa do estudante foi criada.**

**João Herkenhoff:** Naquele momento Cachoeiro disputa com Vitória a liderança no Estado. Newton Braga e Rubem Braga estavam fora, mas tinham uma presença em



Cachoeiro o Deusdeti Baptista, Elísio Imperial, João Madureira, entre tantos outros. As pessoas mais importantes da cidade eram os professores, eram as figuras de maior representação na sociedade. A gente fica pensando, hoje as pessoas mais importantes são as que tem dinheiro, naquele tempo eram as pessoas que tinha cabeça, os intelectuais eram os mais importantes. Cachoeiro tinha uma teia de grandes intelectuais, professores catedráticos. Teses de grande beleza foram defendidas em Cachoeiro. No Liceu, que era colégio público, havia vários professores catedráticos, como Waldemar Mendes de Andrade, Deusdeti Baptista, Wilson Resende, entre outros. Cachoeiro era uma cidade de vida cultural, a Biblioteca Pública Municipal sempre foi uma instituição relevante em Cachoeiro, onde sempre se deu muita importância ao livro.

**Paulo Fabres: Qual o apoio que o Pedro obteve para essa iniciativa de criação da Casa do Estudante?**

**João Herkenhoff:** Primeiro na mobilização dos estudantes, onde ele teve um apoio muito grande em função da sua liderança. A construção da sede envolvia dinheiro, houve a busca de apoio econômico daquelas pessoas que podiam ajudar que não eram muitas, mas que vai juntando um pouquinho aqui outro ali. Entre as pessoas que fizeram doações para a Casa do Estudante eu me lembro do Eupídio Volpini, que era da fábrica de cimento, do Assad Abgnem, que era comerciante. Não eram grandes doações, ninguém podia fazer grandes doações, mas com isso formou-se um fundo e foi sendo erguida a sede. O terreno, não me lembro bem se foi comprado ou se foi doado pela prefeitura, acho que a prefeitura doou o terreno. Agora, houve doações de particulares e acho mais adiante começou haver alguma ajuda do poder público, algum tipo de subvenção.

**Paulo Fabres: Nesse primeiro momento o que foi construído?**

**João Herkenhoff:** De início um salão que era utilizado para os bailes, debates e para realização de congressos estudantis. Eu me lembro que um grande debatedor foi Osíris Lopes Filho, que depois foi delegado da Receita Federal, uma pessoa integra que foi criticado porque não quis deixar que os jogadores campeões da Copa do Mundo



entrassem sem passar pela fiscalização da alfândega alegando que todos são iguais. Onde que Osíris aprendeu que todos são iguais? Isso foi na Casa do Estudante, ali se contribui muito para a formação do caráter, da dignidade cívica, sem dúvida alguma houve uma contribuição neste sentido. Outra pessoa muito importante foi João Cândido Santos, que depois veio a ser médico, também o Sérgio Gonçalves Lofêgo, filho do advogado Eliseu Lofêgo, advogado. O Sérgio Lofêgo depois veio a ser depois membro do Ministério Público e Procurador da Justiça, o Luis Cláudio de Freitas Gazir, em fim, uma plêiade de jovens. Acho difícil alguém que tenha tido uma vida ativa em Cachoeiro não tenha passado pela Casa do Estudante, que era uma escola de formação da cidadania.

**Paulo Fabres: Qual foi o envolvido que a comunidade Cachoeirense teve nesse primeiro momento de funcionamento da CECI?**

**João Herkenhoff:** Sem dúvida nenhuma houve um apoio da comunidade da comunidade por aquela causa. Eu me lembro que houve um movimento pelas ruas, uma passeata com o pessoal carregando bandeiras e angariando fundos, que contou com a simpatia e o apoio da população que contribuiu com pequenas doações. Sem dúvida nenhuma houve o apoio da cidade para que aquilo ali fosse adiante. Foi uma página belíssima da história estudantil e da história de Cachoeiro. Acho que é importante resgatar a história da CECI pelo que ela significou na formação de lideranças que depois vieram a ter papel na importante na vida do Estado e da vida do país. Você pensar que Demistóclides Batista, o Batistinha, um líder ferroviário e político que teve o batismo da Casa do Estudante. Eu vejo a Casa de Estudante como uma coisa de extrema relevância na vida de Cachoeiro.

**Paulo Fabres: O Senhor Chegou a fazer parte da diretoria da CECI? Quando foi que começou a sua participação?**

**João Herkenhoff:** Sim, eu participei da diretoria, mas na verdade comecei a participar da casa do estudante muito jovem, ainda menino, eu tinha quinze anos. Comecei participando dos debates, freqüentava muito a biblioteca, que era ótima. A biblioteca da





CECI foi formada inicialmente com doações de livros, depois ela foi inscrita no chamado Instituto Nacional do Livro (INL), e passou a receber doações diretas dessa instituição. A biblioteca não tinha funcionário pago, quem tomava conta da eram os próprios estudantes que faziam todo o controle, era uma coisa muito organizada.

**Paulo Fabres: Comente sobre as atividades sociais, sobre os eventos que eram promovidos pelos estudantes**

**João Herkenhoff:** Havia muitos bailes e também muitas matinês nos domingos, que começavam à tarde e iam até as dez horas da noite e eram muito animadas. Os jovens dançavam, muitos namoros e até mesmo casamento tiveram como semente a Casa do Estudante que era um lugar onde os jovens se encontravam. As festas eram animadas por conjuntos locais, não tenho certeza, mas suponho que o Roberto Carlos deve ter cantado na Casa do Estudante, não posso assegurar, mas provavelmente sim, porque ali era o local de reunião, de música, e ele cantava na Rádio Cachoeiro. É muito provável que ele tenha cantado na CECI, embora eu não tenha certeza disso.

**Paulo Fabres: Quais eram as pessoas que freqüentavam esses eventos sociais, de que camada social eram os jovens que participavam das festas promovidas pela Casa do Estudante?**

**João Herkenhoff:** Havia em Cachoeiro o Caçadores Carnavalesco Clube, que era chamado o clube da sociedade, freqüentado pelas pessoas de maior representação social, e a Casa de Estudante, que pela sua própria natureza, era um local freqüentado por estudantes, independente de sua posição social. A própria condição de estudante é não ter discriminação e a CECI era freqüentada tanto por estudantes pobres quanto ricos, não havia qualquer espécie de discriminação, era um espaço democrático e popular, porque não tinha vedação para ninguém, todos podiam freqüentar gratuitamente.

**Paulo Fabres: Quais eram as atividades culturais que eram promovidas regularmente?**



**João Herkenhoff:** Havia concursos literários, de oratória, sessões de oratória, sessões de comemorações de datas, como uma que é um tanto esquecida agora que é a Colonização do Solo Espírito Santense, o Dia do Trabalho também era comemorado, em fim, havia sessões comemorativas e também sessões temáticas. Havia atividades para desenvolver a oratória, muita gente aprendeu a falar e falou pela primeira vez na Casa do Estudante, esse foi outro serviço que a ela proporcionou, o desenvolvimento da oratória, que foi a possibilidade das pessoas se expressarem e discutir, isso foi uma coisa muito importante para a juventude de Cachoeiro.

**Paulo Fabres: Havia a participação de mulheres na organização das atividades da Casa do Estudante?**

**João Herkenhoff:** Acho que o que se pode destacar era o ambiente descontraído, fraterno mesmo, com participação tanto dos rapazes como das moças, Me lembro, por exemplo, da participação de Marília Vilela, que hoje escreve no Sete Dias, que é um jornal semanal de Cachoeiro, Moema Batista, filha do Deusdedit Baptista, Vera Maria Intra, uma grande batalhadora, pessoas que participavam ativamente da CECI, inclusive fazendo parte da Diretoria. Acho que a presidência nunca foi ocupada por uma mulher, mas a diretoria sim.

**Paulo Fabres: O Senhor tem alguma lembrança da participação da Casa do Estudante em algum movimento de campanha educativa ou cívica?**

**João Batista Herkenhoff:** Houve uma campanha extraordinária de alfabetização na década de 1950 que foi deslançada por Zilma Coelho Pinto, que talvez tenha sido a primeira pessoa a levantar a bandeira da alfabetização universal, o que era um sonho difícil, pois se até hoje até hoje não se conseguiu a alfabetização universal, imagina isso a cinquenta anos atrás. Mas de qualquer maneira, que visão a idéia de alfabetização universal. Foram criadas salas de alfabetização e eram atendidas pessoas modestas da redondeza, como empregadas domésticas, pessoas simples.



**Paulo Fabres: Havia uma participação partidária por parte dos estudantes naquela época?**

**João Batista Herkenhoff:** Na Casa de Estudante propriamente não, ela nunca teve uma cor política ou partidária, pelo contrário, era um lugar onde podiam participar pessoas dos mais diferentes credos religiosos e políticos, sem discriminação. Nunca se lançou sobre a Casa do Estudante esse estigma de ser um grêmio de tal filiação partidária, sempre se manteve com independência e equidistância. Mas certamente criou condições para desenvolvimento de vocações políticas, muitos jovens, por terem passados pela Casa do Estudante, vieram a se tornar políticos. Mas é difícil aquilatar em que medida, a passagem pela Casa do Estudante, por exemplo, formou a cabeça de Batistinha, fez dele um líder, é difícil dizer. Tranquilamente houve alguma influência nessa escolha que ele fez, assim como de outras pessoas, como o Roberto Valadão, ex-prefeito de Cachoeiro, que também passou pela Casa do Estudante, e muitas outras pessoas que vieram depois a ocupar cargos políticos, que tiveram participação na vida do município, do Estado e do país. A Casa do Estudante foi uma escola de cidadania, e sendo uma escola de cidadania foi sem dúvida uma escola de formação para o exercício da vida política. Agora, uma filiação partidária a Casa do Estudante nunca teve, fazia-se mesmo questão que não tivesse, nem partidária nem religiosa.

**Paulo Fabres: quais eram as pessoas mais atuantes no tempo que o Senhor participou da diretoria da Casa do Estudante?**

**João Batista Herkenhoff:** Eu entrei muito novo, mas acho que foi participar da Diretoria quando eu tinha talvez dezesseis a dezessete anos eu já integrava a diretoria. Eu fui Diretor do Departamento Cultural e fui também Diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, época que editei um jornal chamado O Eco, que era um órgão da Casa do Estudante. O jornal era impreso em uma tipografia de Cachoeiro, não me lembro o nome, e naquele tempo se imprimia uma página de cada vez, usava-se ainda aqueles tipos de ferro em que cada um correspondia a uma letra e ia-se fazendo a composição do texto. O Eco era um jornal muito interessante, despertou vocações literárias de alguns jovens. Entre os que escreviam estava o Osíris Lopes Filho, que



depois se tornou uma pessoa de destaque, Luiz Cláudio Gazir, entre tantas outras pessoas. O jornal era um motivador da redação, da literatura. Outra coisa importante da Casa do Estudante foi a Academia Estudantil Cachoeirense, uma Academia de Letras. Foi um momento muito bonito, participou a Regina Hess, que era filha do Djalma Hess, que foi casada com José Augusto Carvalho e é mãe do André Hess. Ela pode confirmar isso, mas acho que o primeiro texto que a Regina escreveu foi o jornal O Eco que publicou. A Academia Estudantil Cachoeirense tinha os chás literários, que reunia os jovens que gostavam de literatura. A Academia Cachoeirense de Literatura, o Clube de Oratória, o jornal O ECO, tudo isso foi fruto da animação promovida em torno da Casa do Estudante.

**Paulo Fabres: Quais eram as principais Instituições de Ensino de Cachoeiro?**

**João Batista Herkenhoff:** O Liceu, que era o colégio público, a Escola de Comércio, que era da nossa família, o Cristo Rei, que era o colégio das freiras e o Ateneu Cachoeirense, uma escola que tinha uma ligação com uma igreja protestante, não me lembro bem mas acho que Luterana. Esses eram os quatro mais importantes da cidade. Havia ainda o grupo Escolar Bernardino Monteiro, o Grupo Escola Quintiliano de Azevedo e o Grupo Escolar Graça Guardia, que eram também extremamente importantes e com um grande número de alunos.

**Paulo Fabres: Quais eram os jornais mais influentes da cidade?**

**João Batista Herkenhoff:** O Jornal mais importante da cidade era o Correio do Sul, depois teve o Arauto. O Correio do sul circulou por muito tempo, era bi semanário, um jornal muito bem feito pelas mãos de Hélio Ramos, um artista da tipografia. Era um jornal modesto, embora bonito.

**Paulo Fabres: Quantas salas de cinema havia em Cachoeiro na virada da década de 1950 para a de 1960?**



**João Batista Herkenhoff:** Havia o Cinema Central e o Cinema Brasil, depois teve o Cine Cacique e o Cine São Luis. Um dos movimentos da Casa do Estudante na década de 1950 foi pela cobrança de meia-entrada nos cinemas das cidades. O Cine Cacique, que era um dos melhores da cidade, teve certa resistência na adoção da meia-entrada, mas os estudantes fizeram força e conseguiram o desconto. Não houve uma lei neste sentido, foi feito um acordo, depois de muita conversa o pessoal do cinema cedeu e foi então concedido esse benefício para os estudantes. Havia também um cineclube em Cachoeiro que fazia reuniões e projeções de filmes na Casa do Estudante que era seguido por um debate. Eram projetados filmes que estavam fora do circuito comercial, obtidos através o Cineclube do Brasil, se não me engano. O Cineclube era encabeçado pelo meu irmão José Herkenhoff. Naquela época eu fundei um jornal que se chamava Folha da Cidade, e havia uma página de cinema que era escrita pelos meus irmãos Pedro e José, que faziam críticas e recomendações de filmes.

**Paulo Fabres: Quais eram as atividades de lazer mais concorridas em Cachoeiro nessa época.**

**João Batista Herkenhoff:** Uma das atividades de lazer extremamente desejada e amada em Cachoeiro naquela época era passear na Praça Jerônimo Monteiro. A praça de Cachoeiro era uma festa, rapaz e moças iam para lá, ficavam passeando, namoravam, tinha o flerte, coisa que hoje não tem mais. Havia também a sinuca, que muitos jovens gostavam, principalmente o pessoal que não gostava muito de estudar, um grupo menos intelectual. O esporte também era muito forte, muito popular principalmente os alunos do Liceu e da Escola, que tinham uma grande rivalidade. Os principais esportes eram o basquete e o vôlei, o futebol um pouco, não era o principal, e os esportes atléticos em geral. Eu joguei vôlei e basquete, mas era um mau atleta, só fiz uma proeza no basquete, pequei uma bola de costas e joguei e fiz a cesta, aquilo foi um aplauso geral (risos).

**Paulo Fabres: E as referências intelectuais da sua geração, quais eram as mais destacadas?**



**João Batista Herkenhoff:** O Newton Braga, que era uma pessoa muito estimada e admirada, Rubem Braga, Deusdepi Baptista, Claudionor Medeiros, que era o redator do jornal Correio do Sul, Wilson Rezende, João Madureira e vários outros professores. Não podemos esquecer de Dora Vivácqua, irmã de Atílio Vivácqua, a Luz Del Fuego, que rasgou preconceitos e o moralismo caduco, ela foi uma figura revolucionária, eu tenho maior admiração por ela.

**Paulo Fabres: A Rádio Cachoeiro fazia divulgação regular das atividades da Casa do Estudante?**

A Rádio Cachoeiro era uma emissora que fazia transmissão direta de congressos estudantis. Nem sei bem qual era a tecnologia da época, que era uma coisa muito primitiva, mas houve transmissão direta de congressos de colégios da cidade e até mesmo de congressos estaduais, e de festas de formatura. A Rádio Cachoeiro, a ZYL9, ajudou na divulgação de vários eventos com transmissão direta da Casa do Estudante.

**Paulo Fabres: Quais os políticos que o Senhor destacaria como os mais influentes na cidade?**

**João Batista Herkenhoff:** Num momento determinado, não sei ficar bem a época, houve lideranças importantes na cidade como os prefeitos Nelo Vola Borelli, Raymundo Andrade, Abel Santana. O Dulcino Monteiro de Castro, um médico que era uma figura bem relevante naquela época. Temos também Atílio Vivácqua que foi Senador da República, uma figura de muito valor, um político descente e um grande intelectual.

**Paulo Fabres: Quais eram as principais empresas de Cachoeiro nesse período?**

**João Batista Herkenhoff:** A principal riqueza do município era a Fábrica de Cimento, que naquele tempo era pequena, nem se compara com a de hoje, e o dono era Eupídio Volpine. Tinha também a Fábrica de Tecidos, que também era muito importante, e a Fábrica de Pios, da família Coelho, que não tinha grande expressão econômica mas



tinha sua importância. Várias pessoas da família Coelho inclusive participaram das atividades da Casa do Estudante.

**Paulo Fabres: Houve debates sobre a questão das reformas no país, um tema presente na agenda política brasileira no início da década de 1960?**

**Paulo Fabres:** A Casa do Estudante discutiu a reforma de base na década de 1950 início de 1960. Todos esses temas de reformas no Brasil foram debatidos na CECI e a cidade sempre acompanhou tudo isso. É uma coisa impressionante de como uma cidade do interior do Espírito Santo viveu esse momento todo da história brasileira, como que a juventude veio a tomar posições na vida nacional, tanto política quanto cultural.

**Paulo Fabres: A Casa do Estudante manteve uma relação com os estudantes de outros municípios e com entidades estudantis fora do Espírito Santo?**

Sempre houve muita participação nos congressos nacionais de estudantes. Havia uma busca de horizonte, Cachoeiro nunca foi uma cidade que se não fechou nela mesma, embora o conhecido bairrismo, uma característica da cidade. Não obstante a isso, sempre houve essa idéia de ir para fora, de participar de eventos, eu mesmo participei de vários eventos fora do Estado, o que era muito comum na minha geração os jovens irem à congressos, principalmente no Rio, onde a presença era mais forte, mesmo por causa da proximidade. No plano regional, Cachoeiro era uma espécie de capital do sul, todas as cidades da região, como Castelo, Alegre, Muqui, Mimoso do Sul e Muniz Freire, tinham Cachoeiro como uma referência, inclusive muitos estudantes dessas cidades estudavam em Cachoeiro, principalmente no segundo grau, Cachoeiro sempre teve estudantes que vinham destas cidades do sul. Mesmo fora do universo dos estudantes, Cachoeiro era um centro de aglutinação do sul do Estado, inclusive socialmente. A festa de Cachoeiro sempre trouxe muita gente de fora, foi a primeira cidade do Brasil a ter uma festa com essas características, que fez um dia cuja inspiração e motivação era o reencontro dos filhos ausentes. Foi a primeira cidade que teve uma festa com essa fisionomia, que era a volta do filho ausente à cidade natal, uma criação do Newton



Braga. A primeira celebração da festa de Cachoeiro foi em 1939, depois outras cidades copiaram.

**Paulo Fabres: Qual outro registro que o Senhor gostaria de fazer sobre o movimento estudantil cachoeirense, em especial sobre a Casa do Estudante?**

**João Batista herkenhoff:** Eu lamento que hoje os jovens não tenham alguma coisa parecida, mesmo fazendo adaptações para a época, Eu não sei se hoje os jovens tem uma coisa tão bonita como a Casa do Estudante., uma instituição que reunia os estudantes, e que de certa forma era ao mesmo tempo anti-racista. Não tinha discriminação racial, era pró-tolerância das mais diversas correntes religiosas e política, todos tinham assento na Casa do Estudante. A criação do espírito de coletividade, de sociabilidade, de bem comum, espírito de partilha, contra o egoísmo, de formação cultural, intelectual, formação para o uso da palavra, formação literária, em fim, acho que a Casa de estudante foi uma coisa muito importante na vida da cidade. Vejo a Casa de Estudante como uma instituição de extrema relevância na vida de Cachoeiro naquela época. Hoje mudou o mundo, mas não sei se com todas as mudanças a juventude de hoje teria alguma coisa que, com todas as mudanças que o tempo requer, tivesse a presença que a Casa de Estudante teve na vida dos juvenis, não sei hoje haveria alguma coisa que compare. A gente vê aí tanta futilidade, tanta coisa boba, a mocinha achando que a maior glória do mundo é ser miss, que pobreza de perspectiva do mundo! Naquele tempo não era bem isso, havia a admiração pela beleza, mas não esse culto que vemos hoje. Acho que havia valores um pouco mais positivos.

**Paulo Fabres: Obrigado pelo seu depoimento**

**João Batista Herkenhoff:** Foi um prazer essa viagem no tempo que vocês me proporcionaram. Desculpe-me algum lapso de memória

**Vila Velha, 25 de Setembro de 2009**





### **Depoimento de Michel Misse<sup>10</sup>**

**Paulo Fabres<sup>11</sup>: Por favor, comente como foi seu contato com o movimento secundarista no Liceu e na Casa do Estudante de Cachoeiro em meados da década de 1960.**

**Michel Misse:** A Casa do Estudante de Cachoeiro de Itapemirim estava fechada em 1965 e não havia em Cachoeiro uma militância, uma participação estudantil como antes de 1964. Havia ainda o grêmio do Liceu, mas não havia atividade nenhuma, o que se pode dizer é que era uma desolação. É impressionante, pois a gente ouvia falar da CECI e do grêmio do Liceu de outras épocas, do Bruno Paraíso, do Luis Cláudio Gazir, mas isso era passado. Na verdade isso tinha acontecido poucos anos antes, no início dos anos 60 e já em 1964 isso era passado. É bem verdade que nós éramos muito jovens, e o tempo, nessa época, nessa faixa de idade, têm uma duração diferente de quando somos adultos. A impressão que se tem é que um ano da nossa vida naquela época era tão

---

<sup>10</sup> Michel Misse é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1974), mestre em Sociologia pela Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ (1979) e doutor em Sociologia pela Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ (1999). Atualmente é professor adjunto do departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>11</sup> Sociólogo e historiador social, editor da revista Sinais (ISSN 1981-3988), membro do conselho deliberativo e coordenador da linha de pesquisa de história e memória do NEI (Núcleo de Estudos e pesquisas Indiciárias), órgão de pesquisas vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo.



intenso, era tão cheio de novidades, de aprendizados, que preencheriam dez anos de duração atual. É claro que isso é uma memória, que isso efetivamente é verdade. Eu, um estudante como outros do Liceu, não tinha, além das brincadeiras infantis e dos estudos, nenhuma outra atividade que motivasse a uma participação extraclasse. Entrei no Liceu, como minha geração e todas as anteriores, a partir de um exame de admissão, que era bastante rigoroso. Nós precisávamos nos preparar para esse exame, não bastava apenas, para muitos de nós, concluir o quarto ano primário pois era preciso frequentar um cursinho, como num vestibular. Havia cursinho preparatório para a prova de admissão, como o da Dona Iracema, que funcionava na escola São Vicente de Paula, que ficava próximo a ponte municipal, onde eu frequentei aos 10 anos de idade, e havia também o cursinho da Dona Lulu Ximenes Lima e o do professor José Xavier do Vale. Nessa época, nossa vida se dava entre o banho no rio, pescaria, jogo de bola, carrinho de rolimã e os estudos, até que um dia, o professor Deusdedit Baptista, uma figura de proa de uma família de muito respeito, que sempre aparecia na festa de Cachoeiro e organizava o desfile escolar, me chama ao gabinete dele, juntamente com outros dois ou três colegas, entre os quais o Sérgio Caiado, e me fala que existia no Liceu um Clube Internacional de Correspondência, o CICE, e que esse clube deixara de existir, mas que era uma coisa muito interessante. Então, ele propôs que reanimássemos esse clube, e nos entregou uma caixa de charutos com um carimbo, umas carteirinhas, uma listagem de estudantes de vários países do mundo, endereços de embaixadas, e disse: *“porque vocês não retomam essa atividade?”* Então, junto com alguns colegas, entre eles o Jorge Luis de Souza, o Gladstone, o Elias Abu Murad, o Nilson Roberti, Afonso Henriques, Laurentino, o Paulo Bicas de Jesus, entre outros, reativamos o clube de correspondência. Nessa mesma época eu fazia uma disciplina no Liceu com o professor Luis Cláudio Gazir, professor de história do Brasil, e ele, não sei porque razão, começou a conversar comigo e perguntou porque nós não fazíamos uma chapa para concorrer ao Grêmio do Liceu. Na época, estávamos lançando um jornal chamado O Estandarte, que era feito na gráfica do Joel Pinto. Era um jornal que trazia notícias estudantis, mexericos, curiosidades. Tinha inclusive uma coluna assinada por Jorge Luis de Souza, com artigos do tipo: *“dez por cento da crosta do mundo era formada por geleiras, e se todas as geleiras se derretessem as águas dos oceanos subiriam setenta metros”*, ele já estava antevendo, naquela época, os problemas ecológicos da atualidade (risos). Havia



no jornal uma coluna de mexericos assinada por um tal de Al K Xofra que, na verdade, era o Elias Abú Murad e o Carlos Roberto de Souza, e também pequenas crônicas escritas por Everton Moreira. Era um jornalzinho infantil, feito por grupo de adolescentes, mas que trazia notícias estudantis num momento que em Cachoeiro não havia qualquer atividade estudantil dessa natureza. Por exemplo, no jornal de 25 de abril de 1965, que tenho aqui em mãos, há um artigo que diz: *“superando a chapa Olímpica com margem de quarenta e dois pontos, a chapa Intimidade, tendo como presidente Lúcio Bueno, foi consagrada pelos estudantes como a melhor para ocupar o Grêmio do Liceu Muniz Freire. A apuração verificou-se na noite do dia 23 de abril num clima de grande ansiedade. A Chapa Intimidade recebeu setecentos e sessenta e três votos e chapa Olímpico setecentos e vinte e um votos”*, como se vê uma eleição muito disputada. E ainda *“A banda marcial Wilson Lopes de Rezende programou uma excursão à Castelo no dia primeiro de maio”*, e mais *“soubemos por fontes informadas que a Casa do Estudante de Cachoeiro de Itapemirim obedecerá a uma reforma em suas dependências com verbas do governo estadual”*. Deve-se ressaltar que essa reforma, na verdade, acabou não se realizando, e ela só vai acontecer depois, de outra maneira. Em fim, isso era a única coisa que nós tínhamos em Cachoeiro de Itapemirim naquele momento. Nesse mesmo ano fui aluno da disciplina Organização Social e Política Brasileira ministrada pelo professor João Batista Hekenhoff, que também vai exercer uma grande influência na minha trajetória pessoal. Eu diria que essas três pessoas (Deusdedit Baptista, Luiz Cláudio Gazir e João Batista Herkenhoff), foram decisivas na minha vida, não só para a minha participação na Casa do Estudante, mas meu destino pessoal, de diferentes maneiras. O “Joãozinho” simplesmente porque ele valorizou bastante os trabalhos que eu fazia para a matéria dele, alguns que tenho guardados até hoje. Ele valorizou muito a minha oratória, me entusiasmava, e eu comecei a acreditar que falava bem. Essas coisas, para um menino, eu tinha quatorze anos na época, eram muito importantes porque ajuda na construção de sua própria identidade que ainda estava se forjando. Eu poderia seguir por qualquer caminho, poderia me tornar um delinqüente ou tomar outro caminho qualquer. Então, de certa maneira, uma certa identidade intelectual, política, começa se forjar sob a influência desses três professores. Houve também a influência do Abgar Paraíso, do Solimar Soares da Silva, meus professores de português, com os quais eu aprendi entre outras



coisas a fazer uma ata, isso numa aula de português, um negócio interessantíssimo. Nesse clima, em meado de 1965, a nossa turma do clube de correspondência internacional começou a organizar reuniões festivas. Inicialmente fazíamos almoço no Iole Clube, mais tarde, com a ajuda do professor Deusdedit, conseguimos o espaço da Maçonaria para realizar esses encontros. Nós pagávamos o aluguel do salão e organizávamos esses almoços, onde cada um dos membros contribuía com certa quantia e convidávamos os nossos “heróis” para comparecer, entre eles, o professor Deusdedit e Joãozinho Herkenhoff. Eu estou falando dessa minha trajetória porque ela acaba se fundindo com a história do renascimento da Casa do Estudante. Nessa ocasião, um colega de turma, Afonso Henriques de Andrade, filho do doutor Waldemar Mendes de Andrade, disse que tinha sido convidado para escrever uma coluna estudantil no Correio do Sul, e ele me chamou para ajudá-lo, pois sabia que eu fazia o jornal O Estandarte. Afonso escreveu uma ou duas colunas e viu que não tinha muita vocação para aquilo, queria fazer outras coisas na vida, e me deixou fazendo a coluna, o que para mim foi uma felicidade. Comecei a vivenciar o cotidiano de um jornal do interior, um jornal que era importante na cidade, e passei então escrever regularmente durante os anos de 1965 e 1966 uma coluna chamada Cachoeiro Estudantil, ao mesmo tempo em que fazia O Estandarte. Em fim, o Gazir insistia que nós lançássemos uma chapa para o grêmio do Liceu, que naquele momento estava parado, não promovia nada. Inclusive, no jornal O Estandarte de setembro de 1965, fizemos uma crítica ao grêmio, num artigo intitulado “Um crime no Liceu”, que era sobre o estado da piscina, que estava completamente abandonada, uma piscina olímpica maravilhosa, com trampolins para competições oficiais de salto. Nesse artigo dizíamos: *“contrastando com os demais colégios da cidade, continua sem telefone o maior estabelecimento de ensino médio de Cachoeiro. Jornais citadinos vem dando ampla divulgação desse verdadeiro crime que continua sendo esquecido pelo governo estadual. Conforme aconteceu com a delegacia de polícia, só conseguiremos telefone a custa de rifas, bingos, a não ser que nosso governo tome providências para o caso. Alguns argumentam que o colégio é pobre e que não tem condições para tal, argumentos esses que não convencem dois mil alunos e dezena de professores que freqüentam diariamente aquele colégio sem uma possível comunicação com o resto da cidade”*, em seguida vem uma ironia: *“antigamente usava-se o pombo correio, já que não existia o telefone. Sem pombos correio ou*



telefone o Liceu precisará prender nas patas de alguma rã da piscina, a notícia que porventura precisa enviar. Apelo não adianta, deverá existir um outro para se por fim a esse crime? Um outro artigo afirmava que “os destroços macabros, que é a Casa de Estudante de Cachoeiro de Itapemirim, sofre uma das mais terríveis doenças da atualidade, o abandono. As poucas noites dançantes lá promovidas, os playboys metidos a gente, enchem a cara para arranjar coragem para elevar a efeito suas gracinhas. O ambiente carregado colabora para a desmoralização daquela casa. Ou a culpa é nossa, que não ligamos, ou da diretoria da Casa do Estudante que vem esquecendo de sua antiga reputação”. Aceitamos o desafio do professor Luiz Cláudio Gazir e organizamos a chapa, Impulso, para o Grêmio do Liceu, em 1965. Participava da chapa eu como Presidente, Jorge Elias Aôni, filho do dramaturgo José Elias Aôni, Jorge Luis de Souza como Secretário, Elias Abu Murad como Tesoureiro, em fim, colegas do nosso grupo do Clube Internacional de Correspondência. E nós achávamos que íamos ganhar, afinal estávamos mobilizados, tinha muita gente nos apoiando, e mais, tínhamos o apoio do Luis Cláudio Gazir, o que também era uma grande honra, além do Joãozinho Herkenhoff, que nos entusiasmava, do professor Desudedit Baptista nos dando força. E nós fizemos um *gingle* aproveitando uma música que fazia sucesso na época, um dos primeiros sucessos de Roberto Carlos, que era “Quero que vá tudo para o Inferno”, colocamos uma outra letra, e transmitíamos por um alto falante através de um gravador que pertencia ao velho Aôni, Começou a campanha, e uma segunda chapa aparece, formada por um grupo que nós não conhecíamos, liderado por Luis Carlos Santana, sobrinho de Abel Santana, prefeito de Cachoeiro naquela época. Faziam parte da chapa concorrente alguns colegas nossos, como o Delta Madureira Filho, Sebastião Pombo, o Carlos Augusto, que tinha o apelido de Garrote e era filho do professor Deusdedit, mas que estavam no grupo do Santana. Começou a disputa, e nós evidentemente colocamos como uma das questões a limpeza da piscina, e o Luis Carlos Santana prometia limpar e reformar a piscina em quinze dias após sua posse, isso com apoio da prefeitura municipal de Cachoeiro. Nós perdemos a eleição por poucos votos. Ficamos com muita raiva, porque estávamos motivados por tudo aquilo de forma idealista, ingênua, não esperávamos um golpe político, baseado no prefeito da cidade, e claro que não tínhamos condições de disputar, e ficamos muito chateado com o Luis Carlos. Então, também entusiasmado pelo Gazir que dizia para nós não esmorecermos,



organizamos uma chapa para disputar as eleições para a Casa de Estudante de Cachoeiro. A Casa do Estudante estava abandonada, sendo que o último presidente teria sido um rapaz chamado Bidal, que foi muito criticado, pois a sede estava fechada, havendo inclusive acusações graves contra ele, não sei se verdadeiras ou não. O fato é que Bidal não estava mais na cidade, tinha se afastado de Cachoeiro, Nessa ocasião conhecemos também o radialista Paulo Domingues, que também entrou para a nossa trupe e que nos deu o maior apoio, e recebemos também o apoio do redator chefe do Correio do Sul, que era o Paulo da Costa Matos. Nós tínhamos apoios realmente importantes e entramos na eleição cheios de planos, e para nossa surpresa, mais uma vez o Luis Carlos Santana aparece para disputar essa eleição. Daí, o Gazir sugeriu que nós fizessemos uma reunião com o Luis Carlos e propusesse a criação de uma chapa única visando resgatar a Casa do Estudante, ao invés de ficar brigando. Eu não conhecia o Luis Carlos, só superficialmente, ele era um pouco mais velho e parecia mais maduro, mais experiente, tanto ele como o Deltinha, (Delta Madureira), o Pombo, que nós identificávamos como ligados ao pessoal do integralismo. Nós não éramos de esquerda, nós nos auto-identificávamos como democratas, anticomunistas e antiintegralistas. Pois bem, Gazir disse que era para fazermos um acordo, mas que era para pedir carta branca para o nosso grupo. Eu não sabia o que era uma carta branca (risos), então decorei aquilo, e fomos para uma reunião com Luis Carlos Santana. Chegamos na reunião, começamos a nos entrosar, ele me ofereceu a vice-presidência, eu não quis, também orientado por Gazir que falou pra gente não pegar jamais a vice-presidência, e sim a diretoria social, que ele considerava um cargo mais importante, assim como a presidência, pois era a diretoria social que organizava todos os eventos. Então fechamos o seguinte acordo: Luis Carlos ficaria com a presidência, o Jorge Aôni com a vice-presidência, o Jorge Luis de Souza, que era do nosso grupo ficaria como secretário geral, o tesoureiro seria Elias Abu Murad, que era do nosso grupo, e eu na Diretoria Social, o Garrote na Diretoria Cultural, Delta Madureira na direção da Biblioteca e os demais cargos também ficaram com o pessoal do Santana. Feito o acordo eu falei com Santana que estava tudo bem, mas que eu queria carta branca. Eu tinha quatorze anos, tenho filho de quatorze anos e fico embasbacado como a gente fazia tudo isso naquela época. Então, o Luis Carlos Santana chegou pra mim e disse que carta branca ele jamais aceitaria, pois não admitia que alguém mandasse dentro da Casa de Estudante sem a



autorização dele, pois se ele me desse carta branca ele passaria a ser rainha da Inglaterra, Só aí que eu entendi o que era carta branca, então pensei cá comigo: “o Gazir não é mole!”, então percebi que não podia exigir isso, pois iria desmoronar o nosso acordo. Então eu propus que todas as decisões a serem tomadas em reunião da diretoria seriam pela maioria dos votos, então ele disse que estava tudo bem, mas que precisaria fazer uma reforma do estatuto. Fizemos o acordo e o Santana então falou em fazer uma profunda reforma na Casa do Estudante, uma reforma física, com o apoio do tio dele, o prefeito Abel Santana, que já havia dito que apoiava essa iniciativa. A casa do Estudante era um destoco, o salão de baile não dava pra dançar. E aí começaram as obras, participei ativamente da reconstrução física, tenho inclusive fotos do período da obra. Eu tenho também a foto da reinauguração da sede, com a presença do vereador Elimário Imperial, antigo socialista, também do professor Desdedit Baptista, João Batista Herkenhoff e Luis Cláudio Gazir. Paralelo a isso eu continuava fazendo o jornal e escrevendo a coluna no Correio do Sul. Assim que a reforma terminou, nós reinauguramos a Casa do Estudante. Nós fechamos duas varandas laterais e transformamos em salões, uma biblioteca, resgatamos a secretaria, em fim, uma obra muito boa, onde trocamos todo o piso do salão de baile, colocamos cortinas no palco. Passamos então a promover bailes todos os finais de semana com o conjunto 007, que era do Mignone, onde tocava também o Rui Guedes, o Deolindo Tavares, o Dodô. Isso dava uma trabalhadeira enorme, tenho inclusive uma foto de nosso grupo todo no bar da Casa de Estudante segurando os pratinhos de salgadinhos, pois nós trabalhávamos como garçom, como cozinheiros, nós trabalhávamos com tudo para fazer a coisa funcionar. Nós uma vez convidamos um grupo de um ator desconhecido do Rio de Janeiro para ir à Cachoeiro apresentar uma peça, o nome dele era Alberto Pirilo, para representar Dois Perdidos em uma Noite Suja. Criamos o Cineclube Glauber Rocha, isso em 1965, motivados pelo Bruno Paraíso e pelo Mário Fagundes, que eram nossos heróis, e que a gente até então só conhecia de ouvir falar através de Paulo Domingues e outras pessoas que eram referências nossas, então havia uma mitificação, fiquei nervoso quando conheci o Bruno. Pois bem, continuando a falar das nossas atividades, nós voltamos a emitir as carteirinhas de estudante, reabrimos a União Cachoeirense de Estudantes Secundaristas, muitos de nós entraram para o Neocenáculo Cachoeirense de Letras e Artes, que tinha sido criado pelo Heraldo Lisboa, Miguel Depes, pelo Paulo Domingues



e Lauro Apolinário Filho, que faleceu muito precocemente, cheguei inclusive a escrever uma crônica no Correio do Sul sobre ele. Nesse processo começamos inclusive a nos politizar, pois eu era um cara completamente alienado politicamente, minha postura democrática era a de um leitor de Seleções Reader's Digest, que eu assinava. Jorge Luis e Nilson Roberti chegaram a um contato maior com as idéias de esquerda antes de mim e influenciaram também a minha posição nessa época. Aí já estamos em 1966 para 1967, mas, veja bem, mesmo em 1966, O Estandarte publica uma matéria sobre o grande movimento estudantil no Rio de Janeiro e em São Paulo, e se você lê a notícia você vê que nós ainda não tínhamos nenhuma consciência do que estava acontecendo, tal o isolamento entre a geração do Bruno e a nossa. O isolamento foi tão grande que mesmo os poucos mais jovens que participaram da diretoria da CECI com o Bruno, como o Paulo Domingues, não tinham sido ainda capazes de apressar o partejar da nossa consciência política. Você vê aqui nesse número que tenho de O Estandarte, onde um artigo diz: *“a essa altura dos acontecimentos o movimento estudantil nacional toma aspecto internacional com a intensidade da agitação estudantil em diversos estados da união”*, notícia publicada em setembro de 1966, e aqui nós criticamos a agitação estudantil, que era o que nós líamos no Jornal do Brasil, que era o que nos chegava pela grande imprensa. Veja bem, o artigo de O Estandarte prossegue dizendo: *“procuramos os dois presidentes dos diretórios acadêmicos de Cachoeiro”*, a Faculdade de Direito, que já existia nessa época, e da Faculdade de Filosofia, a Fafi, - sendo que o presidente da Faculdade de Filosofia Madre Geturdes de São José era nada mais nada menos que o nosso professor Luis Cláudio Gazir, e ele diz: *“a situação é séria e oculta assuntos de grande importância, sendo por isso impossível de ser avaliada pelos estudantes cachoeirenses”*. Ele ficou em cima do muro porque ele estava sabendo seriedade e da gravidade do momento. O presidente do Diretório da Faculdade de Direito, recém criado, Everaldo Xavier Bishop afirma: *“a Faculdade de Direito mantém-se neutra a respeito, prevalecendo apenas a minha opinião particular que é a favor dos estudantes rebelados em todo país”*. Isso faz parte da história do movimento estudantil de Cachoeiro. Na nossa diretoria, Luis Carlos Santana não era absolutamente de esquerda, era um cara sério, muito bem intencionado, um cara de centro, mas não era politizado, no sentido que nós da esquerda passamos a chamar de posição politizada. Ele conhecia alguns meandros da política local, os laços familiares, mas era um sujeito extremamente





empreendedor. Depois se tornou médico, passou a ter uma atividade muito grande na cidade, mas, em fim, nos tornamos amigos e partilhamos essa experiência na Casa do Estudante, fundamentalmente a reforma física da sede, a retomada das atividades culturais e sociais, as atividades que eram próprias de uma casa de estudantes. No final de 1966 eu me mudo para o Rio de Janeiro para continuar meus estudos, mas mantenho ainda a ligação durante o ano de 1967 com os colegas de diretoria da Casa do Estudante que continuaram lá. A essa altura, já havia entrado na diretoria da Casa do Estudante, nesse final do mandato, o Glauco Oliveira, e aproximava-se um sujeito que tinha chegado do Rio de Janeiro, bem mais velho que a gente, o Roberto Valadão. Eu conhecia a família dele, era muito amigo do irmão dele, o Aildo Valadão, que era da minha idade. Roberto Valadão chegava do Rio de Janeiro e buscava se entrosar com o pessoal da Casa do Estudante. Do meu grupo, ficaram liderando o movimento o Jorge Luis de Souza, Nilson Roberti, Glauco Oliveira, José Alberto Pedra, que vinha de Marataízes para estudar em Cachoeiro, e acabou se integrando ao grupo de última hora. Mais tarde Pedra se tornou professor na Universidade Federal do Paraná. Havia ainda o Ronald Mansur, que veio de Castelo e que se integrou nesse período final, na minha saída. O Elias e o Gladstone continuaram, mas foram se afastando aos poucos. A medida que a política se radicalizava no país, a Casa do Estudante começou a ser uma organização estudantil nitidamente de esquerda, com a liderança também do Valadão. O pessoal que era mais de centro foi se afastando. É nesse momento que lança-se um novo jornal, este sim com um feitio nitidamente maduro politicamente, inteligente, já não mais adolescente, que chamava A Escada, que sucede ao O Estandarte, e que já revela um outro patamar. Agora já não temos quatorze anos, já temos dezesseis, dezessete, já estamos partilhando atividades com os de vinte, vinte e um, já é um outro patamar, porque a experiência que acabei de relatar foi a experiência de um adolescente de treze anos de idade.

Paulo Fabres: Havia neste momento um contato das lideranças da Casa de Estudantes com outras entidades estudantis?



**Michel Misse:** Uma vez apareceu lá um sujeito se dizendo da UNE e nós ficamos com receio que ele fosse da polícia, mesmo assim nós lançamos a refundação da UCES, União Cahoeirense de Estudantes Secundários, numa reunião memorável, que infelizmente não há registro, no prédio do sindicato dos Ferroviários, ali na Praça Pedro Cuevas. Essa reunião contou com a participação de todo esse grupo que me referi, mais o professor Deusdedit e Luiz Carlos Gazir. Mas nós não conseguimos formar a entidade. Tem aqui no jornal O Estandarte, *“a UCES nada conseguiu promover, nem mesmo os jogos estudantis. A nossa querida CECI, coitada, foi vítima de uma tremenda bagunça”* - isso foi antes de nossa eleição – *“sendo que seus membros foram capazes de distribuir carteira de estudante a não estudantes, que barbaridade!”*. Por outro lado, o idealismo dos estudantes que não ficaram esperando pelo resultado dos grêmios, levou à fundação de três grandes entidades: o Centro Cultural Pedro Estelita Herkenhoff, idealizado pelo líder Deolindo Alves Tavares Costa (esse Centro Cultural era nitidamente favorável ao Regime Militar), O Clube Internacional de Correspondência, sob a liderança do Sérgio Caiado, o Neocenáculo Cachoeirense de Letras e Artes”, símbolo da cultura estudantil, isso em 1965.

**Paulo Fabres:** Vocês chegaram a sofrer algum tipo de repressão do regime militar?

**Michel Misse:** A repressão vai ocorrer a partir de 1967, e o Glauco Oliveira pode falar sobre esse período, eu já não estava mais em Cachoeiro, eu tinha vindo para o Rio de Janeiro. Eu escrevi um artigo para o jornal A Escada em que me refiro ao acordo Mec-Usaid e ao movimento estudantil no Rio. Lá em Cachoeiro já ocorriam movimentações nesse sentido. Não sei detalhes sobre isso, eu sei que houve prisões de comunistas históricos na cidade em 1966, como a do Cleber Andrade, que foi preso mais de uma vez, e ele, nessa repressão de 1966, isso eu vi, pendurou uma placa onde estava escrito “nesta terra ninguém manda”, “nesta terra” significava ele mesmo.



Paulo Fabres: Como se dava a interação entre as lideranças com o conjunto de estudantes?

**Michel Misse:** **Elas se davam nos bailes, as atividades eram fundamentalmente culturais e sociais, não havia nenhum movimento político até 1966. Havia o movimento do teatro, do cineclube e, evidentemente, tudo isso nos ajudou a perceber o que estava acontecendo no país, o cineclube Glauber Rocha havia sido inaugurado com Vidas Secas.**

**Bruno Paraíso:** o cineclube funcionava no antigo Cinema São Luis. Na exibição de Vidas Secas houve um debate bastante ideológico, e o pessoal católico marcou presença, como José Herkenhoff, por exemplo. Essa exibição de Vidas Secas foi nitidamente ideológica, com os Herkenhoffs tentando puxar a coisa para o lado social e humano, e a gente tentando mostrar que embora o romance não fosse politizado, era de nítido realismo socialista, uma denúncia das condições miseráveis de vida numa região do país. Foi um debate amplo.

**Michel Misse:** Havia também um cineclube André Basan no colégio dos Herkenhoff, e também o CAC, que era o Clube da Amizade Católica, que era presidido nessa época pelo Paulo Herkenhoff Filho, que hoje é o Curador do Museu de Arte Moderna (MAM).

Paulo Fabres: Vocês recebiam apoios dos professores, intelectuais e políticos da cidade?

**Michel Misse:** **O professor Juracy Magalhães, o Jurinha, nos apoiava, ele já era vereador do MDB, compareceu algumas vezes, mas não foi uma figura de proa. Eu ressalto os nomes que citei, dos professores Deusdepi Baptista e João Batista Herkenhoff, e principalmente o do Gazir. Os nomes que citei apoiavam e iam aos eventos que organizávamos, dando força para as nossas iniciativas. Eles eram socialistas, mas nós não, mas eles estavam ali, mas não interferiam na condução que dávamos ao movimento.**



**Bruno Paraíso: Eu destaco o nome do Fuzer como um espírito combativo, um homem nitidamente de esquerda, que ousou tomar posição em Cachoeiro, abriu bem o debate. O Gazir não era um homem de esquerda, era um democrata, sem dúvida, e uma pessoa muita interessada em levantar o debate, em levar o estudante a ter uma postura participativa, ele trabalhava contra a alienação.**

**Michel Misse: O Luis Cláudio Gazir tinha uma verve política extraordinária, ele fazia nos fazia rir, ele nos fazia sentir a sua inteligência e aprender a sermos inteligentes, ele animava uma boa conversa, foi realmente um aprendizado. Ele tinha uma ironia que chegava a ser cruel. Muitos anos depois eu o encontrei em Marataízes, sentado sozinho, em uma mesa de bar, tomando uma cerveja, eu me aproximei e perguntei como estava Cachoeiro, e ele se virou pra mim, com um olhar grave e disse: “o Itabira continua no mesmo lugar”. Nós estávamos em pleno governo Medice (General Emílio Garrastazu Medice). Bom, eu não posso também deixar de ressaltar, embora em um outro plano, mas num plano importante, a figura de Paulo Domingues, porque de certo modo ele foi o elo que ligou a geração anterior com a nossa. E ele continua, pois, quando eu saio de Cachoeiro e venho para o Rio, o Paulo Domingues continua presente no grupo que vai nos suceder na Casa do Estudante, que é a turma do Valadão, do Glauco Oliveira, do Jorge Luis de Souza, do Valério Fabres, que vai ter uma participação muito mais politizada que tivemos na minha gestão. O Paulo Domingues participou também do Neocenáculo, foi ele que me levou para o Neocenáculo, ele o Jorge e o Nilson Roberti, que também foram influenciados por ele. Nessa época que eu comecei a escrever, a pintar, aquela fase que você começa a descobrir o mundo. Eu tenho uma foto com o Paulo Domingues, com Lauro Apolinário e o Nilson Roberti, em que eu estou segurando uma pintura, ainda interminada, que estava fazendo naquela época, que foi depois publicada no Correio do Sul na ocasião em que fiz uma homenagem ao Apolinário, que foi quem nos apresentou a Bossa Nova. A primeira vez que eu ouvi João Gilberto foi o Lauro Apolinário que colocou um disco para tocar na casa do Jorge Luiz. O Lauro era um rapaz culto, mas muito**



**ressabiado, calado. Ele também me apresentou um disco de um sujeito que nunca havia falar, um tal de Caetano Veloso, isso em 1964/65.**

Paulo Fabres: Fazendo uma reflexão sobre essa época, o que se sobressai como mais marcante no movimento estudantil cachoeirense?

**Michel Misse: Quando estou com meus amigos me refiro a esse período como o da minha educação sentimental e também para o mundo. Aquilo que o Liceu de Cachoeiro, que era uma grande escola, não podia dar no seu ensino formal, ele nos deu nos corredores, no grêmio, e a cidade nos deu no movimento estudantil, foi um grande aprendizado. Muitos anos depois li um livro de Flaubert chamado A Educação Sentimental, onde ele conta a vinda de um estudante da província a Paris, Frédéric Moreau, exatamente durante a revolução de 1848. Moreau vai viver o turbilhão de 1848, mas também os seus primeiros amores, as suas primeiras crises, as suas primeiras angústias. O que eu posso dizer é isso, que esse período da minha vida em Cachoeiro e mais uns poucos anos no Rio foram decisivos na minha vida para a minha educação política, sentimental. Eu fico me perguntando se há em Cachoeiro algo que possa funcionar também de alguma maneira para os adolescentes de hoje. Eu sei que você tem a internet, que é a potencialização ao infinito do Clube de Internacional de Correspondência de Cachoeiro. Se aquela caixa de charutos tivesse o poder de que tem a internet hoje...**

Glauco Oliveira: **Mas a caixa de charutos era a internet...**

**Michel Misse: A caixa de charutos era a internet daquela época. Nós escrevíamos para todas as embaixadas, e nós ficávamos exultantes quando nós recebíamos respostas das embaixadas. Eles mandavam livretos, mandavam fotos do país, carta do embaixador dirigida em meu nome, me sentia, assim, muito importante. Isso realmente me ajudou muito, primeiro na minha auto-estima, isso é muito**



**importante. Fala-se pouco no Brasil, mas a auto-estima é uma coisa fundamental. Se essa rapaziada que hoje sofre acusação de serem infratores, delinquentes, traficantes, se eles tivessem passado por uma experiência de auto-estima como essa que eu passei, com certeza seriam outras pessoas.**

**Bruno Paraíso: Acho muito importante esse período que o Michel vivenciou porque é exatamente o período que sucede ao pacto de 1968, o silêncio. A escola perdeu a expressão, não se podia falar de certas coisas, os professores eram policiados, e é muito rica generosa e importante a atitude de Deusdedit, Gazir e do Herkenhoff no sentido de mobilizar o estudante a retomar o seu espaço, ainda que dentro de atitudes comedidas, sobre um manto democrático, porque o país ainda estava entrando em convulsão que ia desaguar em 1968.**

**Michel Misse: a minha experiência na Casa do Estudante parte desse momento de retomada do movimento estudantil em 1965-66, o seu momento inicial, ainda tosco, precário, ainda não inteiramente politizado, pois ele vai se tornar mais politizado na gestão seguinte, na gestão do Roberto Valadão, quando eu já estava participando do movimento estudantil do Rio de Janeiro.**

**Paulo Fabres: Obrigado pelo seu depoimento**

**Rio de Janeiro. 11 de Março de 2009.**

Este depoimento foi concedido no Rio de Janeiro, em 11 de março de 2009. Estavam presentes os jornalistas Glauco Oliveira e Bruno Torres Paraíso, ambos também com passagem pela CECI como diretores da entidade.



Depoimento de Roberto Valadão Almokdice<sup>12</sup>

**Paulo Fabres<sup>13</sup>: O Senhor retorna para Cachoeiro após passar uma temporada no Rio de Janeiro e se associa a um grupo de pessoas para concorrer a uma eleição para diretoria da Casa de Estudante. Por favor, comente como se deu a organização da chapa e como foi essa disputa.**

**Roberto Valadão:** Em 1968 a CECI estava fechada e eu estava fazendo um curso na Escola Técnica de Comércio. Na minha turma estava o Paulo Domingues, João Levi, Aluísio Bastos, Adail Bastos, um grupo bem unido. Nós começamos a organizar a nossa festa de formatura e surgiu a idéia de que ela deveria ser feita na Casa do Estudante. Alguém se contrapôs dizendo que a CECI não era um ambiente agradável, estava

---

<sup>12</sup> Roberto Valadão é advogado, foi eleito Presidente da CECI em 1968 e construiu uma trajetória política no MDB/PMDB, tendo sido eleito Vice-prefeito e duas vezes Prefeito de Cachoeiro de Itapemirim, foi Deputado Estadual e Deputado Federal por dois mandatos.

<sup>13</sup> Sociólogo e historiador social, Editor da revista Sinais (ISSN–19813988), membro do Conselho Deliberativo e coordenador da linha de pesquisa de História e Memória do NEI (Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias), órgão vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo.



fechada, e tudo mais. O grupo que eu participava concordava com a idéia de que a CECI era o local ideal e achava que se a Casa do Estudante estava fechada, então deveríamos organizar uma eleição e reativa-la. Essa idéia gerou um entusiasmo. Conversamos com as lideranças mais antigas, como o Luis Carlos Santana, Luis Cláudio Gazir, o Bruno e Abgar Paraíso, Jorge Luis de Souza, Nilson Roberti, Valério Fabres, entre outros, e chegamos à conclusão de que deveríamos escrever um manifesto em prol da reabertura da Casa do Estudante e promover uma nova eleição. Cuidamos de toda burocracia até chegar as inscrições das chapas concorrentes. Foram registradas três chapas, sendo uma a nossa, chamada Impacto, uma outra organizada por Pombo, que era da Polícia Rodoviária Federal, e uma do grupo dos integralistas, chamada MORENA, que era o Movimento de Renovação Nacional, esta ligada a ARENA, o partido de apoio ao regime militar, que tinha como cabeça de chapa o Gilson Santos. A nossa chapa ganhou com uma diferença muito grande, tivemos mais de mil e duzentos votos, em segundo lugar ficou a chapa MORENA, com pouco mais de trezentos, e a terceira obteve pouco mais de cem votos. Tomamos posse no dia 28 de abril, data de aniversário da CECI, e iniciamos um processo muito dinâmico de atuação, apesar da grande repressão que vigorava naquele momento, onde tudo que se realizava tinha que ter licença da Polícia Federal. Além da censura que estávamos submetidos, enfrentávamos também uma série de outras dificuldades, como, por exemplo, a obtenção de licença do juizado de menores para a promoção de determinados eventos. Cumpríamos todo esse ritual burocrático, mas conseguimos realizar vários eventos, e mesmo assim éramos muito atacados, principalmente pela Polícia Federal .

**Paulo Fabres: Na sua gestão foi criada a comemoração da Semana do Estudante, um evento que contava com uma série de atividades culturais, inclusive com a homenagem ao estudante cachoeirense ausente. Fale um pouco sobre esse evento.**

**Roberto Valadão:** Em 1968 nós instituímos o título do Estudante Ausente nº 1, aquele que representava melhor o estudante de Cachoeiro. Era feita uma eleição onde votava quem quisesse, podendo inclusive apontar nomes, e nesse ano foi eleito o estudante Mário Fagundes, filho do velho Carteiro Fagundes, que era de uma família muita bem





localizada ideologicamente, uma família de esquerda, de uma atuação política muito grande em defesa do direito individual da pessoa, uma atuação tida na época como de esquerda. O Mário Fagundes foi um estudante muito brilhante, sabia tocar violão, declamar e discursar muito bem. Para essa comemoração instituímos a Semana do Estudante, que incluía o dia 11 de agosto, dia alusivo à fundação do ensino jurídico no Brasil. Organizamos uma semana de atividades culturais com exposição de artes plásticas, que contava com a participação expressiva de artistas de Vitória e Rio de Janeiro, além de muitas outras atividades culturais e sociais. A Polícia Federal então compareceu, porque alguém em Cachoeiro disse que havia tumulto, que tinha isso e aquilo, mas não havia nada de mais, só que quem estava presente ali era a diretoria da CECI, os estudantes e os advogados mais politizados da cidade. A Polícia Federal, com aquela velha inabilidade que é muito característica da polícia do Brasil, quis prender alguém, não queria perder a viagem, e queriam prender exatamente o presidente da CECI, que era eu. Houve resistência, o pessoal começou a bater na mesa e gritar “fora polícia”, “saíam daqui, aqui não é seu lugar”, etc., e ela teve que recuar.

**Paulo Fabres: No depoimento de Michel Misse ele comenta que participou da gestão do Luis Carlos Santana, que sucedeu ao do Bidal, e que entre a geração dele até a sua verifica-se um salto ideológico, uma politização muito grande dos estudantes, ao contrário do grupo dele, que era muito alienado. A que o Senhor atribui esse salto ideológico na sua gestão?**

**Roberto Valadão:** A minha gestão se vinculou a um partido político ideológico, que era o PC do B, que deu uma ajuda inclusive intelectual. Havia muitos intelectuais que eram dessa corrente e que ajudaram muito nas formulações da política da Casa do Estudante. O que nós fizemos de interessante foi transformar a CECI, que era uma entidade assistencialista, como foi na época do Michel e do Luis Carlos Santana, em uma entidade representativa. Passou na verdade a ser as duas coisas, tinha o assistencialismo, como o funcionamento do restaurante e de um dormitório, que abrigava quem precisasse de um apoio, mas ela virou uma entidade mais representativa



do que assistencialista. Nós fazíamos campanhas políticas como, por exemplo, pelo direito de se ter uma escola melhor, fizemos a campanha pela meia passagem para os estudantes nos ônibus urbanos, e também nos vinculamos ao professorado na luta pela qualidade da educação. Editamos documentos escritos por pessoas que conheciam muito as técnicas de educação, e que nos ajudaram muito na luta pela melhoria da educação em Cachoeiro de Itapemirim. Entre elas estavam Sonia Coelho, Vilma Dardengo, Vera Intra, Abgar Torres Paraíso, Solimar Soares da Silva, o próprio Bruno Paraíso, e o Michel Misse, que era muito intelectualizado, Jorge Luis de Souza, Valério Fabres, que lia muito e sempre teve uma grande facilidade de entendimento na área da educação e da política. Havia um grupo muito fortalecido intelectualmente, que orientava muitas políticas da época. Basicamente nos organizamos em torno dos direitos do estudante ter uma escola melhor e ensino de qualidade, dos professores trabalhar em uma escola que possibilitasse desenvolver ações voltadas para a melhoria do ensino, bem como uma vida mais confortável e que permitisse se dedicar ao estudo. O professor sempre foi muito mal remunerado, e a má remuneração tirava as condições de ser melhor preparado para ministrar suas aulas. Nós tínhamos na Casa do Estudante essas políticas de luta, eu sempre digo que a Casa do Estudante, na nossa época, foi muito representativa.

**Paulo Fabres: Vocês fizeram também uma grande reforma na sede da CECI, inclusive com a criação do restaurante para atender aos estudantes, entre outras melhorias. Qual o tipo de apoio externo vocês receberam para realizar essas reformas?**

**Roberto Valadão:** A Casa do Estudante tinha um prédio antigo, com uma parte bem avariada, não a do salão do baile que estava ainda em boas condições. O salão foi construído com a orientação do Pedrinho Herkenhoff, que era engenheiro e matemático, e a obra foi muito bem feita, mas na frente foi construída uma edificação pequena, onde funcionava a secretaria, e essa parte da sede é que estava muito avariada. Nós tivemos então a idéia de ir ao governador do Estado e pedir recurso para fazer um novo prédio,



anexo ao salão de festas. O governador, que na época era nomeado, era o Cristiano Dias Lopes Filho e, apesar de ser da ARENA, nos acolheu muito bem e acionou imediatamente o DEO, que era o departamento de obra do Estado. O DEO pediu a um arquiteto, que era da família Brandão, daqui de Cachoeiro, que fizesse um projeto. Brandão fez um projeto brilhante, o e o governo deu o pontapé de partida para a construção liberando uma verba que representava cinco por cento do valor da obra. Nós então organizamos uma rifa de um automóvel, um Aero Willys, vendemos todos os bilhetes, inclusive entregamos o carro em praça pública. Tivemos um lucro muito grande e ele foi todo aplicado na construção do prédio, principalmente na construção do restaurante, que foi montado com todos os equipamentos como fogão industrial, freezer, etc. Esse restaurante funcionou por muitos anos, serviu aos estudantes que vinham estudar em Cachoeiro e não tinham recursos para bancar os gastos com alimentação. Nesse restaurante servíamos almoço praticamente gratuito, e isso foi muito valioso. Ao lado disso, construímos também um pequeno dormitório para acolher as pessoas que passavam por aqui e não tinham onde ficar, inclusive os estudantes que vinham participar de algum evento em Cachoeiro.

**Paulo Fabres: Voltando a questão ideológica, havia uma preocupação em distribuir textos para discussão interna ou isso fluía naturalmente nesse processo de politização do grupo?**

**Roberto Valadão:** Isso era tudo discutido, nós tínhamos nossas políticas e uma das políticas essenciais da CECI era a luta pela democracia, precisávamos derrotar a ditadura. Nós escrevíamos panfletos, que chamávamos de “mosquitinhos”, pois era um quarto de um papel tamanho ofício, que colocávamos debaixo das portas das residências e das casas de comércio durante a madrugada. Tudo que a ditadura fazia de ruim, como prisões de estudantes, professores, sindicalistas, o assassinato de um padre no nordeste, nós protestávamos e denunciávamos no “mosquitinho”. Como não tínhamos dinheiro para fazer essas coisas, fazíamos no mimeógrafo, em um papel tamanho ofício, que cortávamos em quatro partes e enfiávamos debaixo das portas durante a madrugada,



pois os estudantes não podiam ser vistos com isso na mão. Fizemos um trabalho muito grande, e aí houve uma repressão violenta aqui na CECI, mas nós vencemos essa batalha pela conquista das liberdades e dos direitos individuais. Era tudo um discurso mais ou menos decorado, mais ou menos repetido, e de tanto repetir acho que a nação brasileira entendeu perfeitamente o objetivo. Nós sempre tivemos a consciência de que aquilo que nós fazíamos aqui, que era combater a ditadura, lutar pelos direitos individuais da pessoa humana, pela liberdade da pessoa humana, era também feito por alguém no Amazonas ou qualquer canto deste país, por isso que tínhamos certeza de que iríamos derrotar a ditadura.

**Paulo Fabres: Havia por parte dos estudantes alguma preocupação de estabelecer contato com as lideranças políticas locais para troca de idéias e de se estabelecer algum tipo de cooperação nessa resistência política à ditadura?**

**Roberto Valadão:** Em 1969, quando entrei no MDB, as lideranças políticas começaram a cortejar a Casa dos Estudantes. Quando assumimos a CECI em 1968, nós discutimos muito essa questão de participar de um partido político, mas a maioria era contra, sob a alegação de que o MDB também era feito pela ditadura, que havia extinguido os partidos democráticos que eram o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) antigo, o partido de Ademar de Barros, que era o PSP (Partido Social Progressista) e que durante muito tempo foi o partido de Hélio Carlos Manhães, o PSB (Partido Socialista Brasileiro). Tinha também o PS (Partido Socialista), que era o partido do Sr. Meireles, do professor Deusdedit Baptista, do Elimário Costa Imperial, do Dr. Gilson Carone, Havia outros partidos que eram dissidentes desses partidos principais, e no centro havia o PSD (Partido Social Democrata) que dominava a cena política da época. Esses partidos eram oriundos da Constituição de 1946 e, num ato institucional, a ditadura extinguiu todos eles e criou a ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Nós achávamos que a ARENA e o MDB eram partidos mais ou menos iguais, porque haviam sido criados pela ditadura. A princípio, a gente não se relacionou com a liderança desses dois partidos. Em 1969 nós começamos uma



conversa, iniciamos uma relação com as lideranças do MDB, entre elas o Hélio Carlos Manhães, o Dr. Gilson Carone, o professor Deusdedit, Gerson Moura, Juracy Magalhães Gomes (Jurinha), Abgar Torres Paraíso, e também com trabalhadores, operários e alguns estudantes. Minha mãe era muito politizada, muito católica, ligada a essa área da Igreja mais progressista, e ela me incentivou a entrar no MDB alegando que eu já tinha um nome conhecido, que eu poderia ajudar o partido. O Hélio Carlos, o Dr. Gilson, o Gérson e o Jurinha visitaram minha mãe e a convenceram a me incentivar a entrar no MDB. Eu consultei o pessoal da Casa do Estudante e o grupo ficou mais ou menos dividido. Logo depois, começou a aumentar o grupo que era favorável a entrar no partido e, em 1969, nós decidimos entrar no MDB, eu, o Ronald Mansur, e outros companheiros. Em 1970 eu fui convidado a ser candidato a vice-prefeito de Hélio Carlos Manhães, numa eleição para um mandato de dois anos. Ganhamos essa eleição, e hoje nós podemos atribuir a presença da Casa do Estudante, a liderança da Casa do Estudante, a grande força que levou o Hélio à prefeitura.

**Paulo Fabres: Fala-se muito da importância do prof. Deusdedit, do João Batista Herkenhoff e Luis Cláudio Gazir como pessoas que incentivaram os jovens estudantes daquela época a participar da gestão da Casa do Estudante. Além desses nomes, quais outros exerceram influência sobre os estudantes quanto à participação no movimento estudantil?**

**Roberto Valadão:** Sem dúvida prepondera o professor Deusdedit, que era o professor mais idoso na época e tinha uma grande ascendência. Ele orientava os estudantes, tinha muito boa vontade e era muito atencioso. O professor João Madureira também teve uma influência grande na formação política de muitos estudantes, mas o professor Deusdedit teve uma presença maior. Outros também contribuíram, cada um a sua maneira, como a professora Leiva, a professora Sônia Luzia Coelho Machado, que sempre foi uma orientadora no debate político. O Liceu era muito dividido, havia professores que tinham simpatia pela ARENA e outros que eram mais definidos pela oposição, como os Bermudes, o professor Ávila, entre outros.



**Paulo Fabres: Entre as lideranças da CECI que atuaram durante sua gestão havia uma que se destacava no tocante a mobilização e agitação política do conjunto dos estudantes, que era o Chico Borges. Fale um pouco sobre ele.**

**Roberto Valadão:** O Chico Borges era vice-presidente, uma pessoa muito vinculada ao PC do B, que era um partido clandestino naquela época. O Chico fazia um trabalho muito ativo, queria sempre dar uma arrancada na frente de todo mundo, e a gente dava uma freadinha, para não expor demais. Houve inclusive um episódio que o Chico teve que sumir de Cachoeiro, ele dizia que estava sendo perseguido, que ia ser preso, morto, então ele desapareceu da cidade por um período. Segundo ele, ficou escondido no Rio de Janeiro, pois alegava que iam pegá-lo, tortura-lo, etc. Nós fizemos uma coleta, arranjamos um dinheiro para ele ir embora. Uma vez ou outra ele dava um telefonema, muito escondido, dizia que estava bem. O Chico deu uma contribuição muito grande por causa da sua impetuosidade, era uma pessoa que não tinha medo. Fugiu por um tempo porque a coisa estava feia para o lado dele. Ele tomou iniciativas que foram muito boas para definir situações, como, por exemplo, na questão da meia passagem para estudantes em ônibus urbanos. Ele parou um ônibus, entrou e fez um discurso para os passageiros e começou a quebrar os vidros do ônibus, como forma de pressão para colocar a “Lei do Passe” em execução. Daí para frente as coisas se definiram e os estudantes passaram a pagar meia passagem. Tenho comigo uma ficha de controle de venda das passagens, nós batemos o pé para que as passagens fossem vendidas na CECI e foi feito um acordo nesse sentido. Nós tínhamos pessoas na CECI encarregadas disso, mas o tempo foi passando e as coisas se modificaram posteriormente.

**Paulo Fabres: Houve algum vereador que se aproximou da Casa do Estudante durante sua gestão?**

**Roberto Valadão:** O Jurinha (Juracy Magalhães) que pegou nosso projeto de meia passagem e apresentou na Câmara Municipal, e o projeto foi aprovado por unanimidade.



O prefeito, que era o Nelo Volla Boreli, não quis sancionar a lei, então o projeto voltou à Câmara Municipal e ela promulgou a lei, que entrou em vigor, mas as empresas não queriam aceitar. Os estudantes, orientados pela CECI, entravam nos ônibus com a cópia da lei e com o dinheiro no valor exato da meia passagem e alegavam que só pagariam aquilo que a lei estabelecia. Os motoristas tinham ordem da empresa de fechar as portas dos ônibus e levar os estudantes direto para a delegacia. Isso aconteceu diversas vezes, até o dia em que conseguimos colocar a lei em prática, isso inclusive com a ajuda do Dr. Ailton Barbosa Lima, que era secretário de educação do município.

**Paulo Fabres: O Senhor comentou que uma das preocupações de sua gestão era voltada para a questão da qualidade de ensino. Houve alguma conquista mais concreta ou só se pautou o debate junto aos professores, sem um resultado prático?**

**Roberto Valadão:** Eu acho que nosso trabalho estimulou o sindicato dos professores e também as lideranças políticas de se juntarem nessa luta por melhores condições de trabalho, por uma melhor remuneração, pela melhoria das escolas e da qualidade do ensino. As escolas precisam de muitos instrumentos para os professores ter condições de transmitir conhecimento, isso é universal. A nossa luta era essa porque o ensino aqui estava muito fraco, havia o Liceu e a Escola Técnica de Comércio, mas, de um modo geral, o ensino era muito fraco, Nós tínhamos uma política estabelecida pela diretoria da Casa do Estudante, que era a luta em prol da melhoria do ensino que necessitava ser realizada, e que alguém mais, também, ia apoiar essa luta, e que isso traria um resultado positivo mais na frente.

**Paulo Fabres: Qual era o grau de conhecimento e de envolvimento da comunidade cachoeirense com a CECI? Ela tinha alguma expressão junto à comunidade cachoeirense?**



**Roberto Valadão:** A CECI ganhou uma expressão muito grande com esse trabalho que fizemos. Ela tinha um restaurante e abrigo para estudantes, foram realizados eventos muito importantes, não só eventos sociais, mas também culturais e os voltados para educação. Nós fundamos aqui o primeiro curso pré-vestibular na história do município, e gratuito, porque os professores davam aulas gratuitamente. Entre os professores voluntários estavam o Luis Cláudio Gazir, que era excelente professor de história, e que ficou com a tarefa de organização do curso, a Dra. Vera Intra, professora de português, Ney Santos Viana, o professor Deusdedit, Dr. João Madureira, entre outros. Com as mudanças posteriores na diretoria da CECI o cursinho acabou se extinguindo. O Luis Cláudio Gazir montou um outro cursinho, na antiga entidade São Vicente de Paula, com a autorização da Igreja para utilizar o espaço da instituição. Na Casa do Estudante esse curso funcionou durante quatro ou cinco anos.

**Paulo Fabres:** No depoimento do Michel Misse ele afirma que na passagem da gestão do Luis Carlos Santana para a sua há uma acentuada politização e um maior conteúdo ideológico na atuação da CECI. Entretanto, esses avanços não se sustentam nas gestões que sucederam a do seu grupo. A que o Sr. atribui esse retrocesso no campo da política e da ideologia?

**Roberto Valadão:** As coisas mudaram, houve muita intervenção política na Casa do Estudante. Quem ganhou a eleição na seqüência de nossa gestão foi José Carlos Carvalho, que hoje é uma figura de grande expressão nacional, foi Ministro do Meio Ambiente e atualmente é Secretário de Meio Ambiente do Estado de Minas. O vice dele era Deusdetinho (Deusdeti Azevedo Dias), também brilhante. José Carlos Carvalho concluiu o segundo grau e teve que ir para a Escola Rural do Km 47, onde foi fazer um curso de engenharia florestal, e teve que passar a presidência para Deusdetinho, que concluiu o mandato. Depois vieram outros, como o Jonas Caldara, em seguida Antônio Manoel Barros de Miranda. Em 1973 e 1974 houve tentativas de interferência política dos candidatos ligado à ARENA de Cachoeiro, querendo influir na eleição, e eles





tumultuaram a CECI, como se quisesse que nada desse certo, e realmente, depois disso, pouca coisa deu certo.

**Paulo Fabres: Havia um grupo de pessoas em Cachoeiro muito ligado as idéias integralistas...**

**Roberto Valadão:** Os integralistas daqui eram gente de mais cultura, e eles não deram trabalho nenhum para gente, apesar de ser adversários ligados a ARENA. Havia o Dodô (Deolindo Tavares Costa), Davi Loss, o pessoal do Centro Operário, que também era integralista, como o Nelson Silvam, e tinha o pessoal de Burarama, como a família Gava e Dardengo, As pessoas não eram muito visíveis mas eram atuantes,

**Paulo Fabres: Durante a sua gestão a CECI chegou a ter algum grupo organizado envolvido com teatro, cineclube e outras atividades culturais?**

**Roberto Valadão:** Nós promovemos muitos espetáculos de teatro, inclusive fomos a primeira cidade do interior que foi visitada pelo *“Show do Criolo Doido”*, do Stalinaw Ponte Preta, *“Dois Perdidos numa Noite Suja”*, do Plínio Marcos, que era um espetáculo fantástico e que tinha Roberto Pirilo no elenco, além de outras peças teatrais que foram encenadas na CECI. O Pirilo inclusive veio a Cachoeiro umas três vezes. Na época nós criamos um vínculo com alguns artistas de expressão nacional que vieram aqui ajudar a Casa do Estudante, O Jacó Miranda, que era um estudante de Viçosa, e que hoje tem uma empresa de publicidade em Cachoeiro, sempre foi muito interessado em teatro, formou um grupo em Cachoeiro e também sempre trazia peças para serem apresentadas aqui. A Casa do Estudante organizou um grupo de teatro com o Nena Medeiros e outros atores locais, e eles fizeram uma encenação muito boa da peça Vida e Morte Severina, de João Cabral de Melo Neto, e muitas outras peças que foram encenadas na CECI. Organizamos também muitos shows de música e promovíamos



também as “domingueiras dançantes”, que era uma atividade social que vinha desde a época do Pedrinho Herkenhoff,

**Paulo Fabres: Qual a característica que o Senhor considera como mais marcante de sua gestão na CECI?**

**Roberto Valadão:** O expressivo para mim foi a atuação política da CECI contra a ditadura, sem dúvida foi a atuação mais importante e vigorosa. Nós achamos que influímos muito nessa época para que mais pessoas passassem a lutar contra a ditadura. Os discursos eram muito repetidos nessa questão dos direitos individuais e dos direitos políticos perdidos, em defesa das liberdades democráticas. A nossa maior luta era pelas liberdades e pela democracia, A gente tinha consciência de que muitas pessoas, nos quatro cantos do país, faziam mesma coisa, e nós fizemos muito bem a nossa parte. Houve muita preocupação, muito desgaste, muita gente foi presa, torturada. Havia opressão de todo tipo, por parte do exército, da Polícia Federal, a CECI foi vasculhada várias vezes, fizeram muita covardia. Houve uma vez que chegou um grupo do exército com metralhadoras na mão, e uma das cenas que deve ser guardada para a eternidade foi a de Deusdetinho, franzino, uma pessoa boa, generosa, encostado na parede com um bico de metralhadora no umbigo dele. Esta é uma cena que qualquer um que vê fica revoltado

**Paulo Fabres: Algum outro registro que o Senhor gostaria de fazer sobre essa época?**

**Roberto Valadão:** Quero deixar um registro de agradecimento a todos que estiveram conosco nessa luta, pois todos deram uma contribuição muito importante nesse processo de luta pela democracia, pela liberdade e pelos direitos individuais. É interessante que naquela época, nós já abordávamos um tema que os partidos políticos abordaram durante a Assembléia Nacional Constituinte, isso através dos nossos panfletinhos, os



“mosquitinhos”, e também através do jornal “Impacto”, que teve edições excelentes, de qualidade, inclusive com uma tiragem maior do que os jornais de circulação estadual, e era distribuído gratuitamente, de casa em casa. Isso tudo foi uma contribuição para formação de uma consciência política que a nação brasileira precisava naquela época, o entendimento de que a liberdade do homem era o principal objetivo de todo projeto político. Acho que nisso aí nós demos uma contribuição muito grande, e quero agradecer a todos os companheiros que estiveram conosco nesse momento.

**Paulo Fabres: Obrigado pelo seu depoimento**

Cachoeiro de Itapemirim. 05 jun. 2009.



## **Depoimento de Ronald Mansur<sup>14</sup>**

### **Paulo Fabres: Como foi o contato do Senhor com o movimento estudantil de Cachoeiro, em especial com a Casa do Estudante?**

**Ronald Mansur:** Quando eu saí de Castelo em 1968, eu fui fazer vestibular de geografia na Ufes, mas não vim imediatamente para Vitória, fiquei em Cachoeiro por um ano. Fui neste momento que tive contato com a Casa do Estudante e acabei me tornando tesoureiro da CECI no final da gestão do Roberto Valadão, que tinha o Chico Borges como vice-presidente. Nessa época o secretário era o Glauco Oliveira, e morava na Casa do Estudante o José Carlos Carvalho, que hoje é Secretário de Meio Ambiente do governo de Minas Gerais, e José Arlete Francisqueto, ambos cursavam o segundo grau. Era uma época que o regime militar estava endurecendo, e a gente já sabia o que estava acontecendo na vida política do país. Lembro que em agosto de 1969 nós recebemos uma intimação para comparecer à Polícia Federal em Vitória, sob alegação de prestar esclarecimento sobre um documento que havia sido distribuído pela CECI, só que depois descobrimos ser apenas uma provocação da polícia, não havia o tal documento. O fato é que diante essa intimação, nós fomos à prefeitura conversar Nelo Vola Borelli, que era o prefeito na época, pedir um carro emprestado para irmos à Vitória, e fomos também conversar com o Juiz Pedro Borges Resende, comunicar à ele essa intimação da Polícia Federal. Pedro Borges Resende falou então que iria mandar um oficial de menores junto com os convocados, pois achava que poderia acontecer alguma coisa mais grave. Valadão então falou que não precisava, que não ia acontecer nada, mas ele virou para Valadão e disse: “você não sabe o que está acontecendo pelo Brasil afora”. Na verdade a gente sabia, porque a essa altura o Chico Borges já estava clandestino e o Arildo Valadão também já estava começando a sair do cenário, e logo depois foi terminar no Araguaia. A convocação era para dois dias, chegamos na Polícia

---

<sup>14</sup> Ronald Mansur é jornalista, atuou no jornal O Momento da PMCI, no O Diário, A Tribuna e na rede Gazeta.



Federal iniciamos os depoimentos, e no transcorrer deles me perguntaram se eu tinha algum parente subversivo, respondi que não, apesar ter um primo, o Renato Soares, que estava envolvido na luta política. Então ele me apresentou um documento e pediu que eu assinasse, se concordasse com o que estava escrito, e se não concordasse eu teria que esperar. No dia seguinte apareceu um rapaz que havia morado na CECI, e então descobrimos que foi ele quem havia roubado os documentos dos nossos arquivos e entregue à polícia. No decorrer dos depoimentos no segundo dia, quando Glauco estava sendo interrogado, ele levantou para ver qual era o documento que o policial tinha em mãos e viu que era relacionado à fábrica de cimento, contra o João Santos. Então o policial falou: “poxa, é erro, esse documento é antigo, é de antes da década de 1960”. Na verdade tudo era uma cilada que eles estavam armando para nós, ou seja, o cerco estava começando a se fechar, era o princípio da intimidação. Tanto é que quem veio depois para a Casa do Estudante, como Deusdetinho (Deusdet Azevedo Dias), sofreu muito mais do que o nosso grupo. Mesmo depois da minha vinda para Vitória, eu sempre freqüentava a CECI quando ia a Cachoeiro, e em 1972, quando se estava comemorando cinquenta anos da Semana de Arte Moderna, apareceu um jornal de São Paulo lá na Casa de Estudante, e quando a Polícia Federal bateu lá e viu aquela pilha de jornal, eles falaram: “daqui uns dias isso vai estar lá em Vitória”, ou seja, a Casa de Estudante era tida como um foco. Segundo relatos, houve um período que o delegado de Cachoeiro, era o Willy Junquilha, um capitão da polícia, e ele viu um determinado documento na Casa do Estudante que poderia comprometer o pessoal, então ele escondeu esse documento da Polícia Federal. Essas coisas precisam ser registradas, como a posição do juiz Pedro Borges Resende, que foi também muito relevante, porque um outro poderia simplesmente dar as costas e dizer, “se vira pra lá, vocês são subversivos, não tenho nada com isso”. Essa posição do Dr. Pedro, você olhando com retrocesso, quarenta anos depois, é algo emocionante. Eu lembro também que a Casa do Estudante tinha uma cozinheira, chamada Dona Jacinta, que gostava muito de uma macumba, de fazer uns despachos, e ninguém lá acreditava nisso, mas no dia que nós viemos para a Polícia Federal, ela pegou um punhado de sal e jogou para trás e falou: “não vai acontecer nada com vocês”, e todo mundo acompanhou ela nesse rito. Ela era uma pessoa de idade, como uma mãe para a gente, e por esses gestos você percebe o grau de desespero das pessoas nessas situações. Eu lembro que mais à frente, numa



madrugada, a gente estava na sede da CECI fazendo carteirinhas, esse rapaz que pegou o documento na CECI e entregou à Polícia Federal, apareceu por lá e a gente ouviu um barulho e vimos que era ele, ele então saiu correndo e nós fomos atrás e fomos pega-lo em frente à sede antiga da prefeitura. Ele era uma pessoa instrumentada por alguém de Cachoeiro para fazer espionagem.

**Paulo Fabres: O Senhor tem lembrança de alguma outra ação da Polícia Federal contra a Diretoria ou contra eventos promovidos pela CECI?**

**Ronald Mansur:** Nessa época que eu participei não, mesmo porque, naquele momento, não se tinha muitas promoções sendo realizadas e todos já trabalhavam com um pé atrás, mais na surdina. Uma boa ilustração desses cuidados que passaram a ser adotados, foi uma conversa que Valadão teve com uma pessoa clandestina que passou na Casa do Estudante, esse encontro foi feito no porão, longe da curiosidade alheia. Foi uma época difícil, o cerco estava se fechando. Certa vez viajamos para o Rio de Janeiro e fomos à casa de Batistinha (Demistóclides Batista)<sup>15</sup>, que estava vindo do exílio no Uruguai, e virou para Valadão e disse: “hoje, eu quero sair onde tem gente, até um grupo de escoteiro se me aceitar eu quero estar junto. Por isso eu vou para o Maracanã, torcer pelo Flamengo, eu quero estar onde tem gente, eu quero participar”.

**Paulo Fabres: Com relação ao caráter ideológico do movimento estudantil, havia uma consciência clara do que estava acontecendo no país e um direcionamento ideológico das ações das lideranças estudantis?**

**Ronald Mansur:** Todos sabiam o que estavam acontecendo, e todos tinham uma posição ideológica firmada, mas não me lembro se alguém, naquele momento, pertencia a algum agrupamento político. Na verdade, vivia-se com muito medo. Do grupo, eu lembro que José Arlete foi preso, acho que em 1971, junto com o pessoal do PC do B, assim como a Miriam Leitão, Marcelo e outras pessoas, era um grupo grande. Todos eram conscientes, não tinha gente inocente, todos tinham uma ideologia, mas não era

---

<sup>15</sup> Batistinha foi um dos cem primeiros cassados pelo governo militar com base no AI-1 (Ato Institucional nº 1) em 9 de abril de 1964, conforme a Fundação Perseu Abramo.



uma coisa de massa porque o cerco estava fechando. A Casa do Estudante promovia os bailes, tocava o restaurante, emitia as carteirinhas estudantis, era uma espécie de última sentinela, mas a gente sabia claramente o que estava acontecendo no país. Tanto é que uma vez fomos à Campos Sales, no Rio de Janeiro, encontrar com Chico Borges, que estava clandestino e a gente foi a um barzinho chamado Jiló Frito. A gente tinha um pé atrás com umas lideranças políticas de Cachoeiro, o pessoal da Arena, como o Nelo Boreli, Ferraço, e outros. A gente fazia uma ponte era com o João Madureira, reuníamos para conversar na casa dele, que era um ponto de encontro interessante, assim como a casa de Dona Nair Coelho Santos, irmã de Salomé, que tinha uma boa biblioteca, esses locais de encontros eram as nossas trincheiras.

**Paulo Fabres: Houve um momento em que se colocou na Casa do Estudante a proposta para as lideranças estudantis aderirem ao MDB, partido criado pelo Regime Militar, mas que era tido como de oposição. Fale um pouco sobre isso.**

**Ronald Mansur:** Eu pessoalmente era contra a entrada de Valadão no MDB para sair como candidato a vice-prefeito de Hécio Carlos Manhães. Naquele momento eu achava que não deveria, mas o tempo mostrou que não, eu tinha dezenove anos, não tinha muita clareza no que aquilo ia dar, O pessoal da Cassa do Estudante naquele momento formava grupo muito pequeno, e não houve nenhuma contestação, ninguém bateu de frente em relação a isso. Nós éramos uma espécie de ilha, havia poucas pessoas que circulavam na esfera da CECI. Lembro que a gente sempre reclamava que as pessoas que tinham passado pela CECI e depois tinham saído para o Rio não voltavam para dar um apoio para quem ficou. Anos depois eu cometi o mesmo pecado, pois saí de Cachoeiro e também não voltei. Na época a gente não entendia isso, hoje agente compreende que as pessoas vão construir outra história, tem uma outra vida para tocar.

**Paulo Fabres: O Senhor participou da luta pela instituição do passe escolar?**

**Ronald Mansur:** Não, isso foi em 1968, quando chequei o passe escolar já existia e era vendido pela Casa do Estudante.



**Paulo Fabres: Qual era o grau de mobilização da CECI sobre o conjunto dos estudantes, sejam nos eventos políticos, culturais ou esportivos?**

**Ronald Mansur:** No tempo que passei lá, em 1968 e 1969, o movimento que havia era em torno dos bailes, que também já estava minguando, não havia mais um movimento cultural expressivo, já havia passado esse tempo. O papel da Casa do Estudante se resumia à emissão de carteirinhas, a venda de passes escolares, e tinha também o restaurante. Houve também o festival de música, mas não havia grandes movimentos, a Casa do Estudante, naquele momento, tinha se tornado numa ilha.

**Paulo Fabres: Um evento que se tornou importante na gestão do Roberto Valadão foi a comemoração da Semana do Estudante, fale um pouco sobre esta atividade.**

**Ronald Mansur:** Era uma tentativa de resgatar alguma coisa do passado, onde você reencontrava as pessoas, mas não era um movimento de massa. O Brasil estava vivendo um apagão, e a gente vivia isolado. A gente, na juventude, achava que sabia tudo, mas na verdade a gente estava vivendo o que vivia o Brasil. Costumo dizer que na Argentina se matou muito mais do que no Brasil, só que aqui se matou o que havia na mente das pessoas, ou seja, um apagão de informação, o que gerou conseqüências ruins até para os dias de hoje. Hoje você encontra pessoas com as quais não conversa causa de desavenças passadas. Quando a maturidade vai chegando, você vai vendo como que nós erramos, como fomos sectários ao achar que éramos os donos da verdade, e acabamos agindo igual ao sistema, de cima para baixo. Existem marcas que permanecem até hoje entre pessoas que circularam na CECI, coisas que você não quer lembrar, pessoas que você não quer encontrar.

**Paulo Fabres: Havia um grupo situado mais de direita em Cachoeiro que disputou com pessoal que se posicionava de uma forma mais progressista. Qual é a lembrança que o Senhor tem das disputas que se deram no campo ideológico?**

**Ronald Mansur:** Quando cheguei à CECI esse pessoal já não fazia mais frente, acho que nas eleições que aconteceram mais à frente, como a de Deusdetinho, esse pessoal





nem concorreu. Eles não participavam mais, não tinham mais a força que tinham no passado, cada um ficou do tamanhozinho dele mesmo. Não me lembro das eleições, a presença do pessoal de direita já era menor, embora se soubesse quem era dessa turma. Mas se você olhar havia também uma coisa infantil do outro lado, como o Tenente Farid, com o culto à bandeira brasileira, mas que não tinha uma posição ideológica formada de oposição à CECI, nem fora dela.

**Paulo Fabres: Havia algumas pessoas que tiveram uma influência grande sobre as lideranças estudantis. Qual a lembrança que você tem dessas lideranças, que eram professores, advogados, progressistas e intelectuais da cidade?**

**Ronald Mansur:** Como eu não estudei em Cachoeiro, eu cheguei em 1968 e saí em 1969, é só tenho informações sobre essas influências, como a dos Herkenhoff, que fundaram a Casa do Estudante. Mas esse pessoal não tinha mais essa influência, isso era coisa do passado. A CECI emitia as carteirinhas de estudantes, vendia os passes escolares, montaram um cursinho que durou por um tempo, havia o restaurante, abrigavam-se lá algumas pessoas, mas já estávamos caminhando para o precipício, para o vazio.

**Paulo Fabres: O Senhor fala do “apagão” que se abateu sobre a Casa do Estudante, o que provocou esse esvaziamento?**

**Ronald Mansur:** As pessoas foram cuidar de suas vidas, e não havia um fluxo de informação mais consistente que desse um quadro mais real do momento político do país estava atravessando. Sabia-se o que estava acontecendo no Araguaia, de pessoas que estavam clandestinas, mas não chegavam mais informação. Foi um abalo tão grande que as pessoas ficaram perdidas, cada uma foi cuidar da sua própria vida, as lideranças não se renovaram, quarenta anos depois não se tem mais movimento estudantil. Só que naquela época era uma coisa pesada que estava chegando, e cada um se refugiou dentro de si. E isso era uma coisa programada. O José Carlos Carvalho alguns anos depois se tornou amigo do ministro de educação da França, e esse amigo comentou certa vez com que enquanto o “ministro da educação” no Brasil fosse os meios de comunicação, nós



estariamos perdidos. A educação brasileira era feita pelos meios de comunicação, que além de omissos eram comprometidos com o sistema. A repressão política veio sabendo exatamente o que ia fazer, a violência era mais escondida, a população não sabia e a gente não conseguia passar essa informação também. Em determinado momento desse período Arildo Valadão mandou uma carta para Dona Helena falando que iria para clandestinidade. O grupo ali segmentou, o que estava acontecendo no entorno era muito pesado, e hoje a gente vê que era maior do que a gente imaginava. As pessoas que passaram pela Casa de Estudantes se tornando clandestinas, como o Arildo, que morreu no Araguaia, a perseguição à Batistinha, e todo mundo ficou dentro de casa, se encastelou, porque era realmente pesado.

**Paulo Fabres: Nesse seu período na CECI havia alguma publicação, um jornal estudantil?**

**Ronald Mansur:** A Casa do Estudante tinha um jornalzinho, mas era uma grande dificuldade de imprimir, pois tinha que ser impresso em Jerônimo Monteiro, e não tinha mais peso junto a massa estudantil. É faltar com a verdade falar que tinha alguma penetração entre os estudantes, não tinha, tinha peso na cabeça das pessoas que faziam o jornal, mas na prática não.

**Paulo Fabres: O Senhor acha que a Casa do Estudante em algum momento foi um local de resistência à ditadura militar?**

**Ronald Mansur:** Era uma trincheira de pessoas inconformadas, um local de encontro para analisar o que estavam acontecendo, como foi a casa do Dr. João Madureira por muitos anos, aonde a gente ia para conversar sobre as coisas que não eram publicadas na imprensa, onde fazíamos as nossas interpretações sobre a conjuntura do país. A casa do Dr. João Madureira também foi uma grande trincheira onde a gente atravessava a madrugada conversando. Sempre que chegavam a Cachoeiro pessoas do Rio ou de Vitória que tinham visão política a casa do Dr. João era o ponto de encontro. Tem uma passagem de quando vim trabalhar no jornal A Tribuna em Vitória, o Eustáquio



Palhares um dia foi na casa do João Madureira, e na volta ele falou: “Mansur, agora eu sei de que fonte você bebe”. Era realmente uma fonte de sabedoria.

**Paulo Fabres: Para o Senhor o que sobressai, o que se destaca ao longo se sua passagem pela Casa do Estudante?**

**Ronald Mansur:** O mais marcante foi a solidariedade e o convívio que nós tivemos, coisa que permanece até hoje, e essa convivência abriu a cabeça das pessoas que estavam envolvidas. Infelizmente foram poucos que freqüentaram a Casa do Estudante, porque lá não tinha a massa estudantil.

**Paulo Fabres: O Senhor credita essa fase da política estudantil de pouco atividade à incapacidade das lideranças de aglutinarem o conjunto dos estudantes ou à forte repressão instaurada no país pelo regime militar?**

**Ronald Mansur:** Era um conjunto, por um lado a repressão que vinha apertando, como já vinha acontecendo vários episódios no Rio de Janeiro, e também a uma inépcia nossa, havia mais vontade que capacidade. Como eram todos jovens que buscavam definir o centro ideológico, você não trabalha para juntar gente. Isso na verdade é uma coisa muita mais complexa, pois envolve também uma mudança na economia que estava passando de rural para a urbana, nos meios de comunicação, mas quando você está no meio desse turbilhão não dá para perceber isso.

**Paulo Fabres: Para o Senhor a Casa do Estudante contribuiu efetivamente na formação de alguns intelectuais cachoeirenses, visto que por lá passaram vários jornalistas, juristas, professores?**

**Ronald Mansur:** Lógico, ela teve um papel importante, mas durante minha passagem por lá o grupo era pequeno em relação as necessidades. Acho que nesse período, quando Valadão foi presidente, quando o regime afunilou mesmo, houve um gargalo, menos



peessoas participaram. Mais à frente, quando Deusdetinho foi presidente, a participação foi maior, mas depois voltou a minguar.

**Paulo Fabres: Ao longo de sua atuação na CECI, quais lideranças estudantis o Senhor destaca como as mais atuantes?**

**Ronald Mansur:** A grande liderança era Valadão, um grande companheiro, solidário, ele foi sem dúvida a maior liderança desse período, e se você olhar a história da Casa do Estudante foi ele quem chegou mais longe no panorama político.

**Paulo Fabres: Como o Senhor acha que é o sentimento da população de Cachoeiro em relação à Casa do Estudante?**

**Ronald Mansur:** Eu não tenho uma opinião formada sobre isso, mas a CECI emitia a carteirinha de estudante que era usada para pagar meia entrada no cinema, lutou pelo passe escolar, então aí ela tem um peso. Eu não sei qualificar ou quantificar que tamanho é esse sentimento da população em relação à CECI, mas essas iniciativas representaram um alívio no bolso de muitas famílias. Lógico que antes de nosso período houve muita movimentação e uma grande efervescência, tanto é que o tal documento que gerou nossa intimação para depor na Polícia Federal era de coisas anteriores a 1964, época em que havia uma participação política na sociedade. Com o golpe de 1964 a situação começou a mudar. Em 1968 e 1969, quando passei pela Casa do Estudante já estava no processo de fechar a torneira, e o foco deixou de ser o movimento estudantil e passou para outras questões, e isso aconteceu no Brasil todo.

**Paulo Fabres: Há algum outro registro que o Senhor gostaria de fazer a respeito do movimento estudantil em Cachoeiro?**

Ronald Mansur: Eu acho que o que nós estamos fazendo hoje, falando para você, a gente poderia ter feito isso lá atrás. Mas certas coisas só vem com o tempo, com a maturidade, quando você passa a valorizar a história, quando você deixa o sectarismo de lado, e isso deveria ter acontecido lá atrás. Quem deve contar a história é quem viveu a



história e quem tem uma afinidade com ela, porque senão outras pessoas é que vão contar a história para gente. A gente vê Cachoeiro perdendo importância econômica e política, passando para Vitória, mas foi um centro importante que foi diminuindo seu peso. O período que passei em Cachoeiro foi muito importante em termos de convivência com os companheiros que estavam lá. Poderiam acontecer coisas bem piores naquela época, mas violentas, pois algumas vezes chegamos a ser desafiadores. Muitas das lideranças políticas daquela época são as mesmas de hoje, só que elas possuem o poder, não houve renovação e a cidade continuou a mesma. O que nós fizemos naquela época poderia ter feito com mais abrangência. Acontece que a repressão era uma coisa nova na nossa realidade política. Era aquilo que o ministro da educação da França comentou com José Carlos, de que enquanto no Brasil os meios de comunicação passam a ser o “ministro da educação” não há alternativa para o país, pois não há efetivamente uma política educacional. Nós não temos memória, o que você está fazendo nós deveríamos ter feito lá atrás, porque não tínhamos informação, ou seja, éramos uns aventureiros, nós estávamos falando para meia dúzia que eram definidos ideologicamente. A CECI iniciou como um movimento de Igreja, depois é que se define ideologicamente mais à esquerda.

**Paulo Fabres: Obrigado.**

**Vila Velha/ES, 16 de Setembro de 2009**

---

<sup>i</sup> Projeto de pesquisa apoiado pela Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim através da lei Rubem Braga com apoio da UNIMED-SUL (ES), e realizada em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias (NEI), órgão vinculado ao Departamento de Ciências Sociais (DCSO) da Universidade Federal do Espírito Santo